

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, CAMPUS ASSIS.**

ROANA DE JESUS BRAGA

**VÍNCULO ENTRE DOCENTES E IDOSOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À
TERCEIRA IDADE (UNATI) DE ASSIS**

Assis-SP
2021

ROANA DE JESUS BRAGA

Vínculo entre docentes e idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) de Assis

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Psicologia social

Orientadora: Mariele Rodrigues Correia

Co-orientadora: María Antonieta Pezo del Pino

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Assis-SP
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

B813v Braga, Roana de Jesus
Vínculo entre docentes e idosos da Universidade Aberta
à Terceira Idade (Unati) de Assis / Roana de Jesus Braga.
Assis, 2021.
100 f.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mariele Rodrigues Correa
Coorientadora: Dra. María Antonieta Pezo del Pino

1. Psicanálise vincular. 2. Vínculo duplo (Psicologia).
3. Professores e alunos. 4. Universidade Aberta à Terceira
Idade - (Unati). I. Título.

CDD 616.8917

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: VÍNCULO ENTRE DOCENTES E IDOSOS DA UNIVERSIDADE
ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DE ASSIS

Autora: Roana de Jesus Braga

Orientadora: Mariele Rodrigues Correia

Co-orientadora: María Antonieta Pezo del Pino

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA,
área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARÍA ANTONIETA PEZO DEL PINO
(Participação Virtual) USP/Sao Paulo

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Participação
Virtual) Departamento de Psicologia Clínica /
UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. GABRIEL INTICHER BINKOWSKI
(Participação Virtual) Instituto de Psicologia / USP/São
Paulo

Assis, 11 de novembro de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento de reconhecer as contribuições vinculares que emanam das várias pessoas que ajudaram a compor esse trabalho. É tempo de enaltecer os sujeitos singulares e plurais que compõem o meu tecido vincular, dando apoio, afetos e ensinamentos. Levo todos no meu coração com carinho e esmero por tê-los em minha vida.

Primeiramente, agradeço aos meus pais que me deram suporte para a realização do mestrado e me auxiliaram a lidar com as intempéries do caminho. São pessoas muito carinhosas que transmitem sabedorias de vida e ajudam na minha trajetória. Amo vocês!

Agradeço a Nina que sempre me tratou com carinho, admiração e fez companhia durante a pandemia. Ela acompanhou os momentos difíceis e os felizes, sendo uma parceira na minha trajetória.

Compartilhei essa experiência com três amigos maravilhosos da mesma turma de mestrado: Elisa, Gabriel e Jaime. Dividimos as dores, as frustrações, alegrias e a diversão de fazer parte da pós-graduação da UNESP, campus Assis. Assim, construímos um vínculo bonito de apoio e cuidado mútuo. Gratidão!

Agradeço a Juliana que é uma cinéfila belíssima que também estuda vínculos. Nossas conversas são frutíferas, compartilhamos muitos filmes, séries, teorias e problemas pessoais. Conversamos sobre nossos próprios vínculos e fizemos uma leitura prática da teoria em busca de entender a vida.

Tive o prazer de conhecer Antonieta, uma mulher muito generosa que se dispôs a ajudar na orientação deste trabalho. Ela se empenhou em auxiliar no desenvolvimento da dissertação sem ganhar nada em troca. É uma excelente supervisora com quem tive o prazer de aprender sobre Kaës, atendimento clínico e a docência. Guardarei seus ensinamentos e sua bondade com carinho em meu coração.

Obrigada a todos os membros do grupo de estudos da Antonieta sobre Kaës: Any Waisbich, Luiz Eduardo, Jane Glaiby e Roseclair Lima. Nossas reflexões de terça à noite me ajudaram a construir esse trabalho e aprendi muito sobre a prática clínica com as falas de vocês. É uma honra estar diante de tanta generosidade e sabedoria.

Jane Glaiby muito obrigada pela sua disponibilidade e gentileza em ouvir minhas dúvidas sobre a estrutura da dissertação. Admiro muito a mulher guerreira que você é e fico feliz de acompanhar a sua luta por um mundo melhor.

Particpei da UNATI por muitos anos e fui bem acolhida pela administração e as coordenadoras. Foi uma experiência enriquecedora estar inserida no programa e ter contato com os participantes da terceira idade que sempre me receberam tão bem.

Foi um prazer fazer uma pesquisa de mestrado na UNATI de Assis, esse é um programa que eu admiro e levo no coração com esmero. Agradeço a cada pessoa que ajudou nesse processo e em especial aos professores/oficineiros que foram gentis e receptivos.

Obrigada ao Núcleo de Atendimento ao Imigrante (Veredas), os encontros semanais foram enriquecedores, proporcionaram ensinamentos importantes sobre a psicanálise que ajudaram a pensar a análise dos dados dessa pesquisa.

Agradeço a universidade que me acolheu e minha orientadora que me aceitou no processo seletivo. Também sou grata pela possibilidade de fazer o mestrado com a bolsa CAPES que me permitiu dedicar mais tempo à pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

BRAGA, R. J. Vínculo entre docentes e idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) de Assis. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

As Universidades Aberta à Terceira Idade (UNATI) proporcionam a construção de um tecido vincular que une idosos, docentes e a instituição que acolhe o programa. Desse modo, esses vínculos causam indagações que instigam a realização de uma pesquisa acadêmica qualitativa em prol de entender como são esses enlaces da UNATI. Assim, o objetivo da dissertação é identificar as especificidades do vínculo estabelecido pelos docentes com seus alunos idosos na UNATI da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Assis. Para tanto, busca-se pela perspectiva dos professores/oficineiros: explorar os sentidos e significados atribuídos ao vínculo com os idosos da UNATI; identificar as dificuldades enfrentadas no vínculo com os mais velhos; investigar como é o vínculo entre os docentes e a instituição. Para alcançar esse objetivo foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas por meio da plataforma digital Google Meet, que posteriormente foram transcritas. As entrevistas foram atravessadas pela pandemia da SARS-Cov-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), que modificou o modo de funcionamento da UNATI. Devido a essa intempérie, a dissertação foca nas vivências anteriores a pandemia, de quando havia encontros semanais entre docentes e alunos. Foi utilizada a “Análise de Conteúdo” de Bardin composta em três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O material foi analisado à luz das teorias da psicanálise vincular, com a contribuição de autores como Kaës, Puget, Berenstein e das discussões sobre iniciativas voltadas para a velhice que deram origem à UNATI no mundo e no Brasil. Assim, elencou-se seis categorias a partir das entrevistas: a) como é o vínculo dos professores/oficineiros com a instituição, o convívio com os membros da administração e a coordenação; b) as especificidades do vínculo formado entre docentes e alunos no cotidiano das aulas/oficinas; c) Influência de vínculos anteriores com a terceira idade; d) os conflitos provenientes do encontro entre sujeitos singulares; e) o grupo como espaço de elaboração; f) os processos de identificação. Conclui-se que o docente constrói um tecido vincular com seus alunos para além da proposta inicial de ensino e aprendizagem. É um enlace afetivo de compartilhamento, onde os professores/oficineiros também aprendem, formando um espaço de co-aprendizagem e co-pensar.

Palavras-Chave: Psicanálise vincular; vínculo entre docentes e alunos; Universidade Aberta à Terceira Idade.

BRAGA, R. J. Link between teachers and seniors at the Open University for the Third Age (UNATI) from Assis. 2021. Dissertation (Masters in Psychology) São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2021

ABSTRACT

The Open Universities for the Third Age (UNATI) provides the construction of a bonding fabric that unites the elderly, teachers and the institution that hosts the program. In this way, these links cause questions that instigate qualitative academic research in order to understand how these UNATI links are. Thus, the objective of this essay is to identify the specificities of the links established by professors with their elderly students at UNATI from Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus of Assis. To this end, through the perspective of teachers/workers was sought: to explore the senses and meanings attributed to the link with the elderly at UNATI; to identify the difficulties faced in bonding with the elderly; to investigate the link between teachers and the institution. To achieve this goal, five semi-structured interviews were conducted using the digital platform Google Meet, which were transcribed. The interviews were crossed by the SARS-Cov-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2) pandemic, which changed the way UNATI works. Due to this, the dissertation focuses on experiences before pandemic, when there were weekly meetings between teachers and students. Bardin's "Content Analysis" was used, which consists of three steps: pre-analysis; exploration of the material; treatment of results, inference and interpretation. The material was analyzed in accordance with the theories of Linking Psychoanalysis, with the contribution of authors such as Kaës, Puget, Berenstein and with discussions on initiatives directed to old age that gave rise to UNATI in Brazil and in the world. Therefore, six categories were listed from the interviews: a) how is the link between teachers/workers and the institution, and the interaction between members of the administration and coordination; b) the specificities of the link formed between teachers and students in the daily life of classes/workshops; c) the influence of previous links with the elderly; d) the conflicts arising from the encounter between singular individual; e) the group as a space for elaboration; f) the identification processes. It is concluded that the teacher builds a fabric to link with their students beyond the initial teaching and learning proposal. It is an affective bond of sharing, where teachers/workers also learn, forming a space for co-learning and co-thinking

Key words: Psychoanalysis linking; link between professors and students; open universities for the third age.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.	CAPÍTULO: UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE.....	18
2.1.	Origem dos programas de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).....	18
2.2.	Origem da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) de Assis.....	22
2.3.	Descrição do Programa.....	24
2.4.	Participantes da UNATI.....	26
2.	CAPÍTULO: TEORIA DOS VÍNCULOS NA PSICANÁLISE.....	28
3.1.	Origem do conceito de vínculo.....	28
3.1.	Vínculo na obra de Wilfred Bion (1897-1979).....	31
3.2.	Vínculo na obra de Enrique Pichon-Rivière (1907-1977).....	32
3.3.	Vínculo na obra de Marcos Bernard.....	33
3.4.	Vínculo na obra de Janine Puget (1926-2020).....	35
3.5.	Vínculo na obra de Isidoro Berenstein (1932-2011).....	37
3.5.1.	<i>Ajeno e a alteridade</i>	38
3.6.	Vínculo na obra de René Kaës (1936 - atualmente).....	41
3.6.1.	Intersubjetividade.....	43
3.6.2.	O vínculo e as alianças inconscientes.....	44
3.6.3.	As alianças estruturantes secundárias.....	46
3.	CAPÍTULO: AS ESPECIFICIDADES DO VÍNCULO ESTABELECIDO ENTRE DOCENTES E OS ALUNOS IDOSOS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI), ASSIS.....	50
4.1	Procedimentos de coleta de dados.....	50
4.2.	Participantes da pesquisa.....	50
4.2.1	Apresentação da entrevistada Elisa.....	51
4.2.2.	Apresentação da entrevistada Maria.....	52
4.2.3	Apresentação do entrevistado Gabriel.....	53
4.2.4	Apresentação do entrevistado Jaime.....	54
4.2.5	Apresentação da entrevistada Juliana.....	55
4.3.	Categorias.....	55
4.3.1	Vínculos entre docentes e a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).....	58
4.3.2	Vínculo entre docente e aluno.....	65
4.3.3	O grupo como espaço de elaboração de dificuldades.....	80

4.3.4	Influência de vínculos anteriores com a terceira idade.....	85
4.3.5	Dificuldades no enlace: diferença na vivência do tempo e os conflitos.....	91
4.3.6	Olhar-se no espelho.....	98
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
	ANEXO 1.....	114

1. INTRODUÇÃO

A quantidade de idosos no Brasil vem aumentando exponencialmente nos últimos anos e é previsto que em 2050 o número de pessoas com mais de 60 anos represente em torno de 30% da população, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019). A mudança demográfica ocorre devido à interação de alguns fatores, tais como as taxas de natalidade e as de mortalidade. Primeiramente, há uma redução das taxas de mortalidade que posteriormente é acompanhada de uma redução da natalidade (MIRANDA, MENDES, SILVA, 2016). A mudança demográfica influenciou tanto o número de idosos quanto de jovens na sociedade brasileira.

Em 2010, como estudado, existiam no país 20,5 milhões de idosos, aproximadamente 39 para cada grupo de 100 jovens. Estimam-se para 2040, mais que o dobro, representando 23,8% da população brasileira e uma proporção de quase 153 idosos para cada 100 jovens” (MIRANDA, MENDES, SILVA, 2016, p.513).

No Brasil, o Estatuto do Idoso, promulgado em 2003, é um importante aliado na construção de políticas públicas para a promoção da qualidade de vida para esse grupo crescente. No que tange à questão educacional da população idosa, por exemplo, é estabelecido por lei o direito de acesso à educação, com currículos, metodologias e materiais didáticos adaptados para esse público. Adjunto à questão educacional é indicada a necessidade de abertura social para inclusão do idoso na comunidade (NASCIMENTO et al. 2013). Infere-se que o idoso tem um potencial de contribuições ímpar para a sociedade, caso ele queira e tenha oportunidade, como é dito:

A experiência da pessoa idosa tem um valor incomparável para a sociedade e efetivamente pode ser ele um agente de transformação social. Todavia, é necessário que a pessoa idosa seja cada vez mais incluído e faça essa opção, direcionando o seu tempo livre para a realização de novos projetos nesta nova etapa de sua vida, contribuindo para uma sociedade mais justa e fraterna (NASCIMENTO et al. 2013, p.5).

Uma iniciativa que comporta essas duas indicações do Estatuto do Idoso é a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). A primeira Universidade Aberta à Terceira Idade foi criada na França em 1973 e desde então outros países têm aderido à iniciativa e adaptado ao longo dos anos as reflexões a respeito do envelhecimento humano (CACHIONI, 2008). No caso da UNATI em que esse estudo foi desenvolvido, no campus da Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis, a criação do programa aconteceu no ano de 1994 (MARTINS, 1997).

A UNATI, campus Assis, disponibiliza 35 cursos e oficinas, tais como: informática, letramento, seresta, diversas línguas estrangeiras, dança, ginástica meditativa, artesanato, jogos para exercitar a mente e esportes. Além dos cursos, o projeto organiza viagens e diversas festividades ao longo do ano com os idosos participantes, juntamente com a comunidade acadêmica e membros da sociedade assisense. O projeto possuía 350 idosos participantes no ano de 2019, dado do período anterior à pandemia de SARS-Cov-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*).

O programa integra a participação dos idosos no espaço educacional, cultural e de compartilhamento de experiências entre os alunos da universidade e os idosos da comunidade (DEL-MASSO, ANDRIATTO, 2012). Além disso, preconiza o rompimento de preconceitos e estigmas a respeito da velhice por meio do convívio e dos eventos promovidos pela equipe da administração.

A UNATI é formada por docentes, em sua maioria, jovens universitários da UNESP de Assis que compõem o programa de modo voluntário ou como estagiários. Eles se desenvolvem enquanto docentes em parceria com os alunos da terceira idade e a instituição, construindo um vínculo entre eles. Considera-se a iniciativa valorosa para a terceira idade e para os jovens docentes participantes.

O programa é um campo fértil para a união entre pesquisa e extensão universitária, corroborando para o desenvolvimento científico. Dessa parceria emergem discussões atuais a respeito do processo de envelhecimento humano e a integração do idoso na sociedade. Há, também, a colaboração com a formação e o desenvolvimento acadêmico dos jovens pesquisadores que se vinculam ao programa.

A participação como voluntária da administração da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), campus de Assis, entre 2015 e 2016, permitiu identificar algumas particularidades do cotidiano. O trabalho proporcionou a convivência com os professores/oficineiros e idosos participantes do programa, tal contato fez emergir algumas questões a respeito dos vínculos que eram formados na UNATI. Questionava-se, na época, sobre os significados e sentidos atribuídos ao envelhecimento e as possíveis influências da UNATI nesse processo.

Em busca de aprender mais sobre essas questões, iniciou-se uma trajetória acadêmica de pesquisas exploratórias. Foram realizadas duas iniciações científicas durante a graduação na área de envelhecimento humano, cujas temáticas envolviam a UNATI de Assis. A primeira visa entender os sentidos e significados atribuídos ao processo de envelhecimento das mulheres. A segunda segue o mesmo objetivo, mas estuda os homens, pois entende-se que há uma diferença de gênero perante essas vivências. Em ambas as pesquisas, percebe-se a importância que os idosos atribuem à UNATI como um espaço de convivência geracional e intergeracional.

De acordo com os colaboradores dessas pesquisas, a velhice é mais solitária devido à aposentadoria, à saída dos filhos de casa e ao falecimento de pessoas do convívio proximal, dentre outras perdas. A UNATI é apresentada como uma possibilidade de reinserção social, por meio dos vínculos entre os idosos e entre idosos e docentes. Os participantes relatam que constroem um vínculo afetivo e proximal com os professores/oficineiros do programa (BRAGA, MARIELE, 2021).

A partir desses anos de inserção na UNATI da UNESP de Assis por meio da extensão (com a atuação como membro da administração na secretaria) e de pesquisas de iniciação científica desenvolvidas durante a graduação em psicologia. Formulou-se a seguinte questão problema para a pesquisa de mestrado: *quais os sentidos e significados atribuídos ao vínculo entre docentes e idosos na Universidade Aberta à terceira idade?*

A hipótese é de que a UNATI tem uma importância vincular para além da proposta de ensino e aprendizagem. Parece haver uma reciprocidade de aprendizado entre os idosos e os professores/oficineiros. Os participantes da terceira idade aprendem o conteúdo programático das aulas, mas também discorrem sobre experiências de vida deveras relevantes para os professores/oficineiros. Nessa perspectiva, as aulas/oficinas seriam valorosas pelo caráter vincular e não apenas pelo conteúdo formal das disciplinas e oficinas ofertadas.

Essa hipótese também é fomentada pelos estudos desenvolvidos por Ferrigno (2010) sobre o encontro professores/oficineiros e idosos participantes da Escola Aberta à Terceira Idade, promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP). O autor elenca “a constatação da ocorrência de uma rica troca intelectual e afetiva entre tais indivíduos, e a consequente transformação deles a partir de uma influência recíproca, determinou a sistematização e o aprofundamento das observações dessa interação” (FERRIGNO, 2010, p. 23).

Ferrigno (2010) constatou que a Escola Aberta à Terceira Idade do Sesc-SP contribui com mais do que os conteúdos programados para as aulas, de acordo com os idosos e os jovens técnicos do Sesc-SP. Em relação aos idosos, "tem sido a transmissão de conhecimentos da atualidade, além de novos valores para lidar com problemas novos e antigos" (Ibidem, p. 157). O autor analisa, ainda, que o contato dos mais velhos com os jovens técnicos do Sesc-SP possibilita o melhor vivenciamento das mudanças aceleradas da sociedade atual.

Com essa hipótese iniciou-se uma nova empreitada de pesquisa, desta vez de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da UNESP, campus Assis. Vislumbrou-se uma investigação voltada para a vincularidade e o envelhecimento humano. Para tanto, usa-se a teoria da psicanálise das configurações vinculares para analisar a fala dos docentes. Considera-se que investigar o envelhecimento humano e seus vínculos, especialmente com docentes, na perspectiva psicanalítica, tem relevância pedagógica e acadêmica.

Em termos pedagógicos, em decorrência dos processos inconscientes que a psicanálise revela, esta pesquisa lança a possibilidade de despertar reflexões sobre estratégias pedagógicas sensíveis para este momento da vida, considerando o lugar das atividades educativas na economia emocional dos idosos.

Do ponto de vista acadêmico, um estudo dessa natureza promove a articulação concreta entre ensino, pesquisa e extensão, tripé do ensino superior que traduz o compromisso político da universidade com a sociedade. Isso decorre tanto da experiência de formação acadêmica relacionada a este novo fenômeno que é a longevidade humana quanto por ser resultado de uma prática extensionista. Tal conjunto de vivências acadêmicas pode contribuir com aportes teóricos específicos sobre as novas configurações sociais de idosos, como os grupos de terceira idade em ambientes universitários; aportes que dizem respeito aos processos intersubjetivos e grupais.

O programa já possui pesquisas realizadas com os participantes da terceira idade que instigam reflexões sobre o envelhecimento humano e a psicologia da educação. Então, fica o questionamento a respeito do ponto de vista do docente que convive semanalmente com os participantes da UNATI.

Diante dessas reflexões o objetivo geral da pesquisa é identificar as especificidades do vínculo estabelecido pelos docentes com seus alunos idosos na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Para tanto, busca-se pela perspectiva dos professores/oficineiros: explorar os

sentidos e significados atribuídos ao vínculo com os idosos da UNATI; identificar as dificuldades enfrentadas no vínculo com os mais velhos; investigar como é o vínculo entre os docentes e a instituição.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvida a fim de trabalhar aspectos humanos vinculares. A pesquisa qualitativa é uma maneira dinâmica de investigação, adequada para o estudo de aspectos subjetivos dos sujeitos.

Trata-se de um procedimento essencialmente aconstrutivo-interpretativo, que tem suas raízes históricas na Antropologia Cultural, e pode incluir: a integração de fragmentos de um processo em uma nova configuração; a integração da informação obtida na investigação a partir de um conjunto de aspectos qualitativos; a interpretação como o elemento de contato na investigação da realidade estudada; ou ainda a transferência como o instrumento da investigação (PINTO, 2004, p.74).

A presente pesquisa é exploratória, tem sentido geral de apreciação da realidade dos sujeitos professores/oficineiros. Assim, "a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere" (PIOVESAN, TEMPORINI, 1995, p.321).

A pesquisa exploratória permite ao pesquisador entrar em contato com questões, terminologias, enfoques novos e inesperados pelas hipóteses que gera. "Isto significa que ele, progressivamente, vai ajustando suas percepções à percepção dos entrevistados. Em outras palavras, ele vai conseguindo controlar, quase que imperceptivelmente, o seu viés pessoal" (PIOVESAN, TEMPORINI, 1995, p. 321).

Foi utilizado como instrumento de investigação psicológica a entrevista semiestruturada, devido à flexibilidade que esse instrumento disponibiliza para o pesquisador, para buscar maneiras de deixar o campo da entrevista em concordância com a personalidade ou estrutura psicológica particular do entrevistado. Na entrevista semiestruturada, "o entrevistador tem ampla liberdade para fazer as perguntas ou para fazer suas intervenções, permitindo-se toda a flexibilidade necessária em cada caso particular" (BLEGER, 1979/1998, p.3).

Ao todo foram realizadas cinco (5) entrevistas semiestruturadas com professores/oficineiros da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"(UNESP), campus de Assis. As entrevistas foram gravadas pela plataforma do Google Meet e posteriormente transcritas para manter o registro dos saberes e memórias dos colaboradores da pesquisa. Não foi possível entrevistar presencialmente os participantes devido à pandemia da SARS-COV-2.

Para a análise do material coletado nas entrevistas foi utilizado o método de “Análise de Conteúdo” da autora Bardin (1977/ 2011), “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Ibidem, p. 15). A análise é dividida em três etapas: pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise consiste na organização de todo material proveniente das entrevistas abertas. Primeiramente, após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma leitura flutuante, termo em analogia à psicanálise. Consiste na leitura para conhecer o texto, acompanhada de se permitir invadir pelas impressões e orientações (BARDIN, 1977/ 2011).

Na fase da exploração do material é feito o recorte, a escolha das regras de contagem e separação em categorias. Realiza-se uma avaliação dos elementos do discurso, “partimos dos elementos particulares e reagrupamo-los progressivamente por aproximação de elementos contíguos, para no final deste procedimento atribuímos um título à categoria” (Ibidem, p. 68). É um momento de explorar em busca dos “núcleos de sentido” do material, ou seja, descobrir quais são os temas presentes e sua frequência de aparição. Em seguida, avalia-se a relevância e relação desses temas com o objetivo analítico da pesquisa (BARDIN, 1977/ 2011).

O último passo a seguir, é o “Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação”. Essa etapa consiste na análise do material coletado, organizado e explorado de acordo com os objetivos da pesquisa. A partir dos outros passos propostos por Bardin (Ibidem), o pesquisador pode propor inferências e interpretações a respeito dos temas abordados no material, com o apoio do referencial teórico escolhido inicialmente.

O referencial teórico elencado para auxiliar na análise do material desta pesquisa é a “psicanálise vincular”. Esse referencial foi escolhido mediante o estudo de formas de interpretar o vínculo na psicanálise, pois acredita-se que traz contribuições ímpares para a psicologia a respeito dos vínculos entre sujeitos.

Assim, no capítulo “Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)” é apresentada a história da UNATI no Brasil e no mundo, como e em qual contexto histórico essa proposta de serviço de extensão universitária surgiu. É feito um panorama do desenvolvimento das discussões a respeito do programa ao longo dos anos, de suas propostas e modo de funcionamento e enunciam-se as discussões acerca dos termos “velho”, “idoso” e “terceira, idade” que acompanham o desenvolvimento da UNATI, além dos indicativos da Organização

Mundial de Saúde (OMS) e o Estatuto do Idoso a respeito do trato com a população idosa. Busca-se, também, apresentar a instituição que propicia o vínculo entre docentes e idosos.

No capítulo “Teoria dos Vínculos na Psicanálise” apresentam-se considerações sobre o termo “vínculo” na psicanálise e como surge a “psicanálise vincular”. A trajetória histórica do conceito “vínculo” na psicanálise é abordada revisitando autores que contribuíram para sua formação. O capítulo expõe resumidamente as contribuições de Freud, Bion, Pichon Riviere, Bernard, Kaës, Puget e Berenstein, com enfoque na teoria dos três últimos.

O capítulo “As especificidades do vínculo estabelecido entre docentes e os alunos idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)” fica a cargo de apresentar os procedimentos metodológicos e os colaboradores da pesquisa. Elenca as categorias provenientes da Análise de Conteúdo de Bardin (1977/2011) e discorre sobre as particularidades de cada uma, para posteriormente discutir os resultados com o aparato dos capítulos teóricos.

Diante desta explanação, almeja-se que a leitura da pesquisa seja agradável e enriquecedora para o leitor, bem como promova reflexões sobre os vínculos entre docentes e participantes da UNATI.

1. CAPÍTULO: UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

Esse capítulo visa apresentar a instituição na qual essa pesquisa se insere à Universidade Aberta à Terceira Idade, programa vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEX) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis. Primeiramente será apresentado um panorama histórico do surgimento das Universidades Abertas à Terceira Idade no mundo e no Brasil, processo que acompanha as reflexões e nomenclaturas direcionadas a essa fase da vida.

Apresenta-se a seguir aspectos da história da instituição, sua origem, estrutura e seu funcionamento. A relação da UNATI com os idosos, com os oficinairos e com a instituição que a acolhe, a UNESP, campus Assis. Serão utilizados materiais escritos, histórias orais e as vivências pessoais da pesquisadora, que participou da UNATI, como membro da administração, na organização do programa (2015-2017); e como pesquisadora do envelhecimento feminino (BRAGA, MARIELE, 2019)¹ e masculino (BRAGA, MARIELE, 2021)².

2.1. Origem dos programas de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)

A França, no início da década de 60, observou um aumento da população idosa no país, marcada pelas dificuldades financeiras e baixa qualidade de vida. Em 1962, criaram uma iniciativa de integração da velhice e uma reforma político-administrativa, medida que favoreceu o poder aquisitivo e a imagem dos idosos na sociedade. Essa reforma propiciou uma ajuda de custo, que gerou um potencial econômico para acesso de bens e serviços (CACHIONI, 2012).

A expressão “terceira idade” foi cunhada no início da década de 60 para se referir a essa nova população mais favorecida financeiramente que emergia com a reforma político-administrativa. O termo foi criado para romper com o estigma atrelado à palavra “idoso” que designava pessoas marginalizadas, beirando a indignidade social. O termo “terceira idade” possibilitou um novo olhar para a velhice e suas necessidades culturais, sociais e psicológicas

¹ Iniciação científica intitulada “Envelhecimento feminino de participantes da UNATI, campus Assis”, com fomento do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvida em 2016.

² Iniciação científica intitulada “Experiências de envelhecimento em homens participantes de um projeto de Universidade Aberta à Terceira Idade”, com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo “FAPESP”, desenvolvida em 2018.

(CACHIONI, 2012). A velhice antes era intrínseca ao ambiente privado e familiar ou ligado à filantropia, mas com advento dessa reforma, tornou-se uma questão de política pública (DEBERT, 1999).

Em 1968, os políticos franceses criaram a proposta chamada Universidade do Tempo Livre, “para proporcionar alfabetização, informações sobre saúde, educação religiosa e educação para o trabalho a adultos de alguma forma desfavorecidos pelo sistema educacional” (CACHIONI, 2012, p.2).

Em 1973, foi criada a *Université du Troisième Âge* (Universidade da Terceira Idade), pelo professor Pierre Vellas, ligada à Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, na França. O objetivo principal era: “tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade” (CACHIONI, 2012, p. 3).

No início, o público alvo eram os aposentados que buscavam atividades mais “intelectuais” e não desejavam permanecer “esperando a morte em casa”, depois se expandiu para outros idosos. As principais atividades da *Université du Troisième Âge* eram: “conferências e seminários, em arte, literatura e relações internacionais, nas quais se abordavam problemas de todo o mundo, como paz internacional, objetivos a serem alcançados na área da saúde, etc” (ROZENDO, 2015, p.). Essa foi uma oportunidade para os idosos que outrora não frequentaram uma universidade de se inserissem no espaço acadêmico para participar de cursos durante a velhice.

Com o sucesso da experiência em Toulouse, o programa foi expandido para outras regiões da França, sempre atrelados às Universidades. Esse programa Francês de cuidado com a velhice da década de 70 foi altamente valorizado, modelo adotado por outros países, cada qual com suas próprias particularidades de funcionamento e com algumas alterações no nome:

O modelo Anglosaxão, praticado especialmente no Reino Unido, tem como característica predominante, a aprendizagem compartilhada ou de autoajuda. No modelo Norte americano existe uma contribuição mais expressiva dos idosos na organização dos cursos. O modelo Sulamericano, baseado no Francês, funciona exclusivamente nas instituições de ensino superior. O modelo Chinês é focado na vida da comunidade e na manutenção da cultura tradicional (CACHIONI, 2012, p. 3).

De maneira semelhante à França, o Brasil, na década de 60, constatou a necessidade de mudanças nas políticas públicas para atender a população idosa e proporcionar melhores condições de vida. Entre 1960 e 1970, o Brasil passou por transformações no sistema da Previdência Social, com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social. Durante

esse período, havia uma pressão popular em busca de melhores remunerações para aposentados e serviços prestados para a população idosa no geral (CACHIONI, 2012).

Nessa época, as iniciativas voltadas para a velhice no Brasil se centravam em asilos ou atividades filantrópicas em prol dos idosos com baixo poder aquisitivo e sem família para dar apoio (FERRIGNO, 2010). Contudo, esses serviços não contemplavam a outra gama de idosos que se mantinham mais ativos socialmente, então, havia uma demanda por programas que atendesse essa parcela da população.

Instigado por essa demanda, em 1963 foi criado o primeiro grupo de convivência de idosos pelo SESC (Serviço Social do Comércio) de São Paulo-SP, uma instituição privada mantida pelos comerciantes. O objetivo geral dos grupos era promover a ressocialização do idoso na sociedade, tendo em vista a exclusão social presente (FERRIGNO, 2010).

Em 1977, o SESC São Paulo-SP criou a “Escola Aberta para a Terceira Idade”, que mantém a proposta de ressocialização dos idosos e acrescenta nos seus objetivos o ensino e a ampliação de conhecimentos. A ideia era proporcionar um espaço de redescoberta de interesses e que ajudasse a mudar a imagem negativa atribuída à velhice (FERRIGNO, 2010). Havia duas premissas norteadoras:

1) a de que a atualização de informações facilita a integração social dos velhos a um mundo de mudanças cada vez mais aceleradas; 2) a de que o ser humano, mesmo em idade avançada, não só é capaz de aprender como também pode estar suficientemente motivado para tal (FERRIGNO, 2010, p. 88).

O projeto do SESC compõe a história das iniciativas de cunho educativo voltadas para a velhice, mas há controvérsias se esse é um herdeiro da experiência francesa, por não estar atrelado a uma universidade e não possuir auxílio público. Nos anos seguintes à criação da “Escola Aberta para a Terceira Idade”, do SESC, as universidades passaram a aderir ao programa francês.

Em 1982, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), com características da experiência francesa, apesar da variação no nome. O programa estava engajado a universidade, ao atendimento dos idosos, a questões sociais e acadêmicas, contribuindo para:

Além do atendimento ao idoso, formação de técnicos e voluntários na área gerontológica, consultoria e assessoria a empresas e entidades, cursos de preparação para a aposentadoria e de formação de monitores de ação gerontológica, contribuindo ainda com prefeituras na implantação e na implementação de programas gerontológicos. (GOMES et. al, 2005, p.127)

Em 1990, a Universidade Pontifícia Católica de Campinas (PUCCAMP) criou a Universidade da Terceira Idade. O programa era amplo, contava com 70 professores da graduação e convidados de outras instituições, ofertando cursos para a terceira idade. Os cursos tinham duração de 1 semestre e havia a entrega de certificado para aqueles que frequentavam, no mínimo, 60% das aulas. Os tipos de cursos oferecidos eram divididos em três níveis:

Nível I, voltado para atualização cultural, reorganização da identidade pessoal, sensibilização social e elaboração de um novo projeto de vida; Nível II, enfatiza formação de grupos de estudo, preparação de monitores, engajamento em novos programas comunitários, inserção nos cursos e atividades gerais da universidade; Nível III, privilegia as atividades intergeracionais por meio de cursos de extensão universitária para jovens, adultos e idosos; e atividades de extensão à comunidade, através da prestação de serviços em que atuam estudantes dos vários cursos de graduação, professores e alunos da Universidade da Terceira Idade (GOMES et. al, 2005, p.128).

Os objetivos dos primeiros programas de Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil eram: “propiciar aos mais velhos um ambiente de aprendizagem e culturalmente estimulante, de diálogo entre seus pares, de exercício da cidadania, para ocupação do tempo livre e de estabelecimento de redes sociais” (CACHIONI, 2012, p. 4). Com o tempo, esses objetivos foram modificados de acordo com as novas reflexões sobre gerontologia e com a região à qual a iniciativa pertence.

No Brasil, atualmente há mais de 200 programas inspirados na *Université du Troisième Âge* da França, que majoritariamente são de extensão universitária. As instituições que promovem essa iniciativa são encarregadas da preparação da estrutura curricular, administrativa e as atividades propostas. O funcionamento é influenciado pelo significado que a instituição atribui à velhice, à sua proposta de educação e aos recursos que possui (CACHIONI, 2012).

Foram criados vários termos em prol do rompimento com o significado estigmatizado da palavra “idoso”, assim como ocorreu na França. Um termo que se popularizou foi “envelhecimento ativo”, para designar pessoas engajadas social e culturalmente. O termo “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente a capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (OMS, 2005, p.13).

Junto às novas ideias, surgiram iniciativas em prol da regulação dos serviços prestados pelas iniciativas voltadas para a terceira idade, como a Associação das Universidades e

Faculdades Abertas para a Terceira idade (AUFATI), criada em 1993 em São Paulo. Seus objetivos eram:

Fortalecer os cursos existentes; zelar pelo nível de qualidade dos cursos; promover o caráter acadêmico dos programas desenvolvidos, na perspectiva de um processo de educação permanente; estimular e assessorar a organização e implementação de novos cursos do gênero nas IES tanto no estado de São Paulo como de outras unidades federativas interessadas (FREITAS, PY, 2016, p.3569).

Em âmbito nacional, foi criada em 2012 a Associação Brasileira de Universidades da Terceira Idade (ABRUNATI), assim como a AUFATI, atrelada às Instituições de Ensino Superior (IES). Tem como objetivo “desenvolver atividades ligadas às questões inerentes ao processo de envelhecimento, bem como valorizar a pessoa idosa e sua inclusão social por meio de ações no cunho das IES” (FREITAS, PY, 2016, p. 3570).

Atualmente, os programas continuam em funcionamento com suas especificidades locais, de acordo com a população acolhida e os recursos administrativos disponibilizados. Entre elas há a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), campus Assis, atrelada à Universidade Estadual Paulista (UNESP).

2.2. Origem da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) de Assis.

A movimentação política nacional em prol da garantia de direitos para a população idosa brasileira e a influência do programa francês, fez com que a Universidade Estadual Paulista (UNESP) criasse ³a Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI), com o intuito de promover aprendizagem e socialização (MARTINS, 1997). Assim, as UNATI foram implementadas ao longo da década de 90 nos diversos câmpus da UNESP espalhados pelo estado de São Paulo.

Os pilares da universidade são ensino, pesquisa e extensão e as Universidades Aberta à Terceira Idade (UNATI) fazem parte da extensão universitária. Com os programas de extensão, a universidade cumpre a sua responsabilidade social e presta serviços à comunidade, levando ensino e pesquisa. Por outro lado, a comunidade “devolve à universidade suas experiências, conhecimentos e cultura, num constante diálogo entre o contexto universitário e comunitário” (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA, OLIVEIRA 2015, p.22).

³ A Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEX) cria por meio da Circular nº55/93.

A UNATI do campus de Assis, especificamente, foi implementada em 1994, sob a coordenação da Dra. Prof. Edna Julia Scombatti Martins, do Departamento de Psicologia Evolutiva Social e Escolar (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020). Ela havia realizado intervenções com a população idosa assisense e produziu diversos trabalhos na área de envelhecimento humano. Martins descreve:

O nosso objetivo quando nos propusemos estar trabalhando com as pessoas que envelhecem ou que já envelheceram sempre foi o de, juntamente com elas, discutir questões e alternativas para que o percurso dessa trajetória da vida pudesse estar viabilizando um processo maduro e consciente em direção a convivência saudável com o envelhecimento. Assim, propor e implementar atividades com esta clientela específica na Universidade veio complementar ações já desenvolvidas por nós anteriormente com essa faixa etária [...](MARTINS, 1997, p. 106)

O idoso participa ativamente do processo de aprendizagem, uma vez que suas experiências de vida são consideradas ricas para serem transmitidas entre o docente e o aluno. O programa pedagógico proporciona um espaço de novas relações intergeracionais, já que considera o idoso como patrimônio cultural, assim, “sua cultura, seus valores, suas experiências poderão estar sendo preservados pelo contato entre gerações” (MARTINS, 1997, p. 119).

Para Martins (1997), a UNATI brinda uma aprendizagem coletiva, pelo vínculo entre os professores/oficineiros e os idosos em grupo. Os professores/oficineiros são desaconselhados a seguir uma pedagogia que desconsidere o saber do grupo de idosos. Os valores da UNATI de Assis sublinhados pela sua fundadora, são:

Se entendemos ser nos movimentos e/ou associações populares que podem ser criadas e fortalecidas as relações comunitárias, com vista à humanização da convivência entre as pessoas que delas participam, e que conseqüentemente podem ser estendidas para outras que com elas convivem, procuramos, no Programa UNESP Aberta à Terceira Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis promover, no âmbito dos nossos saberes, não só a integração intergeracional como também a possibilidade de estar sendo instigada a capacidade de cada um em apreender e se reconhecer também no espaço universitário (MARTINS, 1997, p. 118).

Os aspectos destacados pela fundadora prevalecem no programa atual. Contudo, a nova gestão apresenta uma nova proposta, incrementada com as novas produções acadêmicas e discussões a respeito do processo de envelhecimento. No site da UNESP se destaca:

O programa UNATI visa possibilitar o acesso à Universidade a partir do oferecimento de atividades didáticas e artístico-culturais que propiciem a atualização de conhecimentos, tanto gerais quanto específicos, aos interesses deste segmento etário, promovendo, assim, um espaço de convivência e troca de experiências.

A UNATI tem autonomia para estabelecer o modo de funcionamento, mas a UNESP, enquanto instituição fundadora, direciona algumas atribuições e responsabilidades para o

programa. É premissa que sejam ofertados cursos e oficinas para a comunidade idosa assisense, assim como, atrelar as práticas do programa com a pesquisa e a produção acadêmica.

A UNATI preenche anualmente um relatório direcionado à UNESP, informando e descrevendo todas as atividades desenvolvidas ao longo do ano e o uso da verba fornecida pela universidade. É valorizada a produção de eventos em prol da articulação das atividades do programa, com as discussões acadêmicas do campus e de outros pesquisadores do Brasil. É instigado que os alunos da graduação e pós graduação realizem pesquisas científicas em parceria com a UNATI, práticas essas que devem ser indicadas no relatório.

Os dados atuais sobre o funcionamento e participantes do programa estão atravessados pela pandemia de SARS-Cov-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), que trouxe algumas mudanças no funcionamento da Universidade Aberta à Terceira Idade. As aulas/oficinas só podem ser realizadas de modo virtual, não há mais encontros presenciais e a maioria dos idosos não teve disponibilidade de participar das atividades do programa durante a pandemia.

2.3. Descrição do Programa.

A UNATI de Assis fica localizada dentro do campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP), ao contrário de outros campus, que mantêm o programa separado. O programa possui uma sala administrativa localizada no Buracanã, área da universidade reservada para atividades recreativas da comunidade interna e externa. As oficinas e aulas são realizadas nos prédios de Letras, História, Psicologia e na Central de Aulas. Essas salas também são usadas pelos alunos, assim, os idosos circulam no campus juntamente com os mais jovens.

Essas oficinas e aulas são oferecidas por alunos da graduação, funcionários da UNESP e membros da comunidade externa, na universidade, de segunda à sexta, com duração de uma hora e meia. Os professores/oficineiros são geralmente dos cursos de Letras, Psicologia e História. Eles são responsáveis pela criação do cronograma do curso/oficina, número de vagas, data e hora do curso/oficina. Essa autonomia permite que o professor/oficineiro adeque a participação na UNATI com sua agenda de compromissos da graduação (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020).

Devido à pandemia de SARS-Cov-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), as aulas/oficinas estão funcionando atualmente de maneira remota. Cada professor/oficineiro fica responsável por gerenciar a maneira como as aulas/oficinas são realizadas, de acordo com a disponibilidade e as necessidades do grupo. Entretanto, a maioria dos cursos/oficinas deixou de acontecer por causa das dificuldades enfrentadas com o modelo remoto e a pandemia.

No semestre anterior ao período de inscrição, a administração começa a preparar a programação; para tanto, contacta e convida os professores/oficineiros. No caso, de alguns cursos/oficinas, o convite parte do curso de Letras da UNESP, campus Assis, parceiro da atividade realizada na UNATI.

A inscrição das oficinas/aulas é realizada no começo do ano letivo da universidade em dias programados pela administração da UNATI. Participam pessoas acima de cinquenta anos e que podem se inscrever em mais de uma oficina, desde que não coincidam os horários. São ofertadas oficinas didáticas, artístico-culturais e da área da saúde e bem-estar. As didáticas se referem ao ensino de línguas estrangeiras, como: Inglês, Espanhol, Alemão, Francês, Japonês e Italiano (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020). O ensino dessas línguas é contabilizado como horas de estágio para os alunos do curso de Letras do campus, logo, possuem um supervisor docente orientando suas práticas. As oficinas que proporcionam a expressão artística e cultural são:

Compreensão da América Latina por meio de Práticas Culturais, Capoeira Angola, Danças (do ventre, de salão e ballet), Teatro, Automaquiagem, Sentidos do Corpo, Jogos da Mente e Concentração, Seresta, Jogos de Salão e Artesanato (desenho, artes manuais e arraiolo, entre outros) (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020, p.12).

A última categoria é composta pelas oficinas direcionadas para o bem estar do corpo e da mente. Para tanto, há parcerias com profissionais da comunidade externos na UNESP para atuarem como professores voluntários do programa. Na área da saúde, há as oficinas: “Encontros com a Terceira Idade, Resgate e Ressignificação de Memórias, Autobiografia, Alimentação Saudável, Tênis de Mesa, Fisioterapia, Pilates, Relaxamento e Bem-estar, Yoga e Agita Assis (Esporte)”, ofertadas por alunos da graduação dessas áreas (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020, p.11). A oficina de “Encontros com a Terceira Idade, Resgate e Ressignificação de Memórias” é um dos estágios direcionados aos alunos de Psicologia, e havendo também outra iniciativa parecida, que não faz parte do estágio.

A UNATI também faz parcerias com outros programas de extensão universitária ou da comunidade externa para compor a grade de atividades. Há o programa Agita Assis, promovido pela prefeitura em alguns pontos da cidade, também realizado nas quadras da UNESP, duas vezes por semana, sob o comando de um professor de Educação Física. A Associação Acadêmica Atlética XVI da UNESP, campus Assis, também promove algumas intervenções pontuais, como “atividades de alongamento, caminhada e piquenique nos espaços do câmpus” (MIRANDA, CONDINI, ALMEIDA, 2020, p.9).

Há ainda a parceria com o programa de extensão “Bicho Folha”, do curso de ciências biológicas, que realizou encontros com os idosos para divulgar a biodiversidade botânica e zoológica da região de Assis. O Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) também atua na UNATI promovendo letramento para os idosos com dificuldades para ler e escrever. Outro parceiro é o “Coral da Multiplicidade”, que participa esporadicamente de ensaios e apresentações com a seresta da UNATI. Por fim, tem uma oficina de fisioterapia proveniente de uma parceria com uma universidade particular da região, atividade que compõe o estágio prático desses voluntários.

Entre as atividades da UNATI também há festas e comemorações ao longo do ano, como Dia das Mãe, Dia dos Pais e Festa Junina, por exemplo; além de uma excursão que acontece anualmente. Em paralelo, a administração organiza eventos anuais com o objetivo de integrar o programa de extensão com as produções acadêmicas na área da gerontologia. Os idosos são convidados a participar dos eventos como ouvintes e palestrantes. Abordam-se temas como: o convívio intergeracional e a experiência pessoal com o processo de envelhecimento.

2.4. Participantes da UNATI

Entre os envolvidos com o funcionamento da Universidade Aberta à Terceira Idade, campus Assis, há os alunos idosos, os membros da administração, oficinairos e os parceiros do programa. Geralmente há em torno de duzentos e cinquenta a trezentos e cinquenta inscrições anualmente de pessoas acima de cinquenta anos. Essa idade é um marcador de quem pode participar do programa. A escolaridade entre os participantes é variada abrangendo desde pessoas sem alfabetização a pessoas com pós-doutorado, assim como há uma gama de poder aquisitivo nesses grupos.

O programa é composto majoritariamente por mulheres. Em 2018, elas compunham duzentos e setenta e dois do total de trezentos e cinquenta inscrições, sendo que a maioria dos homens eram casados e participavam por convite ou insistência da esposa. Consequentemente, elas são mais engajadas nas atividades como um todo, enquanto os homens dão preferência a atividades voltadas para o corpo, como a oficina de esportes (BRAGA, CORREA, 2021)⁴.

A administração da UNATI é composta por alunos da graduação da UNESP, em sua maioria graduandos de Psicologia e Letras, embora seja encorajada a participação de todos os cursos do campus. O tempo de permanência como membro da administração no geral é de dois anos. Há um coordenador, que é obrigatoriamente um docente do campus, devido às normas da PROEX, e um vice-coordenador. Ambos orientam e auxiliam os alunos que compõem a administração.

O grupo de oficinas costuma ser composto por alunos da graduação, funcionários da UNESP e pessoas da comunidade externa ao campus, com faixa etária diversa. Os alunos (professores/oficineiros) da graduação são maioria na UNATI e participam estudantes de Letras, Psicologia e História. Tem oficinas ministradas por funcionários do campus (informática e jogos da mente), mas, no geral, eles são responsáveis por dar suporte para as funções da administração. A administração, com o intuito de implementar novas atividades, convida pessoas da comunidade externa que participam como voluntários (yoga, capoeira e artesanato).

A descrição dos componentes institucionais é fundamental, já que permite localizar a maneira como vão sendo tecidos os vínculos na instituição. Assim mostrar os diversos participantes, a estrutura e o funcionamento da UNATI permite entender as peculiaridades do cotidiano da instituição na qual são desenvolvidos os vínculos intergeracionais que compõem o objeto de estudo desta pesquisa.

⁴ Pesquisa de iniciação científica desenvolvida sob o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), realizada pela pesquisadora Roana J. Braga.

2. CAPÍTULO: TEORIA DOS VÍNCULOS NA PSICANÁLISE.

O “vínculo” como um conceito na psicanálise é relativamente novo e fundamental como analisador das relações que se dão no interior das instituições, da família, do casal, entre outros. Neste estudo, enfatiza-se o vínculo docente-aluno, oficinairo-aluno, de uma população de idosos, interessa reconhecer as peculiaridades do vínculo entre sujeitos de diferentes gerações. Apresenta-se a diferença entre vínculo e a relação de objeto e a maneira como alguns psicanalistas entenderam o conceito entre eles: Freud, Bion, Pichon Rivière, Bernard, Kaës, Puget e Berenstein.

Posteriormente, focaliza-se nos estudos de Puget, Berenstein e Kaës, considerados fundamentais para o objetivo da pesquisa de identificar as especificidades do vínculo estabelecido pelos professores/oficineiros com seus alunos idosos na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

3.1. Origem do conceito de vínculo.

“Vínculo” é um conceito central para o objetivo desta dissertação, entretanto há uma gama de significados e usos dessa palavra que precisam ser apresentados brevemente para contextualizar o termo e como é usado pela psicanálise. De acordo com Coelho Jr. (2001), não há uma definição para “vínculo” na obra de Freud, porém, esse termo é devidamente explorado e analisado em psicanalistas pós-freudianos.

Primeiramente, a origem etimológica da palavra “vínculo” é do latim *vinculum* e “referia-se à ligação com nós de um feixe de ramos para mantê-los juntos” e corresponde à união ou ligação (BERENSTEIN, 2011, p. 90). Em francês, a palavra que corresponde a vínculo é *lien*, original da palavra em latim *ligare*, que remete a uma união mais estável no tempo, assim como, *ligamen* no espanhol (PIVA, 2020).

Na psicanálise, o vínculo foi teorizado por autores pós-freudianos, uma vez que os estudos dos autores contemporâneos a Freud eram direcionados principalmente ao mundo interno. Para Kaës, “o que lhes interessa é a realidade psíquica inconsciente desse sujeito: a organização de seu mundo interno e seus conflitos, as vicissitudes de sua história ao longo de

suas transformações e seus impasses, o processo de sua subjetivação” (KAËS, 2011, p.156). Fato em concordância com o momento de construção da psicanálise e suas bases teóricas.

Kaës (2011), no artigo a “Realidade psíquica do vínculo”, descreve que os psicanalistas direcionaram seus trabalhos para o sujeito singular. Os autores contemporâneos a Freud voltaram sua atenção para o sujeito e sua realidade psíquica inconsciente (Ibidem). Todavia, nesse movimento de analisar o inconsciente, os psicanalistas focaram em descrever o espaço intrapsíquico (Ibidem).

Para Kaës (2007/2011), apesar de Freud introduzir esse tema, faltavam recursos metodológicos na época para desenvolvê-lo, uma vez que era usado o método do divã o que seria insuficiente para a análise dos processos psíquicos das configurações vinculares. De fato, o método do divã corresponde ao recorte teórico da psicanálise aplicada⁵ ao sujeito singular, contudo “[...] deixam à margem da situação analítica um ‘resto por conhecer’, cujos contornos e campos são, contudo, desenhados inicialmente pela via da especulação” (KAËS, 2011, p. 156).

Para Berenstein (2011), devido ao seu significado do latim de união ou ligação, vínculo foi usado como sinônimo de relação de objeto, um termo que corresponde aos estudos do mundo interno. Freud utiliza a expressão “relação de objeto” para designar representações e movimentos pulsionais internos ao psiquismo, e descreve o objeto externo, como o seio da mãe, mas o apresenta como incorporado e investido de pulsões, não como objeto real externo, pois seu enfoque é endopsíquico (COELHO JR, 2001). A relação de objeto é definida da seguinte forma no dicionário de psicanálise:

Expressão usada com muita frequência na psicanálise contemporânea para designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa. Fala-se das relações de objeto de um dado sujeito, mas também de tipos de relações de objeto, ou em referência a momentos evolutivos (exemplo: relação de objeto oral), ou à psicopatologia (exemplo: relação de objeto melancólica) (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000, p. 442-443).

⁵ Kaës (2011) no artigo a “Realidade psíquica do vínculo” usa o termo “psicanálise aplicada” para se referir a um momento histórico, contudo tem ressalvas sobre essa terminologia. Para o autor, psicanálise é um método que tem extensões para além da maneira como foi utilizada inicialmente, como quando é usado para pensar o vínculo.

A relação de sujeito e objeto é uma inter-relação, pois é simultânea e mutuamente constituinte, não há a primazia de um ou de outro (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). Assim, a relação de objeto é a forma como o sujeito incorpora ou apreende o objeto investido pulsionalmente. Em paralelo, “é um mundo interno de objectos sentidos de facto como reais, diferentes das imagens ou representações mentais, e que se empenham em relações uns com os outros e com o sujeito” (OLIVEIRA, 2000. p. 159).

Contudo, uma vez que não se fala do objeto real, há fantasias envolvidas, como explica Coelho Jr. (2001, p.42): “Incorpora-se, em última instância, uma relação que passa a produzir efeitos na cadeia de fantasias inconscientes”. Há a possibilidade de as fantasias afetarem a maneira como o real é percebido, pois o objeto pode ser diferente da pessoa externa a qual o sujeito investiu.

Oliveira (2000) explica que a forma como o sujeito apreende o objeto está relacionada às experiências anteriores e, não obstante, pode ter partes inconscientes e conscientes. Em acordo, há interesses narcísicos na escolha do objeto, com a qual o sujeito se relaciona em busca de satisfazer seus desejos precedentes ao encontro com o outro. Em complemento, esses desejos têm como base as representações e lembranças afetivas precedentes à escolha do objeto. Assim, observa-se a possibilidade de analisar a relação de objeto em uma linha progressiva ou regressiva, pois as vivências do passado compõem o futuro e as relações de objeto se formam desde os primórdios da vida (COELHO JR, 2001).

Anzieu (1984/1993) apresenta alguns indícios de diferenciação entre relação de objeto e vínculo, por exemplo, quando fala da circulação fantasmática aponta “O vínculo inter-humano primário no casal, o grupo, a vida social é a circulação fantasmática” [tradução nossa]⁶” (Ibidem, p.282). Esse conceito emerge dos estudos do autor a respeito da prática psicanalítica em grupo.

No geral, relação de objeto é um conceito que foi delimitado e explorado pela psicanálise pós-freudiana. A partir dessas proposições iniciais, outros recortes teóricos foram elaborados para abarcar questões referentes à interação entre sujeitos, pois a psicanálise clássica apresenta contribuições mais introdutórias. Logo, a palavra vínculo passou a ser usada para agregar e ampliar ou distinguir relação de objeto das novas considerações que surgiram por autores pós-

⁶ “El vínculo interhumano primario en la pareja, el grupo, la vida social es la circulación fantasmática [texto original]

freudianos como: Bion, Pichon Riviere, Kaës, Puget e Berenstein. Nos subitens a seguir serão apresentadas algumas contribuições desses autores em ordem cronológica.

3.1. Vínculo na obra de Wilfred Bion (1897-1979)

Bion foi o primeiro a descrever, aprofundar e sistematizar a palavra “vínculo” como um conceito específico, definindo vínculo como elos que ligam as pessoas relacionais e emocionalmente (ZIMERMAN, 2004/2008). Contudo, o autor apresenta esse conceito de modo difuso em sua obra e não dedica um livro ou artigo exclusivamente para desenvolver suas considerações sobre vínculo.

Bion amplia o conceito de relação de objeto e faz alguns acréscimos com o uso do termo elo de ligação, indicando novas problemáticas relacionais a serem abordadas, como a “descoberta da representação da ligação de si, e principalmente a relação do sujeito com a função de ligação, e não somente com o objeto que proporciona essa função relacional” (OLIVEIRA, 2000, p. 160).

Os vínculos do sujeito com seu ambiente são formados desde o começo da vida, também podem ter como ponto de partida a interação com a mãe. Em consequente, o sujeito produz ressonância emocional no outro do vínculo, assim como é afetado por ele, pelos gestos, fala e olhar (OLIVEIRA, 2000). Há mecanismos de identificação projetiva agindo em todos os vínculos firmados, como, por exemplo, “simpatia, pena, hostilidade, agressividade, inveja, aborrecimento etc.” (Idem, p. 163). Aqui o outro é visto como alguém que afeta o sujeito também, por meio da sua identificação projetiva reciprocamente.

Para a teoria de Bion, há emoções básicas presentes em todos os vínculos, são elas: amor (L-love), ódio (H-hate) e conhecimento (K-knowledge). Isso ocorre porque a emoção só é concebida por meio do vínculo entre objetos, não pode ser experienciada isoladamente (OLIVEIRA, 2000).

A estrutura apresentada nos escritos de Bion é dinâmica, está em movimento de acordo com os vínculos formados ao longo da vida, tanto na relação interna como na externa. Em complemento, o vínculo interno afeta a forma como o sujeito vai se expressar no âmbito externo, em como será a sua personalidade de acordo com essa teoria das emoções de Bion (OLIVEIRA, 2000).

Bion traz proposições que agregam à psicanálise, mas Zimmerman (2004/2008) avalia que essa definição de vínculo também é abrangente e pode abarcar aspectos que precisam ser explorados. Primeiramente, no sentido relacional, refere-se à mútua interferência entre as partes envolvidas, passivo ao mecanismo de introjeção. Segundo, o vínculo deixa de ter sentido se não há emoção envolvida. Terceiro, “vínculo” pode ser uma palavra mais ligada a aspectos exteriores das relações humanas.

3.2. Vínculo na obra de Enrique Pichon-Rivière (1907-1977)

Para Pichon-Rivière (1979) o vínculo é um tipo de relação de objeto e ao mesmo tempo é múltiplo, possui vários tipos. Nessa teoria, vínculo é um conceito dinâmico relacionado ao interjogo que é estabelecido entre o sujeito e o objeto, assim é mutável de acordo com o surgimento de novos interjogos (BARROS, LABURÚ E ROCHA, 2007). Pichon-Rivière define como:

Uma relação particular com um objeto; esse relacionamento particular resulta em um padrão, um padrão de comportamento que tende a se repetir automaticamente, tanto no relacionamento interno quanto no relacionamento externo com o objeto” [tradução nossa]⁷ (PICHON-RIVIÈRE, 1979, p. 35).

O sujeito internaliza o outro e vice-versa. Nesse ciclo, há uma mútua representação interna que constitui o caráter social do vínculo e estará presente nos novos vínculos (BASTOS, 2010). Destarte, é uma inter-relação mútua acompanhada de mecanismos de comunicação e aprendizagem (BARROS, LABURÚ E ROCHA, 2007).

Pichon-Rivière (1979) afirma que o vínculo interno condiciona características externas, de tal modo que define o caráter do sujeito, o seu modo de ser e agir. Assim, o autor afirma: “por conseguinte, o personagem recebe o impacto da compreensão dinâmica no sentido de que o personagem é analisável na medida em que descobrimos o elo interno”. [tradução nossa]⁸ (PICHON-RIVIÈRE, 1979, p. 36).

O vínculo é sempre social até mesmo quando o sujeito se vincula com apenas uma pessoa, sendo uma ligação única e particular. Em complemento, o vínculo pode ser estabelecido

⁷ [...] una relación particular con un objeto; de esta relación particular resulta una conducta más o menos fija con ese objeto, la cual forma un pattern, una pauta de conducta que tiene a repetirse automáticamente, tanto en la relación interna como en la relación externa con el objeto [texto original].

⁸ Por consiguiente, el carácter recibe el impacto de la comprensión dinámica en el sentido de que el carácter es analizable en la medida en que descubrimos el vínculo interno [Texto original].

com seres inanimados como caixa de fósforos, cadeira, livro, mesa e entre outros. Nesses casos, o vínculo com os seres inanimados também constitui significados e sentidos únicos para o sujeito, assim como ocorre quando é com seres humanos (PICHON-RIVIÈRE, 1979).

Apesar de tratar o vínculo como um tipo de relação de objeto, Pichon-Rivière traz para a análise a exterioridade. Considera a existência de uma dimensão interna e externa do vínculo, assim como, há objetos que são internos e outros que são externos. O autor conduz sua teorização a respeito do vínculo de acordo com seu interesse em estudar as patologias, logo, esses campos aparecem relacionados em sua obra (ibidem).

Pichon-Rivière (1979) afirma existir mais de um tipo de vínculo, sendo diferentes entre si, de acordo com a patologia à qual estão ligados. Há o vínculo chamado normal, modificado em tipos patológicos a partir de alterações impostas. Alguns tipos são paranóico, depressivo, hipocondríaco, e o histérico, definidos como:

O vínculo paranoico se caracteriza pela desconfiança e a justificativa que o sujeito experimenta com os demais. O vínculo depressivo se caracteriza por estar permanentemente marcado pela culpa e penitência, enquanto o vínculo obsessivo está relacionado ao controle e a ordem. O vínculo hipocondríaco é aquele que o sujeito estabelece com os outros por meio do seu corpo, da saúde e da queixa. O vínculo histérico é o da representação, sendo sua principal característica a plasticidade e o drama.” [tradução nossa] ⁹(PICHON-RIVIÈRE, 1979, p. 22-23).

Pichon-Rivière apresentou conceitos complexos que compactuam com a formação do modo como o sujeito interpreta a realidade, o mundo externo e estabelece o vínculo. De modo geral, Pichon Rivière interpreta o sujeito como uma *gestalt*, em sua totalidade, ou seja, inclui todas as nuances do sujeito no seu recorte teórico (BARROS, LABURÚ E ROCHA, 2007).

3.3. Vínculo na obra de Marcos Bernard

Marcos Bernard foi presidente da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo (AAPPG) e considerou necessário nomear a diversidade de cursos sobre vínculo que eram ofertados pela AAPPG. Para o autor, “Nossos esforços para elaborar uma teoria, que denominamos psicanálise das configurações de vínculo, partiu da prática das diversas técnicas

⁹ El vínculo paranoico se caracteriza por la desconfianza y la reivindicación que el sujeto experimenta con los demás. El vínculo depresivo se caracteriza por estar permanentemente teñido de culpa y expiación, en tanto que el vínculo obsesivo se relaciona con el control y el orden. El vínculo hipocondríaco es el que el sujeto establece con los otros a través de su cuerpo, la salud y la queja. El vínculo histérico es el de la representación, siendo su característica principal la plasticidad y la dramaticidad [Texto original].

de abordagem no tratamento de famílias, grupos, casais e instituições” [tradução nossa]¹⁰(BERNARD, 2006, p. 156).

Bernard (2006, p. 170) define vínculo desta forma: “Chamaremos de vínculo à relação entre dois ou mais sujeitos que mantêm uma representação interna mútua do grupo que formaram”¹¹ [tradução nossa]. Por exemplo, essa representação pode ser uma fantasia, que caracteriza como o sujeito apreende o outro em seu psiquismo, isso ocorre em ambos os participantes do vínculo. Posteriormente esses conteúdos internalizados influenciarão nos próximos vínculos formados com outros sujeitos. Assim, para ser vínculo é necessário que haja representação interna, caso contrário é apenas um relacionamento interpessoal. Em adendo, “Representação interna” é um conceito que vem de Pichon- Rivièrè (1979) e Bernard agrega a sua definição de vínculo.

Para Bernard (2006), o vínculo tem origem nos primórdios da vida continua se formando ao longo dos anos. No princípio, a simbiose biológica com a mãe dá lugar à psicológica, compondo as primeiras representações com as quais o sujeito entrará em contato. Isso significa que o vínculo compõe o intrapsíquico, mas também reverbera nas características e ações externas ao sujeito; corresponde a um passado e permanece em formação no presente. Todavia, o autor pondera a dificuldade em falar de vínculo utilizando apenas as propostas da psicanálise clássica.

Bernard (2006) enfatiza a necessidade de uma mudança epistemológica para abarcar não apenas o endopsíquico, mas o externo. Em consequente, nomeia de “psicanálise das configurações vinculares” esse movimento conceitual a respeito do vínculo em 1987-1989. Essa nomeação configura na criação de uma nova vertente da psicanálise que abarca questionamentos a respeito dos vínculos e do sujeito. Desta forma, psicanálise das configurações vinculares seria a análise dos membros de um grupo e não apenas um grupo como um todo (BERNARD, 2006). Em entrevista a kaës, o autor faz referencia aos autores que contribuem no seu arcabouço teórico e diz:

Marcos Bernard chamou de configurações do vínculo: os conceitos de identificação e escoramento em Freud; de identificação projetiva em Melanie Klein; de espaço e objeto transicional em Donald Winnicott; de depósito-depositante- depositário, núcleo

¹⁰ Nuestros esfuerzos em elaborar una teoria, que hemos denominado psicoanálisis da las configuraciones vinculares, há partido de la práctica de las diversas técnicas de abordaje em el tratamiento de familias, grupos, parejas y instituciones [texto original].

¹¹ Llamaremos vínculo a una relación entre dos o más sujetos que mantienen una mutua representación interna del conjunto que han formado [texto original].

aglutinado e sociabilidade sincrética em José Bleger; de porta-voz, co-repressão e contrato narcisista em Piera Aulagnier são conceitos sem os quais não poderíamos pensar no vínculo primário entre os sujeitos. A essa ‘lista’ devemos incluir a contribuição de Jacques Lacan sobre a intersubjetividade e a questão do outro, particularmente como ele a expõe em sua concepção dos complexos familiares; haveria, é claro, muitas contribuições importantes a serem lembradas, mas mereceria outro desenvolvimento. [tradução nossa]¹²(JAROSLAVSKY, 2015, p. 66).

Essa mudança epistemológica veio para agregar o método psicanalítico e suas proposições acerca da realidade psíquica. Consequentemente permite que o sujeito seja apresentado como multidimensional, abrangendo seus aspectos inconscientes e a interação com sua história, sociedade e seus vínculos (GOMES, LEVY, 2016). Os autores apresentados nos itens a seguir passam a compor essa nova vertente da psicanálise, como Janine Puget, Kaës e Berenstein.

3.4. Vínculo na obra de Janine Puget (1926-2020)

No começo de sua trajetória, Puget seguia preceitos teóricos de outros autores, como, por exemplo, Freud, Melanie Klein, Ezriel, Bion e Winnicott. Posteriormente, teve contato com os autores franceses Anzieu e Kaës, que possuem ideias em comum sobre o conceito de vínculo. Com o tempo, Puget considerou necessária a elaboração de novas formulações para se trabalhar com o conceito “vínculo”. A autora reconhece a importância desses autores, mas considera a possibilidade de uma ruptura epistemológica.

Para Puget (2015), o conceito de vínculo surge quando as identificações e suas derivações não dão conta de explicar o movimento subjetivo de ligações do sujeito. E se diferencia da relação de objeto ao passo que é pensado na lógica da ligação entre pessoas, de duas ou mais. Assim, no vínculo “ Cria-se um espaço inviolável, que se expande a cada troca

¹² Marcos Bernard denominó configuraciones vinculares: los conceptos de identificación y de apuntalamiento en Freud; de identificación proyectiva en Melanie Klein; de espacio y de objeto transicional en Donald Winnicott; de depósito-depositante-depositario, núcleo aglutinado y sociabilidad sincrética en José Bleger; de portavoz, co-represión y contrato narcisista en Piera Aulagnier son conceptos sin los cuales no podríamos pensar el vínculo primario entre los sujetos. A esta “lista” hay que incluir el aporte de Jacques Lacan sobre la intersubjetividad y la cuestión del otro, particularmente como lo expone en su concepción de los complejos familiares; habría por supuesto muchas contribuciones importantes para recordar pero merecería otro desarrollo“

entre dois ou mais sujeitos, cuja qualidade essencial é a alteridade de cada um, que se impõe ao outro [tradução nossa]¹³ (PUGET, 2015, p. 20).

A autora concebe vínculo na lógica do “Dois”, que são unidos em suas alteridades, durante um encontro único e inédito. Assim sendo, são unidos na diferença e passam a compor um vínculo impossível de se prever anteriormente: “É impossível prever o que vai acontecer, ao contrário do que acontece na própria lógica do um, onde os jogos de transferência e as modificações deles derivadas são ativados” [tradução nossa]¹⁴ (PUGET, 2015, p. 21). Em complemento, os sujeitos que habitam o vínculo saem da posição narcísica à medida que interagem e se vinculam com o diferente. E o diferente é apresentado como não binário, ao contrário, é a potência da emersão da diversidade (idem).

Puget trabalha com vínculo pela lógica do diferente, do “Dois”, em complemento à psicanálise clássica que trabalha pela lógica do “Um”. Assim, aponta a relação de objeto como sendo a lógica do “Um”, do âmbito interno, onde movimenta-se pulsões e identificações. O “Dois”:

No Dois, o que chamei de vínculo, é fazer algo com o que a situação gera, sustentado pelas diferentes modalidades de relações de poder e, portanto, pela imposição do estrangeiro irreduzível. No Um, o mundo representacional é ativado; em Dois, os mundos da apresentação e da representação alternadamente conflituosos. Esta é uma definição complexa, pois desloca a relação por identificação, as relações objetais e a força do mundo representacional de seu lugar privilegiado [tradução nossa] (PUGET, 2015, p. 22).¹⁵

Com essa compreensão de vínculo, a autora Puget contribui para o desenvolvimento da vertente da psicanálise vincular. Depois, elenca para discussão a pluralidade humana e como os vínculos são formados a partir da diferença entre as pessoas, assim como o abandono do lugar narcísico em prol da vivência vincular.

¹³ Se crea un espacio inviolable, que se amplía en cada intercambio entre dos o más sujetos, cuya cualidad esencial es la alteridad de cada uno, que se impone al o a los otros [texto original].

¹⁴ Es imposible prever lo que va suceder, a diferencia de lo que ocurre en la lógica del uno, donde se activan juegos transferenciales y modificaciones derivadas de ellos [texto original].

¹⁵ En el Dos, lo que he llamado vínculo, se trata de hacer algo con lo que la situación genera, sostenido por las diferentes modalidades de las relaciones de poder y, por ende, por la imposición de lo ajeno irreducible. En el Uno se activa el mundo representacional; en el Dos se alternan conflictivamente el mundo presentacional y el representacional. Esta es una definición compleja, dado que desaloja de su lugar privilegiado a la relación por identificación, las relaciones de objeto y la fuerza del mundo representacional [texto original].

3.5. Vínculo na obra de Isidoro Berenstein (1932-2011)

Para Berenstein, ¹⁶o vínculo é algo formado “entre dois”, em concordância com o que é apresentado pela Janine Puget. Contudo, também é um momento de produção de subjetividade em ambos participantes do vínculo, uma vez que repercute em algo novo (BERENSTEIN, 2011). Em complemento, para se formar vínculo, precisa-se de presença, “não é possível o vínculo sem uma relação de presença, sem ela seria uma relação de objeto, aquela que habita na interioridade do sujeito” (BERENSTEIN, 2011, p. 97).

Berenstein elenca para o conceito de vínculo os estudos sobre o inconsciente e o consciente por meio da análise das palavras. Berenstein (2011) afirma que as palavras carregam a subjetividade do sujeito e é por meio delas que o subjetivo é expresso. O autor reflete sobre as várias palavras que denotam e tentam explicar o vínculo, as quais não são necessárias no âmbito intrapsíquico, pois neste local basta ser sentido. O autor apresenta a seguinte reflexão: (Ibidem. p.54-55):

Citarei como exemplo o que se observa entre nós, aqueles que pretendem falar e pensar em termos vinculares. Dispomos de uma sofisticação da linguagem em que o conjunto é falado com eles e, não obstante, sua terminologia não impede, melhor encobre, um pensamento fortemente enraizado no individual, ou em palavras mais apropriadas para se referir ao mundo da interioridade, ali onde os termos e conceitos vinculares não fariam falta porque aqueles são suficientemente explicativos.

Berenstein (2011) afirma que o vínculo não passa pelo âmbito da percepção do sujeito, pois é formado na ordem da apresentação e da representação. Assim sendo, há dois motivos para essa afirmação acontecer em que cada um suplementa o outro, nas palavras do autor (Ibidem, p. 94-95):

1. Porque é da ordem da apresentação e da ação que se deriva do fazer. Este componente não está representando nem o poderia estar, porque não foi realizado. O que está em potência ainda não foi feito, pode ou não ser levado a cabo. 2. Porque é também da ordem da representação. O que volta a apresentar suas inscrições ligadas, isto é, relacionadas firmemente, como ocorre na vivência de satisfação: prazer unido à imagem do objeto e à imagem motriz reflexa. Algo “volta” a (re)presentar ante o psiquismo inconsciente, e isso, por sua vez, se encontra representado entre os eus, que, por sua vez, o representam para si.

¹⁶ Isidoro Berenstein é contemporâneo da Janine Puget e publicou alguns trabalhos em parceria com ela, logo, compartilha de alguns de seus pensamentos sobre o vínculo. O texto aqui traz contribuições de Berenstein para além dos trabalhos em parceria com a Janine Puget.

Para Berenstein (2011) há dois tipos de vínculo, a saber: um em que se está, há aqueles ligados biologicamente pelo parentesco, remetente de uma transmissão genética. E há um outro tipo de vínculo chamado de alianças, que correspondem às relações baseadas em um compromisso mútuo entre pessoas fora da linhagem de parentesco, as vezes selados por pactos e acordos. Todavia, esse conceito de aliança compartilhado por Berenstein foi edificado por René Kaës (2014/2009). O qual será melhor explanado no capítulo a seguir.

3.5.1. *Ajeno e a alteridade.*

Ajeno é uma palavra em espanhol proveniente do latim “*alienus*”, derivada de “*alius*” que significa “outro” (PIVA, 2020). No português, pode-se traduzir como “alheio” ou “estrangeiro”, mas não há uma palavra que expresse com exatidão o significado original (TRACHTENBERG, et. al. 2013).

É um conceito utilizado pela filosofia, etnologia e antropologia, por exemplo, aqui será usado de acordo com a psicanálise das configurações vinculares (LEVISKY, DIAS, LEVISKY, 2021). Representa o que é do outro e não se pode atravessar e se identificar no vínculo, significa:

O outro se apresenta como aquele distinto que impacta como aquele em nós com sua presença e que não pode ser negado nem anulado. A *ajenidad* do outro é aquela marca da diferença e alteridade com que o outro nos defronta. Pressupõe aquilo novo que surpreende pelo distinto e é conhecido pelo sujeito vincular no *après coup* das novas situações (LEVISKY, DIAS, LEVISKY, 2021, p. 38).

Diz respeito de algo que não pode ser incorporado e é intrínseco à constituição do vínculo. É um modo de compreender o vínculo sobre a lógica do conceito de “Dois¹⁷”, ao contrário de pensar uma somatória ou uma unidade formada a partir dos sujeitos presentes no encontro (BERENSTEIN, 2004).

O *ajeno* está envolto pelo juízo de presença, do que o outro desperta no sujeito e vice versa, para além da percepção física. Essa presença é sentida e surge quando a pulsão não encontra vazão em algo já representado (TRACHTENBERG, et. al. 2013). Desta maneira, “o alheio é regulado pelo julgamento da presença e cabe a si decidir se o outro pode se ausentar,

¹⁷ Faz-se referência ao conceito de Puget que está presente no item “2.4. Vínculo na obra de Janine Puget (1926-2020)”.

desaparecer como alheio ou, tendo uma presença, exige que o sujeito execute as operações necessárias para mudar [tradução nossa]”¹⁸ (BERENSTEIN, 2004, p. 36).

A presença de um outro em uma perspectiva vincular é diferente da noção de objeto externo na qual o eu seria central. O outro também é um sujeito detentor de singularidade, que não será totalmente capturado ou apenas representado. Ele tem uma presença que é diferente do objeto interno (PIVA, 2020). Representação é um conceito atrelado à lógica do Um:

A representação tem uma qualidade de retorno, embora ilusória, ao passado e do passado incluído no presente (repetição). É a dimensão do Um, de uma dada singularidade, de integração, de semelhança, de mesmice, de pertencer a uma estrutura que concede lugares fixos (estrutura edípica e massa, Estado), do que é tradicionalmente chamado de mundo psíquico [tradução nossa] (PUGET, 2003, p.181).¹⁹

Os sujeitos do vínculo possuem singularidade múltipla, uma diversidade que gera transformações. A cada vínculo há uma desterritorialização que estimula um trabalho psíquico de rearranjo e constituição de subjetividade (PIVA, 2020). A desterritorialização é potente tanto para a produção de algo novo quanto para ser uma fonte de angústia.

O *ajeno* pode ser fonte de sofrimento e frustração, pois o diferente afeta o narcisismo do sujeito. Contudo, a diferença apresentada no vínculo pode ser fonte de descobrimento, de novas realizações, aprendizagens e produção de subjetividade. O *ajeno* tem partes que não podem ser simbolizadas e colocadas em palavras, pois estão envolvidas com o inconsciente (TRACHTENBERG, et. al. 2013).

Existem três conteúdos considerados *ajenos*: “seu inconsciente, a alteridade do outro e a dimensão do conjunto social do qual se faz parte” (PIVA, 2020, p.45). E também o sujeito lida com o *ajeno* de si, do outro e da sociedade, cada qual a sua forma específica (Ibidem). O inconsciente é *ajeno* por não ser simbolizado e totalmente conhecido, assim como, o conjunto social de outros sujeitos singulares.

“Alteridade” é uma palavra proveniente do latim “*alteritas*” significa: o que é do outro. É o “que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser

¹⁸ Lo ajeno se regula por el juicio de presencia y el yo ha de decidir si el otro puede pasar a ser ausente, desaparecer como ajeno, o, teniendo presencia, requiere que el sujeto haga las operaciones necesarias para modificarse [texto original].

¹⁹ La representación tiene una cualidad de retorno aunque ilusorio al pasado y de pasado incluído en el presente (repetición). Es la dimensión del Uno, de una dada singularidad, de la integración, de la semejanza, de la mismidad, de la pertenencia a una estructura que otorga lugares fijos (estructura edípica y Masa, Estado), de lo que se llama tradicionalmente el mundo psíquico [texto original].

distinto, diferente” (LEVISKY, DIAS, LEVISKY, 2021). Na psicanálise das configurações vinculares, esse outro é um sujeito que possui singularidades e subjetivações diferentes. Há três características de alteridade a serem sublinhadas:

A ideia de alteridade, essa qualidade do outro, caracteriza a relação que chamamos de vínculo, pela excentricidade do sujeito e do outro. Podemos então destacar três características: 1) O desejo não pode explicar o outro como pode por seu objeto, o desejo é pelo perdido e o outro não foi perdido, porque nunca se teve, com o qual 2) não é encontrado como um retorno e, portanto, eu acrescentaria que a partícula *re* (*return*) não vai, e 3) com aquela de qual que não há ideia nem pode o outro ser representado como semelhante, precisamente com isso um relacionamento terá que ser feito [tradução nossa] (BERENSTEIN, 2004, p. 119).²⁰

Na diferença, “Começou uma relação baseada na complementaridade e semelhança, mas sobretudo na assimetria [tradução nossa].”²¹ (PUGET, 2015, p.1). É a heterogeneidade dos sujeitos no vínculo que mobiliza a criação de algo novo por meio do encontro. A parte que é semelhante pode não ser estimulante, mas:

O já conhecido não dispensa o fato de que seja necessário significar o que consideramos conhecido, pois o outro já apresenta algo diferente. Tomar contato com estas diferentes dimensões de alteridade tanto coloca em marcha um processo de criação e transformação como também pode ser fonte de sofrimento e mal-estar (PIVA, 2020, p.45).

A diferença qualitativa entre os sujeitos faz parte da experiência do encontro, do reconhecimento e do compartilhamento com o outro. O vínculo é formado com o diferente que passa pela “[...] dimensão do encontro, do compartilhado, da criação de um espaço-tempo de ilusão, que permite enfrentar as vicissitudes dos processamentos da diferença que o trabalho vincular demanda” (PIVA, 2020, p.51).

A presença de um outro que é diferente gera a necessidade de um trabalho psíquico e vincular contínuo. Assim, os sujeitos do vínculo são afetados reciprocamente, produzindo subjetividade e marcas que permaneceram em ambos (PIVA, 2020). Dessa maneira, no trabalho entre os professores/oficineiros e seus alunos idosos há um contato constante com a diferença que é geracional, histórica, cultural e social, por exemplo.

²⁰ 1) el deseo no puede dar cuenta del otro como puede hacerlo de su objeto, el deseo es de lo perdido, y el otro no fue perdido porque no fue tenido, con lo cual 2) no se lo encuentra como un retorno y por ello agregaría que no le va la partícula *re* (de retorno), y 3) con eso de lo que no hay idea ni se puede representar del otro como semejante, precisamente con eso habrá de hacerse una relación [texto original].

²¹ Se iniciaba una relación basada en la complementariedad y la semejanza pero sobre todo en la asimetría [texto original].

O contato com o *ajeno* pode se constituir em uma potência criativa para o vínculo entre professores/oficineiros da Universidade Aberta à Terceira Idade. Este é um processo que tem suas dificuldades e angústias, pois atinge o narcisismo e a parte que cabe ao conceito do Um. Para tanto, é necessário um trabalho psíquico constante dos professores/oficineiros de lidar e aceitar o diferente para conseguir manter o vínculo com os idosos.

3.6. Vínculo na obra de René Kaës (1936 - atualmente)

Kaës ²²(2007/2011) amplia e distingue a noção de relação de objeto do vínculo como um conceitos distintos. Para Kaës (1999/2003, p. 93), vínculo pressupõe a existência de um outro externo a pessoa: “estes outros não são apenas figurações ou representações de coisa e palavra, do próprio sujeito ou representações de pulsões, de objetos parciais; são também outros, irreduzíveis ao que representam para um outro”. Assim, a relação de objeto faz parte do âmbito da representação construída a respeito de outra pessoa, está presente no vínculo, mas não é seu sinônimo. Nesse caso, o objeto internalizado não anula a existência do outro. Nas palavras do autor:

Chamei de vínculo a realidade psíquica inconsciente específica construída pelo encontro de dois ou mais sujeitos. Essa definição pelo conteúdo põe a ênfase na realidade psíquica inconsciente, objeto constitutivo da psicanálise. Ela fica mais precisa com uma abordagem em termos de processo: o vínculo é o movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos (KAËS, 2011, p. 159).

Kaës (2007/2011) analisa o vínculo como uma estrutura formada por três, ou seja, dois “eus” e um intermediário. Cada “eu” carrega uma bagagem de experiências de vida e uma subjetividade diferente, que vão de encontro no vínculo. Contudo, o vínculo pressupõe uma lógica de reciprocidade, pois ambos precisam investir nesta união. Outra característica do vínculo é que compõe o inconsciente, pode ter ou não partes no consciente e impõe certo

²² Kaës é um professor jubilado de Psicologia e Psicopatologias Clínicas da Universidade de Lyon 2 e compõe a corrente francesa de estudos sobre grupo juntamente com Jean-Bertrand Pontalis e Didier Anzieu (KAËS, 2003). Destarte a corrente francesa contribui para os trabalhos da psicanálise vincular com três propostas principais. A primeira é de autoria de J.B. Pontalis (1963), que refere-se ao grupo como um objeto de investimentos pulsionais e de representações inconscientes. A segunda é a proposta de Didier Anzieu (1966) de grupo como um espaço potente de realização de desejos inconscientes assim como ocorre no sonho. Por fim, a terceira é a concepção de Kaës de que há um aparelhamento grupal das psiques.

trabalho psíquico. Para Kaës (2011), existem principalmente quatro exigências psíquicas para que haja vínculo.

O primeira corresponde à exigência de investimento narcisista e objetal para ser reconhecido como pertencente ao vínculo (KAËS, 2011). Segundo, há conteúdos que são impostos ao sujeito: “é a colocação em latência, o recalçamento, a renúncia ou abandono de certas formações psíquicas próprias do sujeito” (Ibidem, p. 160). A terceira exigência é a necessidade de manter aspectos metadefensivos, com o objetivo de preservar o sujeito pertencente ao vínculo. A quarta exigência corresponde a interditos fundamentais que inserem o sujeito em uma civilização, assim como, o processo de simbolização (Ibidem). Por fim, essas exigências culminam na criação de um espaço psíquico comum e compartilhado do vínculo:

Consideradas do ponto de vista do sujeito a quem são impostas, essas exigências são estruturantes e conflituosas. A conflituosidade central situa-se entre a necessidade de ser um próprio fim para si mesmo e a de ser um sujeito no grupo e para o grupo. Ao realizarem esse trabalho psíquico, os membros de um grupo se atribuem e recebem em troca benefícios e encargos. Estabelece-se um equilíbrio econômico, positivo ou negativo, em relação ao que eles ganham e ao que eles perdem em satisfazer essas exigências (KAËS, 2011, p. 160-161).

O trabalho psíquico que compõe o vínculo cria uma conjectura nova e original, ou seja, cada vinculação é única e detentora de suas próprias características (KAËS, 2007/2011). Essa concepção de vínculo abarca a pluralidade humana e proporciona a criação de um espaço comum e compartilhado.

Com essa teoria, Kaës (2007/2011) expande os estudos intrapsíquicos da psicanálise para a análise dos vínculos e do intersubjetivo. Piva (2020) reflete que na obra de Kaës, o psiquismo tem partes no mundo externo e interno, com diferentes significantes e lógicas de funcionamento. O intrapsíquico é visto como uma instância que existe concomitantemente com outras instâncias. Todavia mantém o seu valor, mas há o acréscimo de outras dimensões para a análise do sujeito (Ibidem).

Kaës (1999/2003) aponta, ainda, que há diferença entre as teorias de relação de objeto e as teorias da intersubjetividade, como a psicanálise vincular. Na psicanálise vincular acredita-se que o sujeito lida com “outros” portadores de sua própria subjetividade, “estes outros não são apenas figurações ou representações de coisa e palavra, do próprio sujeito ou representações de pulsões, de objetos parciais; são também ‘outros’, irredutíveis ao que representam para um outro” (Ibidem, p.93). A relação de objeto faz parte do âmbito da representação construída a respeito de outra pessoa, ela está presente no vínculo, mas não é seu sinônimo.

Chama-se a associação dos professores/oficineiros e idosos participantes da UNATI de vínculo porque observa-se investimentos, representações e ações de junção. Ao participar do cotidiano do programa é possível observar que a interação entre docente e discente não é pautada apenas na formalidade de ensino e aprendizagem. Há um investimento mútuo entre esses sujeitos que abarca a pluralidade humana e gera a produção de subjetividade.

3.6.1. Intersubjetividade

O prefixo “inter” revela a necessidade de uma reciprocidade entre os sujeitos para vincular-se entre si, seja simétrica ou assimétrica. Pressupõe a existência de uma distância, descontinuidade e diferença entre os sujeitos e são “as distâncias entre esses sujeitos que tornam possível o surgimento dos Eus” (KAËS, 2007/2011, p.23). A origem etimológica da palavra “*subjetivo*” é do latim “*subjectivus*” e significa: colocar sob (LEVISKY, DIAS, LEVISKY, 2021). Na perspectiva de Kaës:

Dei o nome de "intersubjetividade" à estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos. Este espaço comum, articulado, partilhado e diferenciado inclui processos, formações e uma experiência específica, através da qual cada sujeito se constitui, numa parte que diz respeito ao seu próprio inconsciente. Nesse espaço, sob certas condições -principalmente o desprendimento das alianças que o mantêm sujeito aos efeitos do inconsciente, mas também que o estruturam-, um processo de subjetivação permite tornar-se eu, um eu que pensa o seu lugar, como sujeito no seio de um Nós [Tradução nossa]. (KAËS, 2007/2010, p.281).²³

O termo intersubjetividade representa um lugar psíquico construído pelo encontro entre sujeitos do inconsciente. Esse lugar é permeado por mudanças e está em construção contínua, ao passo que o sujeito desenvolve novos vínculos. Assim, “a intersubjetividade não é somente a parte constitutiva do sujeito que se dá na subjetividade do outro ou de mais de um outro. Ela se constrói num espaço psíquico próprio a cada configuração de vínculos” (KAËS, 2011/2007, p.23).

Os sujeitos do vínculo transitam com liberdade nesse espaço intersubjetivo de maneira dinâmica construindo-o. Por outro lado, o material cedido não anula a singularidade de cada

²³ He dado el nombre de “intersubjetividad” a la estructura dinámica del espacio psíquico entre dos o varios sujetos. Este espacio común, conjunto, compartido y diferenciado comprende procesos, formaciones y una experiencia específicos, a través de los cuales cada sujeto se constituye, en una parte que concierne a su propio inconsciente. En este espacio, en ciertas condiciones -principalmente, la del desprendimiento de las alianzas que lo mantienen sujetado a los efectos del inconsciente, pero también que lo estructuran-, un proceso de subjetivación hace posible devenir Yo, un Yo que piensa su lugar de sujeto en el seno de un Nosotros.

sujeito, transformando-o em um membro do vínculo. O Kaës introduz o conceito de trabalho da intersubjetividade e aponta:

O conceito de trabalho do intersubjetivo comporta a ideia de que cada sujeito é representado e procura se fazer representar nas relações de objeto, nas imagens, identificações e fantasias inconscientes de um outro e de um conjunto de outros. Do mesmo modo, cada sujeito se liga em formações psíquicas desse tipo com os representantes de outros sujeitos, com os objetos de objetos que ele abriga em si. Ele os liga entre si (KAËS, 2011/2007, p.225).

O “trabalho da intersubjetividade” complementa a “intersubjetividade” pois traz à tona a exigência psíquica que emana do vínculo. Aponta a dinamicidade do conceito perante o encontro entre dois sujeitos singulares e plurais, cercados de interditos, obrigações e limites. O intersubjetivo afeta o sujeito do inconsciente, mobilizando um trabalho de estruturação interna.

A intersubjetividade pressupõe uma ligação entre os sujeitos pelos seus mecanismos constitutivos do inconsciente que vem à tona na relação com o outro. Os mecanismos são “os recalques e as negações em comum, as fantasias e os significantes partilhados, os desejos inconscientes e as proibições fundamentais que os organizam” (KAËS, 2011//2007, p. 22).

Esse espaço possibilita a criação de algo novo, mobiliza o surgimento de novas marcas subjetivas. A subjetivação “é um processo de transformação do sujeito assumido pelo Eu, e esse processo está sob o efeito da intersubjetividade, isto é, da situação dos sujeitos do inconsciente no vínculo” (KAËS, 2011//2007, p. 224).

Para gerar subjetividade é preciso que haja o espaço intersubjetivo no vínculo entre professores/oficineiros e os idosos participantes da UNATI, de onde emanam afetos, aprendizagens sobre a vida e permite um olhar para si e para a velhice. O programa funciona como um espaço intermediário que enlaça esses sujeitos entre si, liga as distâncias e as diferenças intergeracionais, influenciando na criação de vínculos intersubjetivos, no que ele desperta, que é o espaço intersubjetivo, estabelecendo alianças conscientes e inconscientes.

3.6.2. O vínculo e as alianças inconscientes

Os vínculos são construídos desde os primórdios da vida humana no ambiente familiar e influenciam, posteriormente, na formação de novos vínculos. Com o tempo, o sujeito se insere em uma comunidade de pessoas que se identificam e compartilham objetos de desejo em comum. Outra característica da comunidade é que os membros investem e se identificam

inconscientemente uns com os outros de maneira aleatória. Assim, no momento em que se estabelece um encontro, há uma interação entre ambos os materiais intrapsíquicos, grupos internos e defesas.

Depois desse primeiro encontro, para se vincular com o outro é preciso a formação de uma aliança para salvaguardar ambos os aparelhos psíquicos e o investimento pulsional de cada um na relação. A aliança une os sujeitos ao passo que ela conserva o vínculo entre eles, mas também exclui as pessoas que no encontro se mostram inadequadas para um vínculo proximal com o sujeito (KAËS, 2009/2014).

Para Kaës (2007/2011), as alianças inconscientes são formas de garantir e construir o vínculo intersubjetivo. Podem ser totalmente inconscientes ou possuírem parte no consciente, mas sempre vão mobilizar a produção de inconsciente no sujeito. Nessa discussão pode-se acrescentar o fato de que o acordo estabelecido promove a união, mas para ele acontecer os sujeitos cedem partes de si para mantê-lo e o custo do mesmo é a perda de algumas representações, pensamentos e satisfações pulsionais, que são negados e recalçados.

O material, fruto dessa cessão, é excluído com o propósito de assegurar a relação e fugir de conflitos entre as diferenças subjetivas dos sujeitos. Caso haja conflitos, a aliança busca superar e conservar o vínculo, por meio da negação e recalque. Contudo, o vínculo é formado sem que as partes tomem consciência total do que cada uma cedeu para mantê-lo (KAËS, 2009/2014). Ampliando esse tema, as alianças inconscientes são diferenciadas pelos seus objetivos:

[...] Algumas entre elas são estabelecidas para o tratamento de investimentos pulsionais, esses que mobilizam as relações precoces e as alianças de afiliação, nos investimentos narcísicos e sexuais entre os sexos e entre as gerações. Outras são estabelecidas para garantir a realização de desejos inconscientes, outras ainda organizam-se sobre interditos, outras em vista de transgressões e derivações sublimatórias. podemos ainda vir a ter outras que têm por funcionamento as identidades comuns e as referências identificatórias de pertença. Numerosas são ainda as que se associam a diversos objetos em sua composição (KAËS, 2009/2014, p.55).

As alianças inconscientes são complexas, ao passo que há várias diferenças entre como elas são pactuadas. Essas diferenças têm como base o objetivo do sujeito perante seus desejos pulsionais. Pode-se concluir que há diferentes grupos de alianças de acordo com o que cada uma mobiliza no sujeito. Contudo, nessa citação de Kaës (2009/2014) também se entende que as alianças podem mobilizar objetos diferentes.

Há vários tipos de alianças que compõe relações entre dois ou mais sujeitos, algumas delas são sociais, familiares, grupais e institucionais. Podem ser favoráveis à construção de uma relação ou contra e, independente de qual seja estabelecida, elas entrelaçam os sujeitos em sua intersubjetividade e transobjetividade (KAËS, 2009/2014). Desse entrelaçamento, tem-se o impacto das alianças no espaço psíquico e pode ser representado em três partes: no intrapsíquico, nos processos constitutivos do grupo e nas relações.

Do entrelace entre professores/oficineiros e os idosos participantes da UNATI há um vínculo salvaguardado por uma aliança, com o objetivo de proteção de ambos aparelhos psíquicos. É preciso que haja um acordo velado diante do encontro entre pessoas detentoras de singularidades, pois garante a união até mesmo em momentos de conflitos desestabilizadores. A aliança estabelece o que é possível de ser realizado naquele vínculo e compõe o elo entre os desejos das pessoas envolvidas.

3.6.3. As alianças estruturantes secundárias

Enquanto as alianças primárias surgem com as primeiras interações do *infans* com o ambiente circundante, as alianças secundárias surgem um pouco depois. Para Kaës (2009/2014), nas alianças estruturantes secundárias há uma gama de discussões sobre as relações sexuais e as gerações que compõe a intersubjetividade e o sujeito. Geracionais ao passo que as gerações precedentes transmitem a cultura e as leis, auxiliando a compor as alianças estruturantes secundárias. Em concordância, é importante para o indivíduo pactuar com as diretrizes estabelecidas socialmente para manter o grupo mais unido e em equilíbrio.

Para pactuar também é preciso que ocorram renúncias de pulsões, que possam afetar a formação social, ocorre que “o primeiro laço da transmissão do recalque e dos conteúdos reprimidos, da negação e dos conteúdos negados. Elas contêm também as formas arcaicas dos ideais e do superego” (KAËS, 2009/2014, p. 53). Assim, as alianças secundárias são estruturantes do social e do sujeito: social, psíquico e inconsciente. Há três principais: o pacto fraterno, a aliança com o pai simbolizado e o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetos pulsionais destrutivos.

O pacto fraterno é explicado por Freud (1913-1914) no texto Totem e Tabu por meio de um mito, em que os filhos se juntam para matar o pai arcaico, uma figura tirânica, detentora de

todo poder e mulheres da horda primitiva. Tal pai restringe a satisfação dos desejos sexuais de seus filhos instigando a revolta entre eles. Os irmãos se unem e formam um pacto do tipo ofensivo para matar o pai. Depois de lidarem com ele, precisaram buscar formas de manter a aliança construída inicialmente para evitar a repetição da história e a ascensão de outra figura de poder. Kaës (2007/2011, p. 202) discorre que:

Os fantasmas arcaicos e as identificações primárias dos irmãos associados não poderão ser ultrapassados senão por uma mutação no regime da culpabilidade e nas identificações pela introjeção do Pai simbólico no corpo grupal dos irmãos. Os Irmãos não poderão romper com a repetição e renunciar à violência direta suscitada pelo ódio e sua rivalidade senão sob o efeito da culpabilidade depressiva e não mais persecutória, o que significa que, ao lado do ódio e da ambição, serão reconhecidos os sentimentos de amor que o Pai inspirava a seus súditos. As identificações secundárias com o Pai defendem os Irmãos contra o retorno de suas pulsões parricidas ou contra a deflexão dessas pulsões sobre eles mesmos. Esta mudança radical é concluída por um segundo pacto, uma aliança simbólica.

Esses sentimentos de amor, ódio e ambição são reconhecidos como potencialmente nocivo para o grupo, que para permanecer unido, é preciso garantir que a história dos filhos matando o pai não se repita. Aqui o pacto é selado para preservar o grupo e é um “pacto”, pois carrega certa violência em sua formação. Com essa citação, entende-se que esse pacto contribui para regras básicas do convívio social, como a interdição de pulsões nocivas ao grupo.

As pulsões que vêm à tona com o primeiro pacto não podem ser realizadas diretamente, precisam de outras saídas para serem saciadas. Então, surge o segundo pacto, que estabelece algumas leis para serem seguidas pelas pessoas da horda primitiva, possibilitando a simbolização das pulsões remanescentes do primeiro pacto. Os irmãos estipulam três interditos, que corroboram para manter o segundo pacto. O primeiro é a interdição do incesto, pois eles matam o pai também para ter acesso às mulheres da horda primitiva, que antes eram exclusivas do pai, sendo assim o incesto passa a ser proibido (KAËS, 2008/2011).

O segundo interdito é o tabu, em que é realizada uma cerimônia buscando uma possível reconciliação com o falecido. Os irmãos se uniram para construir um totem em homenagem a esse progenitor, simbolizando o fim do que ele representava na horda primitiva. Com a instituição do tabu, surge a necessidade do interdito do fratricídio, como uma forma de garantir que a história não se repita entre eles. Posteriormente, a cultura e a sublimação expandem o lugar ocupado pelos interditos, mantendo o pacto na sociedade (KAËS, 2008/2011).

Outra aliança estruturante secundária é a com o pai simbolizado, remetendo à representação do pai por meio do totem. O mito aqui é encarado como a passagem pelo

complexo de Édipo, culminando na superação da morte do pai arcaico e sua substituição pela simbolização da figura totêmica. Assim, ocorre a passagem de investimentos megalomaniacos da horda primitiva para a existência de relações intersubjetivas e simbólicas do sujeito nos grupos e nas instituições sociais (KAËS, 2009/2014).

A aliança com o pai simbolizado auxilia na formação de um grupo de pessoas dispostas a viver em comunidade, mas para se manterem unidos é necessário mais do que essa aliança. É preciso firmar o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos, que garante a manutenção de ações que podem prejudicar a união do grupo. O sujeito escolhe viver em sociedade por seus benefícios protetivos, mas para isso tem que renunciar a desejos violentos e comprometedores da integridade dos outros sujeitos também desejantes (KAËS, 2009/2014).

A própria comunidade se reúne para a elaboração de regras e ideias a serem seguidas por todos na tentativa de barrar as pulsões destrutivas do grupo. Deveras “o que dá bases à comunidade é, portanto, a emergência do direito. Mas para beneficiar-se das proteções da comunidade, em troca, devemos renunciar à satisfação imediata de alguns prazeres” (KAËS, 2009/2014, p. 93). O contrato de renúncia também executa uma função estruturante do aparelho psíquico, comportando interditos e ideias, que são transmitidos para as próximas gerações. As regras não garantem o desaparecimento dessas pulsões, mas ocorre a sublimação dos objetos pulsionais conforme forma-se a civilização (KAËS, 2009/2014).

Freud (1921/2010) em “o futuro de uma ilusão” concebe como “civilização” as conquistas humanas, que os diferenciam dos animais. Os seres humanos conquistaram a capacidade de interferir nas forças da natureza, explorar suas riquezas e de organizar as relações uns com os outros. Em longo prazo, essas conquistas em conjunto garantem direitos e confortos e tornam vantajoso realizar a renúncia à satisfação imediata dos objetos pulsionais.

Na prática, essas alianças secundárias se manifestam com diferentes roupagens representando o que é socialmente aceito. No geral, entende-se que as alianças estruturantes secundárias são importantes para simbolização de certas pulsões prejudiciais ao grupo, auxiliando na resolução de conflitos por meio da palavra.

Essas alianças estruturantes secundárias apresentam algumas formações relevantes para a construção de uma civilização, pois são pautadas no uso da palavra, possibilitando a expressão dos interditos, relatos e dos termos compositores de uma aliança. Desse modo, o uso da fala é

um meio importante de simbolização, necessitando de outro sujeito como testemunha do que é dito.

O uso da fala permite a resolução de conflitos interpessoais sem o advento da violência física, por exemplo. A palavra envolve as relações tornando estruturantes o pacto dos irmãos, a aliança com o pai e o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetos pulsionais, ao passo que fundamentam as garantias simbólicas e preservam o sistema psíquico (KAËS, 2009/2014).

Na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) essa aliança infere na existência de um ambiente respeitoso, com o limite do que é socialmente aceito a ser feito. As alianças estruturantes secundárias garantem o que é primordial do vínculo, que é a capacidade de simbolizar e lidar com os conflitos sem a violência física. Compõem o respeito mútuo que cria um ambiente adequado para existir e para alcançar os objetivos internos da instituição. Diz respeito à paciência dos professores/oficineiros despendida para compor a UNATI, enfrentar as dificuldades e ensinar os idosos.

3. CAPÍTULO: AS ESPECIFICIDADES DO VÍNCULO ESTABELECIDO ENTRE DOCENTES E OS ALUNOS IDOSOS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI), ASSIS.

4.1 Procedimentos de coleta de dados

A pandemia da SARS-Cov-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2) dificultou o funcionamento da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Atualmente, a UNATI funciona de forma remota, mas teve baixa aderência por parte dos idosos e dos professores/oficineiros devido à dificuldade para lidar com as tecnologias ou falta de sinal de internet satisfatório.

Esse cenário refletiu na coleta de dados para a pesquisa, que precisou ser adaptada para a nova realidade da UNATI. Desse modo, o convite para participar da pesquisa foi realizado por intermédio de um membro da administração que passou o contato telefônico de algumas pessoas. Optou-se por entrevistar apenas pessoas que fizeram parte do programa antes das limitações causadas pela pandemia.

Os professores/oficineiros foram contatados por WhatsApp e convidados para participar das entrevistas por chamada de vídeo *on-line*. Eles também foram informados sobre o objetivo da pesquisa e sobre as questões éticas que a envolvem, seguindo as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa local, com CAAE: 22933319.1.0000.5401

O aplicativo Google Meet foi utilizado para fazer a chamada de vídeo, o encontro foi gravado mediante autorização dos entrevistados e, posteriormente, foi transcrito para auxiliar na “Análise de Conteúdo”. Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas, com roteiro norteador presente no Anexo 1.

Todos os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o sigilo será garantido por meio da substituição do nome das pessoas por nomes fictícios: Elisa, Maria, Gabriel, Jaime e Juliana. Também serão ocultadas informações específicas que poderiam identificar os participantes da pesquisa.

4.2. Participantes da pesquisa

Foram entrevistados cinco alunos da graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Assis, professores ou oficinairos da UNATI. O número de participantes foi escolhido por conveniência, de acordo com o que era possível ser feito durante a pandemia. Entre eles havia duas pessoas do curso de Psicologia, duas de Letras e um de História, com idades entre vinte e vinte e cinco anos, que ministraram aula por pelo menos um semestre no programa.

São pessoas de outras cidades do Estado de São Paulo e de Minas Gerais que se mudaram para cursar o ensino superior na UNESP. Em Assis, dividem casa com outros universitários ou moram sozinhos, sendo essa a primeira experiência vivendo longe dos familiares. A distância e os custos para viajar para a cidade natal fazem com que visitem a família esporadicamente, quando há feriados ou férias da universidade.

Entre os colaboradores, o tempo de participação presencial como professor/oficineiro da UNATI varia entre um semestre e cinco anos. Elisa dá aula desde 2018, Maria desde o segundo semestre de 2019, Gabriel faz parte do programa desde 2016, Jaime desde 2019 e Juliana desde o início de 2019.

Essas pessoas tentaram manter os cursos/oficinas durante a pandemia, mas a prática foi dificultada pelo ambiente virtual. Por fim, conseguiram manter conversas esporádicas pelo WhatsApp com os alunos idosos. Antes da pandemia, eles davam aula/oficina semanalmente e se preparavam para tal, sob a supervisão de um docente do campus, no caso das atividades didáticas e da saúde e bem estar.

A UNATI divide os cursos/oficinas em três tipos, logo, foram entrevistadas pessoas de pelo menos um grupo de cada categoria: duas pessoas da didática, duas da artística-cultural e uma da saúde e bem estar.

4.2.1 Apresentação da entrevistada Elisa

Elisa contou que durante sua vida teve um bom relacionamento com seus avós e possui uma família composta por pessoas mais envelhecidas. Então, durante a universidade, quis manter um contato com a velhice e se juntou à UNATI, por admirar o trabalho desenvolvido com idosos.

Durante a pandemia, Elisa manteve e adaptou a oficina de Teatro seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Manteve o contato com as idosas participantes da UNATI por *WhatsApp* e realizou encontros por chamada de vídeo, esporadicamente. Teve um esforço conjunto com os membros da administração e com sua parceira de aula/oficina para encontrar uma maneira de manter o Teatro durante a pandemia.

O funcionamento remoto da oficina possibilitou o reencontro com uma ex-participante que não comparecer ao presencial em 2020. Contudo, havia uma aluna que não podia participar por não ter acesso aos meios digitais, então, Elisa fazia chamadas telefônicas para manter o vínculo com ela. As tarefas de Teatro passadas pelo *WhatsApp* durante a pandemia foram adaptadas à nova realidade, por exemplo: as idosas deveriam enviar vídeos recitando poesia.

A pandemia dificultou o processo de ensino e aprendizagem do Teatro devido às adaptações demandadas para o funcionamento virtual. Logo, suas intenções estavam voltadas em manter pelo menos o vínculo grupal entre as idosas participantes e as professoras/oficineiras. Então, as chamadas de vídeos constituíram uma possibilidade de falar sobre a vida e de lidar com as dificuldades para manter o isolamento social.

Elisa se disponibilizou a passar o contato dos outros professores/oficineiros para a realização das outras entrevistas. Respondeu às perguntas com um sorriso no rosto e demonstrou alegria e carinho em trabalhar com a terceira idade. Na graduação, escolheu fazer o estágio sobre a atuação do psicólogo junto à população idosa e já publicou artigo nesta área. Elisa estuda sobre o processo de envelhecimento, o que influencia sua forma de pensar e falar sobre a velhice.

4.2.2. Apresentação da entrevistada Maria

Maria desconhece o percurso histórico que culminou na criação da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), campus Assis. Contudo, ao fazer parte do programa, a história, a herança e os objetivos são passados de forma orgânica pelo vínculo com a instituição. Maria demonstrou interesse em conhecer a história, a origem e a trajetória do programa e pediu indicações de leituras, durante uma conversa paralela à entrevista.

Atualmente, ela ministra aulas/oficinas de modo remoto por meio do *WhatsApp* e do *Google Meet*. Contudo considera que essa modalidade de ensino e aprendizagem dificulta

conhecer o âmbito subjetivo do aluno, então, diz que preferiria ministrar aulas/oficinas no presencial.

Maria relata que antes da pandemia conseguia ser mais flexível e ir adaptando a aula às necessidades que os idosos apresentavam em cada encontro. No âmbito virtual, ela não consegue ter essa percepção, então, passou a seguir com mais rigor o cronograma estabelecido no começo do curso. Nesse modelo, a aula fica mais rígida e perde um pouco do caráter vincular, da percepção das necessidades do outro e do ritmo de aprendizagem. Essa nova modalidade de ensino causa a perda dos momentos de conversa sobre a história e as experiências de vida dos idosos.

Maria foi receptiva ao convite de participar da entrevista e colaborar com a elaboração da pesquisa. Manteve um sorriso no rosto enquanto falava dos vínculos formados por meio da UNATI e, em alguns momentos, demonstrou dificuldades para responder às perguntas, precisando pensar mais sobre o assunto.

4.2.3 Apresentação do entrevistado Gabriel

Gabriel aponta que a música é uma das maiores paixões da sua vida, por isso, quando ingressou na universidade buscou iniciativas nessa área. Durante a recepção dos calouros no salão de Atos, ele viu o piano de cauda e se apaixonou pelo instrumento.

Gabriel procurou a coordenadora da unidade para pedir para tocar o instrumento, quando, percebendo seu interesse pela música, ela o convidou para participar da Seresta da UNATI. Gabriel não conhecia o programa, mas gostou da iniciativa da UNATI de ofertar uma aula/oficina de Seresta, bem como da possibilidade de trabalhar com a terceira idade.

Essa foi sua primeira experiência como docente com alunos da terceira idade. Gabriel tem experiência em ministrar aulas de Música e de História para crianças e adolescentes, logo, ele possui um parâmetro para comparar as vivências com os dois públicos. Gabriel ministra a Seresta com mais quatro colegas com quem partilha semanalmente a experiência e os vínculos formados com os idosos.

Gabriel se preocupa em ensinar as partes técnicas do ato de cantar como, por exemplo, os exercícios de aquecimento da voz. Contudo, ele afirma que os idosos preferem só cantar,

sem o investimento em técnicas, um impasse na prática da docência. O professor/oficineiro demonstrou empenho em proporcionar um ambiente agradável de vinculação para os idosos.

Os alunos da Seresta sempre tiveram um grupo no *WhatsApp*, onde costumavam compartilhar correntes temáticas antes da pandemia, o que facilitou o contato durante o período. Dos cinco professores/oficineros, apenas Gabriel participa do grupo com os alunos no aplicativo, porque os conteúdos compartilhados pelos idosos são demasiados e geram certo incômodo nos demais docentes. Gabriel fica a cargo de acompanhar o grupo e repassar as informações consideradas pertinentes para os outros professores/oficineiros.

Ele considera que o ritmo da música é coletivo, característica que se perde quando o grupo não está cantando junto em um mesmo espaço físico. Então, durante a pandemia a aula/oficina ficou praticamente inviabilizada, mas o grupo manteve contato pelo *WhatsApp*.

Gabriel é uma pessoa muito comunicativa, eloquente e expressa de forma detalhada seus sentimentos perante os vínculos com os idosos. Contou várias histórias sobre esses vínculos durante os anos em que participou na UNATI, principalmente na época das aulas/oficinas presenciais. Falou com entusiasmo de suas vivências com a terceira idade, demonstrando que esse vínculo é prazeroso e gratificante.

4.2.4 Apresentação do entrevistado Jaime

Jaime iniciou a experiência de docência na UNATI, porque tinha a necessidade de dar aula para contabilizar como estágio obrigatório da sua graduação. Ele escolheu a UNATI devido também à sua vontade de trabalhar com a terceira idade, porque talvez essa fosse a única oportunidade de lecionar para essa faixa etária. Jaime demonstra carinho e admiração pelo programa, assim como, pelo trabalho com os idosos.

Jaime trabalhou em parceria com outra estagiária do curso de Letras que auxiliou no manejo do grupo e no processo de ensino e aprendizagem. Ele demonstra ter dinamicidade e cumplicidade com sua parceira para a docência e a solução de conflitos do grupo.

Jaime não manteve a aula/oficina durante a pandemia por causa das dificuldades provenientes do âmbito virtual. Suas falas a respeito da UNATI e dos idosos são de acordo com a realidade anterior à pandemia do vírus SARS-Cov 2, sua turma era composta apenas por mulheres.

Jaime respondeu às perguntas da entrevista com uma expressão séria no rosto, foi pontual e sucinto em suas respostas. Em alguns momentos sorriu, como quando falou sobre como se sente no contato com suas alunas e sobre questões familiares. Foi solícito e gentil quando convidado para participar das entrevistas.

4.2.5 Apresentação da entrevistada Juliana

Juliana é uma pessoa que estuda o processo de envelhecimento humano e as formas de grupo com a terceira idade, assim, reflexões sobre o tema atravessam sua forma de responder às perguntas e de se vincular às idosas.

Em 2020 não foi possível realizar a oficina devido à pandemia, então, as estagiárias mantiveram contato com as participantes da oficina por WhatsApp para manter o vínculo e saber como estavam passando pela pandemia.

A oficina é ministrada com mais duas graduandas sob a supervisão da docente responsável pelo estágio. São realizados encontros semanais de supervisão prática e teórica sobre o que ocorre nessa oficina.

A oficina Encontros com a Terceira Idade era composta apenas por mulheres. Juliana disse que escolheu participar da UNATI pela facilidade de ser algo dentro do campus da UNESP e por não precisar se deslocar para a realização do estágio. Ela também se atraiu pelo fato do grupo ser composto apenas por mulheres.

Juliana se graduou em Psicologia e lamenta não ter tido a possibilidade de se despedir presencialmente das participantes da oficina devido à pandemia. Ela disse que preparou uma despedida por WhatsApp, mas sente falta de algo presencial, então, contou um pouco sobre a sua angústia a respeito disso na entrevista.

Juliana respondeu com alegria às perguntas sobre o vínculo com as idosas, contudo aparentou estar desapontada e triste pela forma como a oficina acabou. Ela é uma pessoa comunicativa e contou vários momentos que viveu com as mulheres da oficina.

4.3. Categorias

Bardin (1977/2011) indica a separação dos resultados em categorias como modo de organização do processo de análise dos dados. Assim, foram separadas seis, que são: a) vínculo entre docentes e a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), campus Assis; b) vínculo entre docentes e alunos da terceira idade; c) o grupo como espaço de elaboração dos medos; d) a influência de vínculos anteriores com a terceira idade; e) dificuldades do enlace, as diferenças na vivência do tempo e os conflitos; f) olhar-se no espelho.

- a. A instituição permanece de pano de fundo do vínculo entre docentes e alunos da terceira idade. Ela é encarregada de colocar em prática os objetivos do programa que foram formados mediante anos de discussões a respeito do processo de envelhecimento humano. Assim, apresenta ao professor/oficineiro um contexto e regras de funcionamento às quais ele tem que se adaptar e com as quais precisa conviver.

No cotidiano do programa, a UNATI é representada pelos membros da administração e coordenação, que são responsáveis por organizar e auxiliar os docentes em suas atividades. Esse enlace é produtivo, mas pode ser comprometido por dificuldades no convívio e as burocracias excessivas.

A imagem do programa interfere na constituição do tecido vincular formado entre as partes constituintes. É relevante que o docente esteja de acordo com o que a UNATI representa e oferece para a comunidade assisense.

- b. Os docentes e seus alunos compõem um vínculo que é mais do que a formalidade de ensino e aprendizagem. Essa categoria explana as particularidades desse encontro entre gerações diferentes, expõe os sentidos e significados desse enlace.

Há conteúdos desse vínculo que não são totalmente simbolizados e os entrevistados apresentam sensações despertadas no encontro com o outro. Eles demonstram uma proximidade afetiva com os idosos que compõem uma prática de docência particular.

Os docentes são acolhidos e constroem sua prática com o auxílio dos idosos, que são ativos no processo de ensino e aprendizagem e formam um co-pensar. Assim, há uma dinâmica entre eles de troca de vivências e reflexão, principalmente nas aulas/oficinas do tipo artística-cultural e saúde e bem estar.

c. Observa-se que os docentes e os alunos constroem um espaço seguro de acolhimento das dificuldades uns dos outros que proporciona uma liberdade para falar de si. Isso proporciona um espaço de reflexão e discussão a respeito de questões existenciais e ajuda os sujeitos a lidarem com essas adversidades. Dessa forma é construído um espaço de co-pensar que possibilita a elaboração do medo e de falar em público, por exemplo.

d. Os professores/oficineiros são jovens que migram para realização do curso universitário, buscando nesse novo espaço elementos comuns para o enlace. Desse modo, os docentes estabelecem novos contratos narcísicos secundários com o contato com os participantes da UNATI.

Os docentes relacionam seu desejo de trabalhar com a terceira idade às suas experiências familiares. Esse tema emerge nas aulas/oficinas tanto por parte dos professores/oficinas quanto dos alunos da terceira idade.

e. O vínculo requer o encontro com a alteridade do outro, do que está fora do controle do sujeito. Isso gera impasses e conflitos que são manejados pelos professores/oficineiros no cotidiano das aulas/oficinas.

O docente precisa manejar os conflitos entre os participantes; entre os participantes e a instituição e entre os participantes e os professores/oficineiros. Essas são ações que podem desintegrar o grupo e que gera um estresse em busca de soluções para manter o objetivo de funcionamento da aula/oficina.

A diferença de idade proporciona dificuldades no enlace como a forma de vivenciar o tempo que é distinta entre as gerações. O docente fica a cargo de manejar essas situações e esse é um fator estressor de sua prática, que requer paciência.

- f. Uma das entrevistadas relatou uma dinâmica de olhar-se no espelho realizada em sua oficina. A situação foi explanada aqui com o intuito de refletir sobre os processos de identificação dos docentes com os alunos da terceira idade, visto que o enlace vincular desperta processos identificatórios que mantêm a união do grupo e mobilizam o sujeito.

4.3.1 Vínculos entre docentes e a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)

Nesta seção, apresenta-se a primeira categoria de análise que traz excertos das falas dos entrevistados destacando o vínculo que criaram com a universidade. Para a análise das falas dos colaboradores e as noções sobre envelhecimento humano que deram origem à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) é usada a noção de vínculo apresentada por Kaës (1999/2003).

A UNATI é um programa da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEX) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) do campus de Assis e funciona como um subespaço dentro do espaço institucional. A UNATI é responsável por organizar e administrar as atividades ofertadas para a terceira idade assisense, entretanto, “não é uma mera organização, mas remete a uma história, a uma herança, a uma ideologia, a pactos e regras que lhe são próprias. Isso influencia o trabalho de pensamento ou não pensamento” (NICOLLE, KAËS, 2008/2011, p.115).

Os docentes, que atuam no programa recebem de herança uma trajetória de mais de 20 anos de existência da UNATI e ao ingressarem passam a construir juntos uma história de docência, de vinculação e de aprendizagem. Além disso, eles desenvolvem sua prática docente no contato com os idosos e com a UNATI, pois para a maioria essa é a primeira vez dando aula.

Nessa experiência, os jovens professores/oficineiros recebem o suporte da instituição para desenvolverem sua prática. É um suporte técnico de fornecer condições para a existência

das aulas/oficinas e vincular ao passo que o programa os coloca como beneficiários de sua trajetória de vivências e pesquisas desenvolvidas sobre a UNATI.

A UNATI possui regras e diretrizes referentes às demandas impostas pela UNESP para que se constitua como um programa de extensão universitária. No entanto, os docentes possuem certa autonomia para desenvolver seu potencial criativo.

A instituição demanda que as aulas/oficinas sejam realizadas sob supervisão, com fundamentação teórico-prática e implicação dos professores/oficineiros e também contribui para o desenvolvimento de enlances afetivos para que esse seja um espaço de acolhimento e de estreitamento de vínculos.

Para exemplificar tal desenvolvimento, no excerto a seguir Maria reflete o que ela vê na sua prática e convívio com os alunos da terceira idade. Ela entende haver uma formalidade de ensino e aprendizagem com cronograma de temas teóricos a serem discutidos e estudados. Além disso, observa que há um vínculo de investimento mútuo entre a instituição e os docentes, entre os docentes e os alunos, onde cada um é afetado pela presença do outro e juntos constroem um tecido, de co-aprendizagem.

Eu acho muito interessante entender a UNATI como um todo em si porque não são só aulas, pois para eles [os idosos] significa muito, eu acho muito interessante entender esse lado também de não só ensinar, mas de trocar experiências entre o professor e o aluno. Por isso essa é a forma que eu enxergo a UNATI não é só a minha aula naquele momento, é realmente uma troca. Eu estou aprendendo e eles [idosos] vão aprendendo também (ENTREVISTA MARIA – grifos nossos).

Em sua fala, a entrevistada apresenta um dos objetivos do programa, que é ser um espaço vincular, onde os professores/oficineiros também são beneficiários dessa proposta. É dada uma ênfase para encontros sociais, festas, confraternizações entre docentes, participantes e membros da administração. A junção de ensino/aprendizagem e vincularidade compõe “a UNATI como um todo”, assim como Maria apresenta na entrevista.

Destaca-se que desde a fundação faz parte da proposta a “humanização da convivência” como uma forma de receber os idosos e também os professores/oficineiros (MARTINS, 1997, p. 118). Há uma preocupação em proporcionar um enlace afetivo que acolha os idosos e os professores/oficineiros igualmente. É possível observar essa característica na fala do Gabriel:

Eu sinto um sentimento de acolhimento, então, no sentido de que a princípio ele [UNATI] tem a ideia ou a intenção de ser um projeto no qual atende uma comunidade

*[assisense]. E em que nós estamos a serviço de uma comunidade e na maior parte do tempo parece que eles estão a nosso serviço, no sentido de preencher nosso tempo, **de te acolher**. Assim, meus alunos que eu tinha na UNATI, na seresta, eles sempre foram muito atenciosos, muito carinhosos e não só com relação aos meus alunos, mas às minhas colegas mesmo de trabalho, sempre foram pessoas incríveis as quais eu não tenho do que reclamar, pelo contrário, tanto que a gente hoje é amigo para vida. Mesmo não estando mais no projeto a gente troca ideia, temos um grupinho nosso que a gente criou uma amizade muito gostosa. **Então, sinto que esse laço relacional é que a UNATI gera como consequência do projeto ser algo acolhedor, algo gostoso de viver e é um sentimento de acolhimento, é como eu me sinto fazendo parte do projeto (sic)** (ENTREVISTA GABRIEL – grifos nossos).*

Pela fala de Gabriel percebe-se que são formadas alianças conscientes que mantêm a parceria da instituição com os docentes e fazem com que a experiência seja vivida como acolhedora, prazerosa e edificante. Essas falas de Gabriel estão de acordo com as proposições de Kaës (2009/2014) a respeito das alianças conscientes e inconscientes, que salvagam e estabelecem a dinâmica do vínculo. Em outras palavras, é um processo em que a instituição e o professor/oficineiro se investem reciprocamente construindo um lugar de pertencimento e de trabalho.

A Seresta, mencionada no excerto anterior, é ministrada por um grupo de oficinairos que foram receptivos e afetuosos com o Gabriel. Durante sua fala, nota-se que a forma como é recepcionado pelos membros da instituição corrobora com a sensação de pertencimento ao grupo e no bem-estar para a realização de seu trabalho. Em outro excerto, pode-se identificar que Gabriel constituiu um vínculo de admiração e afeto:

*E os meus colegas, que eu acabei conhecendo da Seresta [...] E eu não os conhecia na época, então, e aí eu falei “bom vou ter que começar sozinho”. Daí foi assim que eu comecei [na UNATI]. **Depois eu tive uma das melhores oportunidades da minha vida, que foi conhecê-los, esse pessoal, que já coordenava a Seresta e me juntei a eles, que são pessoas incríveis que tem um coração enorme e um tato com as pessoas fenomenal** (ENTREVISTA GABRIEL – grifos nossos).*

Gabriel ainda menciona que não só os docentes da Seresta o receberam de maneira acolhedora, mas também as coordenadoras da UNATI. Elas enquanto representantes da instituição disseminaram com suas atitudes a proposta da “humanização da convivência”, que vem desde a fundação do programa (MARTINS, 1997). Inicialmente, esse intento era direcionado para o vínculo entre docentes e idosos, mas observa-se que compõe o enlace entre coordenadoras e docentes.

Na época que eu trabalhava no administrativo, onde eu tinha contato direto com as coordenadoras, né, no caso, na época era a professora do departamento, tinha até a

sigla, mas eu esqueci, porque faz tanto tempo que eu não vou à UNESP, né, mas as duas eram queridíssimas. Eram muito queridas. Então é assim por parte da administração, quando trabalhava lá, quando eu fiz estágio na administração no primeiro ano, com meus colegas de trabalho sempre foi muito gostoso. Assim tanto é que criamos todos uma amizade muito prazerosa para além das paredes da faculdade, era o meu sentimento para com a coordenação. Inclusive depois entrou outra pessoa que era professora de espanhol que é uma querida também, é uma pessoa que era muito carinhosa (ENTREVISTA GABRIEL – grifos nossos).

Para Gabriel, a instituição é representada pela figura das coordenadoras, membros da administração e colegas que ministram as oficinas. E ainda segundo o professor/oficineiro, todos esses personagens, juntos, tecem um vínculo para além do espaço institucional. Esse enlace compõe o âmbito pessoal da vida do sujeito que se propõe a exercer a docência na UNATI. Gabriel acrescenta:

O lado bom é que a administração sempre foi uma administração muito preocupada, muito atenta, muito envolvida, né. Não só na questão da técnica burocrática, mas com a questão de lidar com as relações mesmo, sabe? Relações humanas.

De acordo com a fala de Gabriel, há um investimento pulsional dos membros da administração para manter a UNATI funcionando e atendendo a população idosa. Assim, a energia psíquica é direcionada para a realização das práticas administrativas e em prol de manter os sujeitos que compõem o programa engajados em suas tarefas.

Os membros da administração também se empenham em construir um tecido vincular entre os envolvidos com o programa. São pessoas que realizam um trabalho burocrático e constituem uma possibilidade de enlace afetivo entre o público unatiano, assim, eles compõem a instituição e fazem parte da experiência institucional de Gabriel.

Nesse sentido, a UNATI é uma atividade de extensão que faz parte da experiência universitária do graduando, pois proporciona aprendizagem, atuação complementar ao curso e propicia um suporte psicológico para o estudante que migra de outras cidades para cursar o ensino superior, conforme se observa a seguir na fala de Gabriel.

Meu sentimento com relação ao projeto, assim, se resume nisso, porque de alguma forma a graduação, eu sinto que a gente entra para faculdade, para Universidade, para fazer uma graduação. No fim das contas a graduação acaba sendo só uma porcentagem do nosso tempo, da nossa vida, porque a outra porcentagem a gente preenche com o que de fato é a universidade e as experiências que ela nos oferece. Então eu acho que essa é talvez a maior oferta que seja cursar uma universidade, sendo ela sobretudo pública, né, que você não cursa só o curso, mas você cursa a universidade, os projetos estão aí para nos preencher, para trazer conhecimento

extra, para nos completar, para nos oferecer suporte psicológico, é um sentimento assim mais gostoso que eu tenho (ENTREVISTA GABRIEL – grifos nossos).

Os alunos que migram para a cidade de Assis e cursam o ensino superior em uma universidade pública são levados a construir vínculos nesse novo espaço da vida. Caso estejam disponíveis, o graduando tem a possibilidade de expandir sua rede vincular e de experiências por intermédio da extensão universitária, como ressalta Gabriel. E com esses enlaces, tecer uma rede de apoio e suporte psicológico que facilita o processo de adaptação à nova cidade.

Nesta fala, também é possível observar que o vínculo com a UNATI gera sentimentos e pulsão de vida que mobilizam os sujeitos a realizarem sua prática de docência (KAËS, 1999/2003). A instituição, por sua vez, é representada como um corpo que reúne esses sujeitos em prol de uma causa e proporciona uma formação complementar à graduação.

Para Jaime, a instituição dá suporte para a prática de docência de um modo delicado e acolhedor, que possibilita seu desenvolvimento enquanto profissional e sujeito. Essas são características que fazem o docente ser agradecido por fazer parte do corpo da UNATI:

Eu me sinto bem agradecido por todos os motivos, pelo o que a UNATI representa para o público e para Universidade, fora e dentro do universidade. E acredito que foi uma experiência muito interessante e fundamental na minha trajetória, eu me sinto contente pessoalmente, de modo pessoal e de modo profissional, de ter passado pela UNATI (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

Jaime sente orgulho de ter colaborado com o funcionamento da instituição pelo o que ela representa na vida das pessoas da terceira idade, pois, segundo o professor/oficineiro, alguns idosos vivem em condições de vulnerabilidade social e não teriam acesso a esse tipo de serviço caso fosse pago. Há uma satisfação pulsional em proporcionar esse trabalho para a comunidade assisense. Ele afirma:

*Agora, já formado, representa essa experiência que, como eu já disse antes, eu tenho **muíto orgulho de ter participado**, porque no primeiro semestre de 2019 fui voluntário, no segundo foi parte do meu estágio. E foi uma experiência muito interessante, porque além de tudo, desse crescimento profissional e pessoal também, pude desenvolver a língua como docência e como algo pessoal para mim e levar um pouco de cultura, um pouco de aprendizagem para trabalhar ensino com aquelas mulheres, algumas em situações de vulnerabilidade, que elas às vezes faltavam por ter que cuidar de neto, por fazer coisas de casa e que são coisas que a gente tem que se atentar enquanto professores para: quem é o aluno? Quem é a aluna que tá na nossa frente, ao nosso lado? **E a UNATI fez muíto isso comigo de perceber, de me aproximar bem com a pessoa que está ali no processo de ensino-aprendizagem comigo.***

A instituição segue os pressupostos de sua criação, de uma aprendizagem coletiva em que o idoso é ativo nesse processo e carrega uma bagagem existencial de saberes (MARTINS, 1997), possibilitando, o acesso ao ambiente universitário, às suas produções acadêmicas e ao convívio intergeracional com os docentes, sendo um espaço de co-pensar, co-aprender e co-ensinar.

Jaime aprendeu com a UNATI que dar aula compreende conhecer a alteridade do outro presente no vínculo (PUGET, 2015), de saber quem é o(a) aluno(a) e quais são seus atravessamentos. Ele explica porque escolheu esse programa de extensão universitária entre outros ofertados pelo campus:

Porque eu já tinha um carinho pela UNATI justamente por trabalhar com o público idoso da terceira idade e desenvolver diversas atividades voltadas para esse público, que é uma coisa que eu gosto bastante de fazer, de um projeto de extensão que traz essa parcela da sociedade, que integra dentro da sociedade, dentro da Universidade, no cotidiano Universitário, que também possibilita que o aluno, a gente, professores em formação, eu agora já formado, mas em eterna formação, enfim, que a gente possa ter contato com diversos públicos de estudantes. A gente já tem no ensino de língua portuguesa, o estágio que a gente faz em escolas públicas no ensino médio e no ensino Fundamental, que é até 18 anos, por aí. E a UNATI possibilitou também que a gente fizesse esse contato com o público, que a gente talvez não tenha durante a profissão, porque a gente se volta para o ensino médio e fundamental, basicamente, tem o Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP), onde tem francês, mas uma professora me falou da UNATI, eu gostei bastante, justamente, por isso por abrir o leque de experiências, abrir um leque de trabalho com público, que eu não teria se eu não trabalhasse com a UNATI. Acredito!

Para Jaime, a UNATI oferta a oportunidade de dar aula para o público da terceira idade, diante de uma gama de estágios que atende o público infantil, adolescente, jovens e adultos. Possibilita, também, o desenvolvimento profissional por meio das aprendizagens adquiridas com o contato com essa população.

Assim como Jaime, Elisa relata que aprendeu a ser docente por meio da participação no programa e no encontro com os alunos. Ela se orgulha do objetivo de funcionamento da UNATI e do serviço prestado para a comunidade assisense, uma vez que seu esforço e dedicação são recompensados quando vê os resultados do seu trabalho, embora seja uma atividade cansativa.

Esse lado cansativo parece se referir à falta de reconhecimento por meio do investimento financeiro no programa através de bolsas para os oficinairos. A entrevistada destaca que a UNATI da UNESP recebe menos investimento financeiro que a USP, o que a deixa indignada.

Eu acho que é um projeto muito importante e que deveria ser mais ampliado, até para sair da instituição, do lugar da UNESP, apesar da ideia trazer eles para lá, eu acho que é muito importante que deveria ser ampliado tanto quanto incentivado também. Tanto no sentido de bolsa, também, né quando a gente fez o evento da UNATI, a menina que era oficina da USP me falou a quantidade de bolsas que eles têm na UNATI da USP. Assim, foi de chorar, porque eles recebem praticamente uma bolsa para cada oficina. A UNATI aqui tem uma bolsa para UNATI inteira, né, então, como isso deveria ser ampliado, deveria ser incentivado, né, e muitas pessoas da cidade também nem sabe que existe a UNATI. Então, eu acho que tem alguma coisa aí, a impressão que me fica é que poderia ser uma coisa muito maior, mas aos poucos vai crescendo, a gente vai tentando, mas que deveria ser uma coisa muito mais ampla (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).

Elisa apresenta a questão financeira como um medidor de reconhecimento e investimento por parte dos órgãos que financiam a UNATI. A falta de respaldo pode se constituir como um fator estressor para quem participa da instituição, assim como pode inibir a vinculação de novos docentes ao programa. Ela possui o panorama da situação enquanto oficina e membro da administração e menciona como se sente:

Eu acho que às vezes as coisas são meio sofridas né. Quando você está como oficina, às vezes realmente não tem a dimensão de como estão as coisas nos bastidores né (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).

A UNATI precisa de fomento para cumprir com suas atividades, que são atrelados a uma burocracia constante para viabilizar esses recursos. Em meio a essas questões administrativas, o docente também tem que cumprir com requisitos burocráticos.

A parte burocrática também pode desfavorecer o potencial vincular da instituição e do ensino horizontal. Juliana descreve algumas situações frustrantes perante a burocracia e a necessidade de trabalhar em parceria com os membros da administração da UNATI. Para ela, há uma falta de equiparidade no tratamento da administração com os docentes.

[...] As pessoas que estavam na organização na época que eu fiquei, os alunos eram muito, como eu posso dizer? Panelinha, então, não ligava muito para gente de fora e para ir lá falar alguma coisa ou não. Então eu sabia as coisas que iam acontecer na UNATI porque eu tinha uma amiga que tava na organização e ela me falava tudo que ia acontecer, tudo que eles estavam planejando e bem, eu acho que no meio de 2019, depois que eu já tava bastante tempo UNATI, que eu entrei no grupo dos oficinairos. Aí que eu pude ter um pouquinho de noção do que eles tavam pensando, que eles estavam planejando, porque se não era sempre uma semana antes de acontecer a gente ficar sabendo, igual a festa junina, festa do Dia dos Pais, eu acho, ou Dia das Mães, o dia do Idoso, era sempre uma semana antes para a gente ficar descobrindo o que que tava acontecendo. Acho que isso era a principal dificuldade, essa falta de comunicação entre todos (ENTREVISTA JULIANA - grifos da autora).

A carência de comunicação entre a instituição e os docentes prejudica o objetivo do programa de “humanização da convivência” e o vínculo com a instituição (MARTINS, 1997, p. 118). Assim, a falta de convite para os eventos, as regras e o excesso de burocracia podem prejudicar a sensação de pertencimento e acolhimento.

Os docentes precisam se sentir acolhidos pela instituição, para investirem tempo e trabalho no funcionamento da UNATI, ou seja, é necessário a formação de contratos narcísicos (KAËS, 2009/2014), em que os docentes e a instituição se beneficiam e se realizam com essa parceria. A partir das falas trazidas até aqui, percebe-se que alguns entrevistados se sentem investidos e outros não, o que demonstra uma diferença de tratamento.

O vínculo dos docentes com a UNATI carrega nuances, pois é bom em alguns aspectos e ruim em outros, como, por exemplo, traz a sensação de preterido e possui satisfação com o serviço prestado. Esse é um fator estressor para a realização do trabalho e para o trato com a instituição, ademais, os docentes querem se sentir reconhecidos e pertencentes ao programa, embora alguns entrevistados não se sintam assim.

No geral, os entrevistados valorizam o objetivo de funcionamento do programa e o serviço ofertado para a terceira idade. Eles reconhecem a importância da instituição na vida dos idosos e isso os motiva a continuar com o trabalho apesar dos percalços que atravessam a docência.

4.3.2 Vínculo entre docente e aluno

Essa categoria aborda, de modo geral, os sentidos e significados que os docentes atribuem ao vínculo com os participantes da terceira idade no cotidiano da UNATI. As próximas categorias são complementares a essa e focam nas particularidades desse enlace como, por exemplo, as dificuldades e as identificações.

As sensações emanadas do contato com outro sujeito indicam a presença de um vínculo que pode não ser totalmente simbolizado (Kaës, 1999/2003). Os docentes se empenham em expressar como é esse vínculo, em alguns momentos, por meio de figurações daquilo que é mais sentido do que posto em palavras.

Elisa fala de como foi acolhida pelo grupo de mulheres participantes quando começou sua prática de docência no Teatro e de como essa recepção foi relevante para superar o

nervosismo inicial, conseguir dar continuidade com os encontros e construir uma possibilidade de docência. O excerto a seguir demonstra a disponibilidade das idosas em construir e instigar um enlace afetivo.

Acho que, de forma geral, eu me sentia muito bem. Era um grupo muito receptivo, né, então, eu lembro que no começo tinha muito aquele nervosismo de nossa como vai ser e elas eram muito receptivas e isso foi muito bom. Então, mesmo com esse nervosismo no começo de “nossa como vai ser” era um grupo, um ambiente que me sinto muito confortável, assim, até para tentar uma coisa nova, então, em geral eu me senti muito bem com elas. Eu me sentia aberta também para ouvir as histórias, às vezes para dar um respiro quase, sabe? Para mim, às vezes na graduação é tanta coisa, mas tanta coisa, que você vai cansando, que às vezes a UNATI era quase que um respiro assim, era um contato que às vezes é tanto texto, tanta coisa e o trabalho voluntário é uma coisa muito humana, eu me senti humano também, né. Humana às vezes de ficar irritada com alguma coisa, de ficar cansada com alguma coisa, mas também humana de poder ouvir a história de outra pessoa, poder contar um pouco da minha história (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).

Para ela, o espaço da oficina é tão acolhedor que o serviço de oficinairo não se apresenta como algo cansativo, é como um lugar de “respiro” diante da correria do cotidiano. O vínculo entre Elisa e suas alunas aparenta carregar uma leveza e tranquilidade que gera um bem-estar em fazer parte do grupo, pois é um espaço para expressar sua subjetividade, enquanto sujeito que se irrita, cansa, escuta e fala sua história.

O vínculo com as mulheres da oficina desencadeia pulsão de vida que dá esse ânimo de fazer parte do programa, diz respeito à energia que ela ganha quando está no grupo, da forma como se sente energizada, mesmo quando ela está cansada da rotina fora da UNATI (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). Esse é um *feedback* que a docente recebe perante o investimento que ela despense para a prestação de serviço para a comunidade.

Elisa fala do nervosismo em dar início a esse novo projeto de docência na UNATI e da insegurança por não saber ao certo como seria. O início do grupo requer investimentos pulsionais (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000) para a criação de um vínculo. O grupo de Teatro se uniu de forma orgânica, rápida e construíram uma dinâmica acolhedora de seus membros.

A dinâmica de acolhimento e receptividade aparece em outras aulas/oficinas, compondo o vínculo entre docentes e idosos e se apresenta nos primeiros encontros entre professores/oficineiros. Maria expressa que essa é a característica que mais marcou sua vivência como docente da UNATI.

*Eu acho que na minha primeira aula eu estava muito nervosa, porque eu estava tipo “meu Deus do céu o que eu vou ensinar, como assim?”. E acho que quando eu cheguei, eu propus uma atividade, todos eles se empenharam, ficaram muito contentes, eu me senti muito feliz de, tipo assim, “não, tá tudo bem, eles estão te entendendo, eles sabem que é a sua primeira aula também, eles estão aqui para escutar e para serem escutados”. **Então que foi o momento mais marcante assim, da aula presencial, porque eu me senti muito acolhida de, tipo, “calma, você está em um ambiente seguro, você está em um ambiente acolhedor, vai ficar tudo bem”. Acho que esse é o principal momento (ENTREVISTA MARIA - grifos nossos).***

O nervosismo demonstra que Maria se importa com o serviço ofertado, ou seja, ela tem uma implicação pulsional para estar nesse espaço e demonstra, também, que há a insegurança de talvez não ser aceita pelo grupo, pois geralmente os idosos se conhecem e ocorre apenas a troca do professor/oficineiro.

Os idosos entendem a dinamicidade da troca de professores/oficineiros, então, se empenham para receber bem e acolher o novo sujeito que surge para fazer parte do grupo. O docente também se empenha em formar um enlace agradável para seus membros, onde todos escutam e são escutados. Há uma dinâmica de ensino horizontal (FERRIGNO, 2010, com a preocupação de formar um grupo interligado por vínculos afetivos e acolhedores.

Eu acho que é muito positivo, porque a gente também se sente acolhida naquele momento, tipo, é nossa primeira, no meu caso, é a primeira experiência como professora ali, e eu me sinto acolhida como pessoa também de, tipo, eles estão me ajudando, não tô ensinando inglês para eles, mas eles estão me ajudando a ser professora também, a ser uma pessoa melhor, entender melhor como lidar com os outros, a entender as dificuldades dos outros, nesse sentido assim (ENTREVISTADA MARIA - grifos nossos).

O grupo passa a construir juntos uma possibilidade de ensino e aprendizagem a partir da formação vincular (FERRIGNO, 2010) e juntos auxiliam o docente a se desenvolver enquanto profissional que está aprendendo a lecionar e se relacionar com seus alunos, característica que fica evidente no excerto anterior. Dessa forma, o grupo ajuda Maria a olhar para as singularidades e construir uma possibilidade vincular e de ensino/aprendizagem, conforme menciona:

Ai eu gosto muito. Eu acho que eu tô sempre entendendo mais a minha formação no curso de formação de professor e também a minha relação como pessoa ali de: vamos entender o outro, vamos trocar experiências mesmo. Então, acho que é isso sim mais ou menos eu vejo como algo muito positivo (ENTREVISTA MARIA).

É um modo de enxergar os alunos como ativos no processo de ensino e aprendizagem e de que trarão exemplos de suas realidades para a sala de aula. Esses momentos permitem ao

docente entender mais sobre as condições de vida dos participantes e o que eles almejam com a aula, requer um movimento de se permitir parar as atividades e escutar o outro, como também demonstra que o docente está disponível para se vincular dessa forma. Maria explica como são esses momentos de troca:

Eles sempre falam de alguma experiência deles : “aí eu fui viajar, aí meu filho mora em tal lugar e ele me contou isso”. Então, eles sempre trazem assim algumas histórias e tudo mais e a gente conversa sobre isso, não muito profundamente, de entender os detalhes, mas de contextualizar mesmo “ah que legal uma vez eu fui para tal lugar e aconteceu essa situação” que tem a ver também com contexto da aula. “Ai fui com minha amiga para tal lugar, eu não falava inglês, ela falava, a gente tinha que passar alguma informação em inglês”, alguma coisa nesse sentido. Esses são só exemplos, hipotéticos, assim, não consigo lembrar de algum específico, mas nesse sentido de troca, de trazer alguns elementos para conversar no contexto de aula (ENTREVISTA MARIA).

A “troca” demonstra que eles formaram um grupo que aprende inglês e desenvolve um enlace afetivo que firma a existência dessas características. Esses atributos são referentes aos desejos dos docentes e participantes da terceira idade que instigam a busca pela formação desse grupo (KAËS, 2009/2014).

Nesse sentido, a aula aparenta ser um espaço vincular, de diálogo e escuta sobre as experiências de vida e suas relações com a língua estrangeira. Maria assume a função de mediadora do grupo, auxiliando a aprendizagem da língua no meio de um espaço de vinculação. Assim, as aulas seguem um cronograma de acordo com as histórias e as interações dos alunos. O vínculo entre Maria e os alunos é descrito a seguir:

*Foi só um semestre, né, mas acho que foi muito positivo, é muito divertido poder entender ali tipo tem alunos que gostam mais, por exemplo, das tecnologias, e aí um ajuda o outro “ah ele sabe mais, vamos trocar então me ensina aqui como você fez isso”. **E esse vínculo, essa construção de ajuda de estar ali, de querer se interessar pelas coisas é muito importante.** Considero como um vínculo bem positivo e realmente ser uma turma (ENTREVISTA MARIA - grifos nossos).*

Portanto, percebe-se que no espaço da aula se constrói um vínculo que contempla a ajuda mútua entre os membros de acordo com as capacidades de cada um. Para Maria, os participantes investem e se disponibilizam a estar juntos em grupo, construindo um espaço de apoio recíproco.

A dinâmica de acolhimento e a união entre os membros do grupo possibilita maior intimidade e afetividade. Os membros demonstram liberdade e receptividade para contar suas histórias de vida e dialogar entre si sobre as experiências apresentadas. Maria faz parte dessa

dinâmica enquanto membro do grupo e considera positivo para sua formação. Elisa também menciona a escuta e o compartilhamento das alunas nas oficinas de teatro:

*Eu acho que aprendi muito, assim, era uma honra poder parar e ouvir a história delas e elas falavam muito, assim, eu sentia que às vezes, na oficina, a gente pensava numa coisa e acontecia o oposto. Às vezes a gente pensava que ia fazer falta tal atividade, aí na hora não fazia, às vezes, no dia elas queriam conversar, e inclusive todas, com exceção de uma, né, que foi a primeira, todas as peças, as apresentações eram sempre produzidas a partir das histórias delas, né. Então acho que é o momento delas poderem contar alguma coisa delas, contar como estava a semana delas, era muito importante, até pelo que a gente trabalhava na oficina, né. **Então, a gente usava bastante isso, aí era muito bom, aprendi muito, às vezes eram histórias mais tristes, mais pesadas, mas poder ouvir isso era muito importante, acho que para elas era importante falar, mas para a gente também era muito importante poder ouvir** (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).*

Diferentemente das aulas de inglês, a dinâmica da oficina de Teatro possibilita a existência de conversas mais intimistas, pois, os roteiros são elaborados com as histórias de vida das alunas, logo, existe um tempo de conversação sobre esses temas e a construção em grupo de uma peça de teatro. Elisa e suas colegas disponibilizam um espaço de escuta e acolhimento dessas histórias que às vezes são carregadas de tristeza e sofrimento.

*Então, eu acho que essa disponibilidade assim de escutar, dessa paciência. Dependendo da participante da UNATI, uma fala algo um pouco mais confuso, mas não é bem “confusa” a palavra, mas às vezes uma história que não era tão fácil de entender e aí tem que ter essa paciência mesmo de ir escutando, de ter essa disponibilidade de escuta e de presença também né. **Não só de ficar escutando mas de realmente tá lá presente, então com certeza eu acho que me ensinou muito e particularmente sou uma pessoa bem ansiosa e tenho um ritmo um pouco frenético. Então para mim é muito importante né conseguir respirar e escutar. Então acho que eu aprendi muito com a UNATI nesse sentido** (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).*

Não é fácil para Elisa disponibilizar um espaço de escuta, essa é uma possibilidade que ela está aprendendo a construir no contato com as participantes. Ela relata que em alguns momentos a dificuldade de entender e prestar atenção nas histórias contadas pelas idosas, de investir para cumprir o objetivo da oficina. Lembrando que essa é sua primeira experiência como docente, ela está se encontrando como sujeito detentor dessa prática, como apresenta na fala a seguir:

Eu acho que a gente aprende muito a escutar, né, até em questão do ritmo. Na graduação corre de um lado para o outro, eu lembro, agora tenho saudade, mas assim, no momento presencial, às vezes eu não sabia que era tão bom, né, agora eu me arrependo, entendeu? De não ter aproveitado mais na época, mas era uma

correria, aí você sai, aí vai para a central de aulas e vai para o R.U. (restaurante universitário) e volta para a UNATI, era uma correria de espaço, mesmo aí nesse ritmo frenético, tem que fazer essas coisas. Na UNATI não, você parava, elas estavam com outro ritmo, não é o meu, e eu que tinha que mudar e aí parar e realmente parar e ouvir, mudar esse ritmo frenético. E acho que quando você para, né, você tá realmente disponível para esse encontro (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).

A disponibilidade para escutar demanda um investimento pulsional no vínculo para se dispor a estar ali diante de outro sujeito (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). Para Elisa, esse é um exercício constante de manter a paciência em se disponibilizar a estar na oficina e escutar as histórias. Cumprir essa demanda corrobora com a coesão e a existência do grupo como um espaço de conversa e acolhimento.

Acho que tinha muito espaço de conversa, às vezes elas contavam alguma coisa, aí eu contava, pensando mais nesse momento de estrutura assim, por exemplo, de uma peça que elas contavam sobre a história das mães delas, sobre as histórias da infância, né. Eu acho que era mais elas mesmo que contavam, a gente compartilhava, apesar da gente trazer menos né, eu lembro que quando a gente tava conversando sobre as brincadeiras da infância. Aí eu falava, a gente falava, as oficineiras, né, um pouco das nossas brincadeiras como era, mas acho que quando a gente conversava, mais fora da oficina, que eu trazia minhas histórias, acho que não era nem tanto em atividades da oficina assim, era mais em conversa. Como eu sou de São Paulo também, por exemplo, eu lembro que outra participante também tinha família em São Paulo. Então ela ia para São Paulo, aí a gente ficava conversando sobre o que tem em São Paulo. A gente tinha planos, assim, aí quando você for para São Paulo a gente vai para museu, para tal coisa, mas com a pandemia não foi possível né, nenhum desses planos (ENTREVISTA ELISA – grifos nossos).

Elisa relata momentos de reciprocidade vincular (KAËS, 2007/2011), em que as alunas oferecem um espaço para as docentes falarem de suas questões pessoais e trazerem suas histórias de vida. É um momento menos frequente durante as oficinas, pois o foco das atividades fica centrado nas participantes. Fora do ambiente da oficina, elas conservam sem a preocupação de montar uma peça e fazem planos para o futuro juntas, como: passear em São Paulo-SP.

Outro exemplo desse tema pode ser visto na entrevista com Gabriel, ele compreende os participantes da oficina como seus semelhantes, compondo um grupo. Sua fala indica um movimento identificatório com os membros da Seresta, que compõem uma aliança consciente de reciprocidade, onde é possível falar de suas próprias dificuldades perante a vida.

Uma aliança consciente no sentido de que é algo que docentes e participantes da terceira idade se propõem a vivenciar em grupo (KAËS, 2009/2014). É algo que salvaguarda o vínculo e mantém a união entre eles dessa forma de disponibilidade de escuta e acolhimento do outro.

*A minha relação com os alunos, o que eu sentia, o que eu tinha por eles era semelhança a um sentimento de... É muito difícil porque a gente acaba, de alguma forma, sempre misturando um pouco das relações, sobretudo nós, alunos e os unatianos, era mais do que uma relação de corpo de professor, por que a gente desabafava, eles às vezes desabafavam. Eu mesmo já desabafei e já falei algumas coisas assim sobre graduação, né, sobre frustrações, sobre a graduação são coisas às quais fazem partes assim como eles também. **Então passa de uma relação minimamente de professor ou de oficinairo e aquele que participa da oficina, então, assim, nós tínhamos, além disso, além dessa relação gostosa, também existe uma relação de preocupação de ambas as partes** (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).*

Durante a entrevista, Gabriel teve dificuldades em formular o que os alunos suscitam nele, o que pode ser um indicativo de algo que não está totalmente simbolizado, mas sim figurado e sentido. Ele é professor de História e apresenta que o vínculo com os idosos é diferente de quando ele está em sala de aula com outras faixas etárias. Gabriel explica seu sentimento por eles:

Então o meu sentimento por eles é mais do que um professor, assim como eles também tinham muita preocupação comigo quando faltava, quando a gente faltava, eles mandavam mensagens, ficava perguntando porque a gente faltou, o que a gente tinha, até quando eu, assim, eu na faculdade, eu trabalhava na época, nós estávamos tendo seresta, tava muito atarefado (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

Para Gabriel, os membros do grupo se preocupam uns com os outros, mais do que uma relação de docente e aluno nos moldes impessoais que o entrevistado conhece. Essa fala indica a presença de um escoramento²⁴, sendo múltiplo, reticular, mútuo e crítico (SEGOVIANO, 2008). Assim, eles constroem uma rede de apoio, onde mantém-se a subjetividade e o pensamento crítico entre os membros da oficina, como pode-se observar na fala a seguir:

Então, tinha aula que ficava só eu falando e os alunos ficavam conversando comigo e tal. Então tinha esse lado bom, assim, e minha relação era isso, sabe, era uma relação, foi uma relação, que não é também uma relação só de amor, mas uma relação de cuidado, e as vezes de cobrança, sabe, mas é uma cobrança por preocupação, sabe, antes de tudo uma cobrança por preocupação. Bom, acho que é isso, né, falei até mais do que eu devia (ENTREVISTA GABRIEL).

Observa-se o escoramento no grupo da Seresta, com a construção de uma dinâmica intimista de cuidado e preocupação com o outro. Contudo, o lado afetivo disposto no grupo não

²⁴ Do Francês: étayage

anula a necessidade de cumprir o objetivo do encontro, logo, há cobranças e interações em prol da realização da oficina de Seresta.

A dinâmica de reciprocidade se apresenta nas outras aulas/oficinas com suas nuances específicas da vincularidade, com a presença de um outro que é externo e possui sua subjetividade (KAËS, 2007/2011). Caso se permita, o docente tem a possibilidade de aprender com a alteridade dos sujeitos do vínculo e construir uma dinâmica que a Elisa chama de “troca”.

Acho que era troca de tudo, né, troca de experiências, sentimentos, troca de receita, troca de comida, troca de tudo, né, com muita coisa, acho que de muita experiência, né, de opinião, do que achava. Às vezes a troca de um teatro mesmo, você recebe uma coisa do público e a partir disso você devolve uma outra coisa, né, pensando mais no âmbito da oficina mesmo, mas até pensando como as nossas peças, as atividades da oficina eram feitas, né. Ela, normalmente a gente ia conversando, ao longo do tempo a gente percebia “Ah tal ponto pode ser interessante” alguma coisa que elas trazem, aí a gente ia conversando sobre isso e aprofundando o assunto. Então, a gente ia ouvindo as histórias delas e aí a gente ia colocando as nossas ideias na peça “acho que seria legal falar sobre isso” e aí a gente ia estruturando a peça a partir disso. Então, era uma troca tanto das experiências delas do que às vezes elas queriam falar, porque às vezes, por exemplo, queria contar a tal história e a gente falava, dava dica né “ah isso pode ser interessante falar, olha se estender muito nessa história talvez fique muito longo e até na apresentação mesmo, né. Tipo aqui você pode falar olhando para tal lugar, então, tinha uma troca aqui, assim, de como as coisas eram desenvolvidas na oficina também (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

A “troca” representa um vínculo em que ambos investem pulsionalmente, construindo um espaço onde é possível aprender com os sujeitos do vínculo. Para que as “trocas” aconteçam, a docente se empenha em um processo de escuta, com atenção e disponibilidade de tempo para estar presente nesse espaço. E a forma como as oficinas de Teatro funcionam instiga a existências desses momentos, com a escuta do outro e a disponibilidade de falar de si.

O Teatro possui uma dinâmica de trabalho que faz emergir memórias carregadas de sentimentos que são compartilhados em um encontro afetivo do grupo, uma vez que as idosas eram implicadas na tarefa de construir uma peça a partir de suas histórias de vida. Além disso, elas aparentam ser receptivas às contribuições das docentes e das colegas de oficina. Elisa relata um momento que a marcou, quando a oficina foi apenas um espaço de acolhimento e de troca:

*Teve um que me marcou muito, mas foi mais com uma aluna, mas foi em um dia que me desmotivou bastante, a princípio, né, porque várias pessoas tinham faltado e aí foram duas alunas. E aí uma delas estava com muita dificuldade, porque o marido estava muito doente, ela estava muito sobrecarregada para cuidar dele, enfim, e questões financeiras também, ela tava muito sobrecarregada. **E a gente basicamente usou aquele dia para conversar, porque uma delas estava muito sobrecarregada por essas questões e ela falava, né, ela pediu desculpa por estar contando tanta coisa***

assim, mas ela falava que no espaço da oficina ela sabia que podia contar para a gente sobre isso. Eu dizia “não magina”, tanto que nos momentos depois disso na oficina, porque nas oficinas nem sempre tem espaço para cada uma poder falar tanto, né, senão a gente não consegue realmente trabalhar na oficina, mas depois a gente ficava para conversar um pouco também. E aí essa outra aluna tinha perdido o marido recentemente. E aí sendo que ela não veio alguns dias e aí a gente comentou “nossa ela nunca faltava, né, que estranho” depois ela voltou e ela tava meio desanimadinha, ela falava que estava meio tristonha, com o tempo ela foi se animando um pouco, aí, naquele dia, ela contou a história de vida dela, né, que acho que ela já tinha sido casada duas ou três vezes e ela era viúva e casou de novo, aí depois casou de novo. Aí ela ia contando as histórias da vida dela, né, e foi tão interessante, é uma história tão rica, né, acho que é uma oportunidade de ouvir a história de alguém, eu sempre acho muito interessante, muito legal, né. Poder ouvir a história dela naquele dia foi muito legal (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Estava previsto realizar outra atividade, mas Elisa e suas colegas identificaram a demanda dessa participante de falar sobre suas questões e dificuldades daquele momento. Demonstram sensibilidade no vínculo com as participantes ao despende um tempo da aula para o acolhimento de um membro do grupo, mesmo esse não sendo o objetivo central da oficina.

A participante demonstra sentir o escoramento (KAËS, 2007/2011) e saber que pode contar com o grupo nesse momento difícil de sua vida. Ela precisava de um espaço para desabafar e utilizou a oficina para isso, e foi essa ação de confiança que corroborou para o grupo dar suporte a ela nessa fase de mais desânimo. Elisa, suas colegas e as participantes da oficina construíram um vínculo de cumplicidade e apoio mútuo, como se pode observar no excerto a seguir:

*Acho que aquele dia me marcou, porque eu acho que era fim de semestre, eu estava super cansada e aí quando ninguém veio na oficina, muitas pessoas faltaram. Eu lembro que fiquei muito desmotivada. Nossa, o que a gente vai fazer agora e no fim foi super legal, a gente só ficou conversando e poder ouvir a história delas assim, poder conhecer mais elas foi muito importante. **Eu acho que esse dia me marcou por essa mudança né que eu esperava que fosse uma coisa e chegou na hora foi diferente, no início eu estava desmotivada e na verdade no final foi super legal** (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).*

Em sua fala, Elisa apresenta que também passa por situações de cansaço e desgaste fora do ambiente da oficina. Assim, a falta de adesão das participantes pode causar mais cansaço e desânimo, por não receber o retorno do investimento pulsional que despende para o Teatro. Contudo, esse dia atípico superou suas expectativas e possibilitou o fortalecimento do enlace do grupo. Em outras palavras, a docente percebeu que o encontro pode ser potente por meio do escoramento que ocorre no vínculo construído entre os membros (SEGOVIANO, 2008).

A professora/oficineira apresenta uma preocupação em acolher e escutar as participantes do grupo de acordo com suas singularidades. Essa ação auxilia a manter a sensação de pertencimento ao grupo e o fortalecimento do enlace, contribuindo para que não haja sujeitos se sentindo excluídos.

Faz parte do propósito da UNATI que os idosos se sintam pertencentes ao espaço universitário, compondo uma possibilidade de interação cultural e experiencial (DEL-MASSO, ANDRIATTO, 2012). Os docentes apresentam tentativas de construir um espaço onde o idoso se sinta pertencente e acolhido, assim como observa-se na fala de Gabriel:

Depende muito, mas em geral um sentimento sempre muito comum era nostalgia para mim e para os seresteiros, né, então, cara, o dia mais gostoso para mim foi eu e os meninos nós pensávamos assim, a gente testou diversas metodologias formas de trabalhar com eles em ensaio e às vezes nós sentimos que por mais que não fosse o grupo tão grande, tinha 15 pessoas, 20 pessoas, trabalhar com aquela dinâmica de sala de aula, de ter um professora frente ou professores à frente, alunos virados, para ele, às vezes gerava aquele clima de “ah os alunos que estão na frente prestam mais atenção e os que estão atrás sentem-se excluídos e marginalizados.” Então a gente falou assim: “não tá rolando” o que a gente começou a fazer como a nossa sala tinha umas bolas de pilates, que era muito gostoso, a gente ignorava o fato de que tinha cadeira, para nós não existia cadeira, só para os alunos, a gente pegava as bolas de pilates e eu adorava ficar apoiado assim, colocar a barriga assim, fica rodando na bola era muito gostoso, mas eu fazia fora da aula, porque os alunos achava que eu era sério né, brincadeira, eles sabiam que eu era zueiro mesmo. Mas enfim nós fizemos uma dinâmica de nós quatro fechar um círculo e nós ficávamos no epicentro, né, no centro do círculo, os alunos ficam em volta, porque assim a gente gerava uma noção de roda e ninguém, pelo menos em questões teóricas, ninguém fica excluído sabe (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

Gabriel apresenta ações simples do cotidiano que compõem uma organização na forma de dispor a turma para a realização da oficina. Essa dinâmica facilita a visualização e a comunicação com todos os membros do grupo, evitando que alguém se sinta excluído. Ademais, possibilita a construção de uma imagem grupal, que dá sentido e contorno, em que o grupo passa a se enxergar como tal. Desta forma, “a imagem do corpo organiza de maneira privilegiada a representação do objeto-grupo” (KAËS, 1976/2017, p. 95). E a música é um elemento que auxilia na construção da imagem grupal, como aparenta na fala de Gabriel:

O ritmo necessariamente uni, então, o ritmo ele é coletivo e cara, era incrível, porque a gente fez era ar do Sertão era parte de um arranjo para festa junina e a gente fez isso e eu acho que a gente fez também Asa Branca, eu acho, a gente fez também aquela que foi até se eu era o Júnior e a (outraicineira) era a Sandy, a gente “o que se foi fazendo mato Maria Chiquinha com pom pom” e aí eles fizeram couro, cara foi, foi o projeto que eles mais se envolveram, porque eles realmente criaram identidade sobre aquilo, sabe. Se identificaram e eles compram muito a ideia,

*tanto que a gente foi numa escola pública que eu fazia estágio na época e na escola não tinha nada a ver com a UNATI, mas eles nos convidaram para cantar porque era festa junina e eles com a maior vergonha do mundo, cara, só que eu assim, não é com o intuito de mim, me engrandecer, sabe, mas eu tenho, assim, eu tenho um amigo meu que ele fala que eu gosto, que tenho um certo apreço pelo domínio de palco. Domínio de palco é não você, não no sentido de excluir alguém, mas o sentido de saber manusear o público, sabe. E aí eles estavam muito acanhados, assim, com vergonha, aí eu falei: assim não, porque a gente vai fazer a Maria Chiquinha ficar doidona, tá ligado. Então a gente fez uma rodinha e assim, tava todo mundo de escola, tá todo mundo meio nada a ver ninguém liga para nada, sabe, os pais estão ali f***.se entendeu? E a gente começou a tocar e de repente o povo começou a olhar assim, eles começaram comprar ideia, o povo foi junto, chegando perto e a seresta estava em rodinha, então estava fechada porque que eu pensei: você eles virarem público, além do público tá não tá ligando muito porque eu nem culpo eles, porque eles vão para festa junina para comer ficar ali trocando um papo (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).*

Gabriel entende o ritmo como algo coletivo que une e interfere na sua forma de ministrar a oficina, pois facilita a vinculariedade entre os membros da Seresta. O docente contribui para essa união ao manejar o grupo em prol de uma apresentação prazerosa para o público e os idosos participantes da Seresta.

Durante a apresentação relatada, ele conseguiu manejar o grupo de forma que os membros conseguissem se fortalecer por meio do vínculo, apesar da vergonha e receio de cantar em público. Gabriel continua seu relato dessa apresentação:

Foi tão gostoso porque o povo começou a chegar perto e eles começaram a ficar animados, aí é muito bom. Nem todas as músicas nós conseguimos despertar algum tipo de sentimento profundo ou de identificação por parte de todo grupo, mas em geral, assim, a gente conseguiu. Os sentimentos que mais ficavam é a nostalgia, obviamente, mas existe mais algum sentimento, por exemplo, sempre geram algum tipo de memória, né. Então, aí porque essa música que minha mãe cantava quando fazia feijão para nós alguma coisa assim, e aí virava uma história, né. E nós queremos, né, eu e a minha colega que era blogueira, né, adorava ouvir uma história, então, a gente sentava na bola de pilates e ficava escutando as vezes tinha que até tocar uma música e a gente ignorava o fato de ter que tocar a música. A gente ficava só escutando, era gostoso. Então, não sei, acho que eu fugi um pouco da resposta mas é mais ou menos isso (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

Gabriel usa a música como um mediador em busca de identificações e histórias dos alunos da terceira idade. Dispõe de momentos de reflexão que compõem a vinculariedade e são considerados importantes tal como a aula. Suas ações estão em sintonia com as ações realizadas por Elisa durante as oficinas de Teatro, principalmente no que tange ao não se preocupar com cumprir um cronograma e sim aprender a ouvir os estudantes da UNATI. Ele ainda relata que:

*Foi muito gostoso, então assim, eu acho que foi um dos melhores momentos, assim, as nossas apresentações nem sempre eram o melhor em questão de algo incrível, nossa um espetáculo, até porque o projeto não tinha essa proposta de ser algo voltado para apresentação de um espetáculo. Mas sinceramente, o importante, o que dava sentido à seresta era a experiência dia a dia, dos ensaios, nem posso chamar de ensaio, porque o ensaio mesmo era assim, algumas semanas antes que a gente fazia mesmo. **Era trabalhar as músicas, ouvir as músicas e despertar algum tipo de sentimento de memória, então era nesse sentido, sabe?** Então nem todas as apresentações foram boas, mas eu acho que essa da festinha foi excelente, eles compraram muito a ideia, eles realmente interpretaram cantaram sentiram foi algo absurdamente bom (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).*

O vínculo construído no cotidiano do encontro semanal do grupo é parte constituinte da existência da oficina. O docente e os participantes aparentam não almejar um estudo profissionalizante, mas um encontro com música em que acessam seus sentimentos e memórias por meio dela.

Essas falas estão de acordo com o objetivo da criação das UNATI no Brasil, em que, em paralelo à aprendizagem, visa-se a construção de um espaço culturalmente estimulante. O programa proporciona por meio dessas ações o exercício da cidadania, a ocupação do tempo livre e a construção de uma rede vincular (CACHIONI, 2012, p. 4).

Docentes e participantes da terceira idade contribuem para o encontro com conhecimentos e experiências de vida. O vínculo entre eles comporta que haja essas ações paralelas ao cronograma de aulas, tornando as aulas mais flexíveis ao movimento vincular. E os docentes usufruem dessa dinâmica da oficina, como mostra Gabriel no trecho a seguir:

*Eu acho que o que mais fica assim é de que conhecimento, por assim dizer, né, informação, ele não provém só necessariamente daquilo que a gente extrai dos livros, que a gente extrai de palestra, se a gente extrai daquele que vem na academia. **Então, o projeto de extensão que tem a proposta de trazer um conhecimento, trazer e ofertar conhecimento, oferecer uma oportunidade de acesso à informação para comunidade acaba assim proporcionando que na verdade venha muita informação da comunidade para nós também.** Então, conhecimento se faz também em todos os espaços, né, a partir da experiência também, a partir do tempo de vida, então, eu acho que o maior aprendizado que eu tenho disso, né, seria nesse sentido de que se você entra na sala de aula como, eu todo mundo ali, meus colegas também já entraram pensando “hoje eu vou ensiná-los, hoje eu vou”, por mais que eu como pessoa que estuda história da educação saiba que na prática e na teoria hoje em dia as teorias que tem é que você não vai chegar na sala de aula e ensinar o aluno, mas você vai mediar, você vai estabelecer uma forma de que o aluno perceba se no caso da história, eu gosto muito do termo das diversas formas de trabalhar a história em si, desde a transposição didática para o conhecimento acadêmico, simplificando, né, para ensino fundamental etc e tal, até mesmo a noção de consciência histórica, que é você fazer o aluno, por meio de uma fonte, de um documento de época, despertar a consciência de si frente a história, sabe? (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).*

Gabriel se propõe a estar presente como mediador dos processos de associações e aprendizagem dos participantes. Ele se coloca na posição de beneficiário do espaço da oficina, ao passo que se dispõe a aprender com a terceira idade e não assume uma posição de autoridade. Gabriel continua sua explanação a respeito da sua posição como professor da turma:

*Então, eu já tinha um pouco dessa noção, mas a gente é muito enraizado em uma cultura que a gente foi ensinada, né. Então, eu fui ensinado por professores que tinham essa cultura “eu vou chegar hoje e ensiná-las tal” por mais que eu tivesse feito Sesi, que tem uma diversificação, nem todos os professores do Sesi eram assim por causa da metodologia do Sesi. A gente chega na sala de aula e fala “hoje eu vou ensinar eles uma música, a gente vai aprender uma música hoje” e às vezes eu chegava na sala e aprendia uma música nova, caramba, e não chegava como informação, assim, nada a ver, “não porque esse disco foi gravado tal coisa”. **Então assim, é uma troca assim desigual muito desigual no sentido de que nós damos mais do que eles nos dão, mas pelo contrário, eles dão mais que a gente dá, com certeza** (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).*

O vínculo é formado por duas partes que investem no enlace e constroem juntos uma possibilidade para permanecer juntos (KAËS, 2007/2011). Gabriel afirma que seu vínculo com os participantes é desigual, porque eles dão muito mais para esse enlace e reconhece alguns exemplos de coisas que são dadas para os docentes de âmbito material, cultural e afetivo.

Não só conhecimento, como eu venho falando, mas carinho, mimos, atenção, porque da forma que eles querem atenção para falar, às vezes para desabafar para poder se expressar, eles também têm muita paciência para escutar a gente, muita, absurdamente infinita. Se deixar, eles ficam escutando o dia inteiro sem reclamar, sabe, então, mais do que conhecimento, experiência, é carinho, mimos. Eu acho que o que é mais gostoso disso é você ter esse contato, sabe? Até porque você vai para Assis e você vai, cara, a gente acaba meio preso em uma bolha, que é a universidade, a gente só fala com gente da universidade, só interage com gente que é da Universidade, mas aí no fim das contas Assis não é só a Universidade (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

Gabriel demonstra ter se surpreendido com o retorno vincular que recebeu dos participantes da terceira idade (KAËS, 2007/2011). O docente inicia sua jornada na UNATI com o objetivo de proporcionar ensino e aprendizagem, sem expectativas de que esse enlace pudesse proporcionar mais do que o desenvolvimento profissional. Esse é um indicativo de que ele não esperava se vincular desse modo com essas pessoas, então, o retorno do seu investimento pulsional superou suas expectativas do que a Seresta poderia proporcionar.

Tem pessoas que moram ali dentro, então é interessante por esse sentido, de você conhecer pessoas que também são de Assis, conhecer a realidade de Assis, tem pessoas ali que não tem muita condição, são pessoas que assim, pegam três ônibus para chegar aí na Unesp, sabe, entendeu? E elas vão embora fazendo todo esse

deslocamento para ir assistir uma oficina, sim, e é por isso que você tem que ter o comprometimento de tá ali, sabe? Por que tem gente que, para você, talvez a UNATI não seja tudo isso o que eu também entendo, não seja algo tão expressivo, você não tenha gerado identificação para algumas pessoas, mas para ela pode ser praticamente tudo, assim, no sentido de acabar com a solidão, de, não acaba, né, mas minimizar um pouco a solidão, poder ser ouvida, aprender saciar algumas angústias que foram suprimidos no passado. Angústias que eu digo, angústias não, mas desejos, né. Tem aluno ali que fala, aí eu sempre quis fazer inglês, sempre quis fazer francês, mas minha mãe falava que não era coisa para mim e tal. Então eu acho que é muito disso, sabe, né, você além de uma atitude assim humana, de você perceber-se, é basicamente assim não é sobre mim sabe? Nem tudo é sobre mim, sabe? É muito sobre eles, então é isso, sabe? você se torna uma pessoa mais sensível, né, para com tudo, sabe? Com relação à idade e à realidade, tudo, né (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

O docente reconhece e se espanta com as dificuldades e o empenho dos participantes para estar na UNATI, que demonstram um alto investimento na oficina. Gabriel sente o ímpeto de exercer a função de oficinairo com muita responsabilidade, porque ele entende o quanto aquele espaço significa para os idosos.

Há uma preocupação para que a UNATI também proporcione a reinserção do idoso na sociedade, que pode estar experienciando questões que o isolam e o mantêm à margem, como a aposentadoria, a morte de amigos e familiares e os problemas financeiros (FERRIGNO, 2010). Gabriel demonstra esse intento nas suas palavras: “para [o idoso] pode ser praticamente tudo [...], no sentido de acabar com a solidão, de minimizar um pouco a solidão”.

Para Gabriel, o docente deve se empenhar para realizar sua função de modo igualitário para todos os membros do grupo, por mais que ele se identifique mais com um sujeito do que com outro. Ele tem que desempenhar o mesmo serviço para todos igualmente e reconhecer o seu papel na oficina na vida dos idosos.

A oficina não é centrada na figura do oficinairo, por mais que ele seja beneficiário desse espaço. Há um cuidado com o serviço prestado para a terceira idade, que é anterior aos vínculos que emanam desse encontro. Fica a cargo do docente proporcionar o serviço e mediar o grupo, sem um movimento narcísico de autocentramento nas suas necessidades.

Jaime fez um resumo de como é seu vínculo com os participantes idosos em concordância com as ideias de Gabriel. Apresenta que a sala é um espaço de vincularidade e de responsabilidade com a prática de docência, ele expressa a sua seriedade naquele ambiente.

Era muito divertido e elas conversavam bastante, elas sempre socializavam entre si e socializavam com a gente, conversavam com a gente. A aula era muito descontraída,

mas também exigia bastante trabalho para pensar a aula para aquele público, o que elas queriam e se atentar às dificuldades. Então, era esse meio termo entre uma felicidade, uma distração, mas também de certa forma uma atenção de se esforçar para dar conta das demandas delas, do que elas queriam (ENTREVISTA JAIME).

Jaime demonstra cuidado e empenho ao realizar sua prática de docência com alunos da terceira idade. Ele cumpre com o papel inicial do docente na oficina que faz parte da aliança consciente formada com a instituição e os participantes. Em paralelo, o docente aproveita o vínculo como algo que supra seus desejos, proporciona felicidade e distração.

A possibilidade de aprender com o vínculo selado com a turma é outro aspecto do vínculo apresentado pelos docentes. Os idosos detêm conhecimentos sobre a vida, que são transmitidos para os jovens professores/oficineiros, o que torna esse um espaço mútuo de transmissão. Maria mostra que:

É uma aprendizagem constante entre todo mundo, eu sempre falo que não só eles estão aprendendo inglês, mas eu também estou aprendendo a todo momento e aí no final do ano eles sempre falam “ah obrigada, você me ajudou muito” e eu fico “não, eu que tenho que agradecer vocês que me ajudaram, eu que me sinto melhor como professora, como uma futura professora que eu pretendo ser, como pessoa também. Então eu sou muito grata a eles pela oportunidade de sentar lá e querer me escutar, tentar contribuir de alguma forma para aquele contexto (ENTREVISTA MARIA - grifos nossos).

Maria apresenta que essa parceria possibilitou a reflexão sobre qual profissional ela quer ser no futuro. Os alunos da terceira idade transmitem conhecimentos de como estabelecer relações entre professores/oficineiros e discentes. Os docentes usufruem desse espaço intersubjetivo que a aula/oficina dispõe e demonstram gratidão por fazer parte e aprender com o contato com a terceira idade.

Os professores/oficineiros refletem e investem pulsionalmente no grupo com base no que eles querem para aquele espaço; de qual serviço deve ser prestado para a comunidade idosa assisense; de qual vivência será ofertada em sala de aula. Visto que eles se preparam, definem como será o espaço e possuem a liberdade de escolha para guiar sua prática de docência de acordo com seus desejos. É opção do docente seguir o caminho do ensino horizontal ou vertical, assim como Maria demonstra em sua fala:

Nós queremos para eles a imagem do que nós queremos pra gente. Não a imagem, mas a confiança que a gente também quer transmitir e como a gente gostaria que ensinassem para gente, como a gente pode fazer desse período de aula de uma hora, uma hora e meia, ser o mais proveitoso para eles também e para a gente também. Como pode ser um momento bom dentro da semana não só para aprendizagem, mas

para compartilhar mesmo um momento agradável que inclui a aprendizagem e é algo mais dessa experiência. Eu não vou chegar aí só ensinar o verbo to be “hoje é isso tchau”. Não tá ensinando uma língua, você tem que dialogar com as pessoas e tem que envolver, trazer situações para exemplificar aquilo

Os docentes ofertam o que eles desejam para eles, que é um espaço afetivo, vincular, de ensino horizontal, de alunos ativos e implicados no processo de aprendizagem, essas características estão de acordo com o que apresenta a fundadora do programa (MARTINS, 1997). O sujeito investe com a expectativa do que o grupo pode oferecer, aos desejos que podem ser usufruídos no espaço vincular (KAËS, 2009/2014).

Os professores/oficineiros se empenham em desenvolver semanalmente um espaço agradável para os alunos da terceira idade, porque eles também querem ter isso para eles. É um contrato narcísico, onde todos usufruem do espaço e da presença dos membros do grupo, além de aprender algo novo sobre línguas estrangeiras, teatro, seresta, por exemplo (KAËS, 2009/2014). As aulas/oficinas constituem momentos para ambos, docentes e participantes idosos em uma perspectiva vincular.

4.3.3 O grupo como espaço de elaboração de dificuldades

Ao olhar para o docente, é possível observar que a aula/oficina é um espaço de realização pessoal. O grupo auxilia no seu desenvolvimento profissional enquanto professor/oficineiro, construindo em conjunto uma possibilidade de co-ensino e co-aprendizagem. Os participantes da terceira idade ajudam a lidar com as dificuldades provenientes dessa prática.

O modo como o vínculo entre docentes e participantes da terceira idade é estabelecido possibilita a elaboração de algumas dificuldades pessoais. Na aula/oficina é oferecido um espaço de acolhimento e escoramento, onde é possível falar de si mesmo. Assim, o professor/oficineiro se beneficia do grupo para lidar com questões perante a vida.

Elisa e Juliana contam que tinham dificuldades em falar em público e como essa experiência com a terceira idade ajudou a superar total ou parcialmente. A possibilidade de elaborar essas questões tem a ver com o modo como se vinculam aos participantes da UNATI. A entrevistadora perguntou se aicineira participa das apresentações do Teatro:

*Depende, não era nada muito fixo, acho que depende um pouco, porque a gente está juntos a vários anos, depende um pouco da apresentação, das atividades, a gente quase sempre participava juntos das dinâmicas na oficina, mas nas apresentações variava um pouco, por exemplo, **eu particularmente tenho pavor de palco, de apresentação, de falar em público**. Então o que dava para evitar de eu participar disso, eu evitava, tinha outrasicineiras que não se incomodavam aí na hora às vezes elas ocupavam esse lugar, mas era meio que misturada, às vezes nos ensaios, se alguém faltava a gente ajudava. Nas dinâmicas a gente sempre participava junto, mas nas apresentações variava um pouco, mas em geral mesmo, acho que teve uma apresentação que a gente realmente participou mais, mas em geral eram coisas menores assim mais para ajudar, era mais elas mesmo que faziam as coisas (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).*

O chamado “pavor” não é algo que paralisa sua iniciativa de fazer parte do grupo com a terceira idade, pois seu desejo é maior que o medo. O desejo está relacionado com a experiência de satisfação psíquica (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000) perante o encontro com a terceira idade e a vivência da docência.

O desejo de conseguir falar em público fez com que Elisa buscasse fazer parte da oficina e enfrentar os momentos que exigiam essa conduta. Entretanto, o grupo caminha para que ela participe dessas ocasiões, levando a compor o Teatro. Ela comenta ser contraditório ter “pavor” de se apresentar e participar da oficina de Teatro:

Então, eu tenho pavor mesmo, eu odeio apresentação em público, qualquer coisa assim eu não gosto, mas eu gosto muito de teatro, de assistir teatro, obviamente, sempre gostei muito de assistir teatro, de assistir peça e de assistir musical é uma coisa que eu gosto muito. E uma dasicineiras tem uma formação em artes cênicas, se eu não me engano. Então, ela tinha esse conhecimento mais técnico e ela tava disposta a trazer a oficina e tudo mais e surgiu essa ideia dela criar a oficina e ela estava assim “ah quem quer me ajudar”, eu conhecia ela, eu topou, mas eu sempre deixei claro que é uma coisa que eu gosto muito que eu estou disposta a procurar dinâmica para fazer em grupo, essas coisas, mas que eu particularmente não conheço, não sei fazer.

*E aí nesses momentos de apresentação o que dava para eu evitar de apresentar de falar assim eu evitava aí tinha outras pessoas que não se incomodavam de fazer, de participar aí elas ocupavam esse lugar mais do palco mesmo na hora da apresentação, mas se precisasse eu participava também, mas foi meio que essa trajetória né, porque eu realmente não tenho conhecimento de teatro assim de aulas, eu pesquisei umas coisas, a gente pesquisou bastante texto, dinâmica, aula até agora que era online a gente pesquisava alguns exercícios. **Então, também aprendi um pouco disso, né, mas em geral tá no palco não é para mim não** (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).*

Elisa entra para agregar e compor a oficina, mesmo sem algum tipo de formação na área. Essa sua iniciativa demonstra o alto investimento pulsional no Teatro e no vínculo com a terceira idade, pois ela se esforça para se aperfeiçoar e fazer parte do grupo, construindo uma possibilidade em meio aos empecilhos que se apresentam no caminho.

O alto investimento pulsional despendido para a participação na oficina de Teatro faz com que ela se force a entrar em contato com suas questões intrapsíquicas. Percebe-se que Elisa enfrenta essa dificuldade e o grupo colabora auxiliando nesse processo de elaboração.

Elisa demonstra que o grupo acolhe sua demanda, dá suporte e a auxilia a encontrar uma possibilidade de mantê-la na oficina, apesar de suas questões pessoais. A entrevistadora perguntou se a participação da UNATI mudou a forma como ela lida com os palcos.

*Acho que sim, acho que talvez a gente tem essa perspectiva dos palcos como uma coisa muito fechada e elas mostravam um palco ampliado com muitas possibilidades do que fazer e como se portar. Acho que é uma oficina que poderia durar para sempre, porque elas sempre tinham novas ideias e sempre tinha novas possibilidades de fazer coisas e até quando era sofrido para mim, quando eu tinha que participar de alguma coisa, porque eu sou muito tímida. **Eu não gosto, mas eu ia, sabe? Eu acho que se não fosse uma coisa que eu realmente gostasse ou que eu achasse importante, eu acho que eu não iria, mas eu relevava. Acho que eu enfrentava um pouco isso também, né. Se precisasse, por elas. A apresentação que a gente fez que tinha mais participação dos oficinairos, se não me engano, foi a primeira do Dia das Mães. Assim, eu tava tímida na hora, fiquei nervosa, mas eu fui né e foi legal. Eu acho que com certeza não é uma coisa que eu gostaria de ir muito para frente do palco, mas foi uma experiência legal assim poder compartilhar isso com elas, porque elas estavam nervosas, eu também estava nervosa na hora e a gente conversando foi legal** (ENTREVISTA ELISA- grifos nossos).*

Ela se disponibiliza a ir para o palco e ajudar o grupo, pois isso faz parte do conjunto e ela se adapta para fazer da dinâmica. Elisa sente prazer em estar junto e compartilhar do nervosismo que as alunas da terceira idade sentem antes de entrar no palco.

Parece que a docente e suas alunas se escoram (*étayage*) (SEGOVIANO, 2008) para conseguir subir ao palco e enfrentar o medo. Mesmo sendo docente, Elisa se encontra na mesma situação que as participantes da oficina, compartilham desse momento com igualdade. Elisa diz como se sente:

*Acho que 100% bem não estou, mas melhor do que eu já fui. Acho que essas experiências ajudam muito a tirar a timidez também, pensando na faculdade, porque você tem que dar uma aula para várias pessoas que você nem conhece, aí no começo vai dando mais nervoso, mas conforme você vai criando essa experiência, vai se sentindo mais confortável, mais confiante de ir fazendo as coisas. Acho que não estou 100% confiante, nem sei se isso existe. Acho que para mim, pelo menos, não existe, mas ajudou bastante a criar uma confiança também a partir dessa experiência. Às vezes na oficina até levava uma ideia, uma dinâmica, alguma coisa, e não dava certo, e aí tudo bem. **Não deu certo, não deu. E aí acho que com tempo você vai criando essa confiança até de propor uma coisa nova e às vezes não dá certo e tudo bem. A gente vai em frente, então acho que me ajudou até nessa questão da confiança, da segurança, de me sentir confortável em alguns espaços, né. Acho que me ajudou bastante com isso também** (ENTREVISTA ELISA- grifos nossos).*

A dinâmica do vínculo entre Elisa e as participantes da terceira idade possibilita que ela se sinta mais confiante em seu trabalho. Assim, ela consegue enfrentar ou elaborar as suas dificuldades singulares e compor o grupo, tendo em vista o que o coletivo precisa e o objetivo central da oficina.

Juliana também passou por essa situação aparentemente contraditória de ter medo de falar na frente do grupo e mediar uma oficina com várias pessoas. Ela apresenta uma realidade um pouco diferente de Elisa, pois o medo dela era algo paralisante em alguns momentos. Juliana trouxe esse assunto enquanto falava da admiração por uma participante tímida que conseguia se posicionar e se expressar durante os encontros, com a qual ela se identificava.

*Eu não costumo falar muito, principalmente em grupo, essas coisas. Eu tenho um pavor em falar, não gosto, só consigo em grupo pequeno, e eu tenho que ter um bom preparo, tipo assim, psicológico, para eu abrir a boca, porque senão eu entro em surto, eu realmente entro em surto. Eu tenho que sair da sala e no banheiro passar água no rosto, porque senão me dá um aquela coisa que eu não consigo respirar, então ver o jeitinho que ela lidava, **eu me via também naquilo, principalmente por ela conseguir falar dela e conseguir superar isso dela de não ficar falando muito.** Quando ela falava, ela realmente falava algo interessante pontual e dela, então foi uma identificação muito grande nessa parte (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).*

Ela relata um episódio complexo e intrigante, no qual os mecanismos psíquicos de defesa não dão conta de aliviar o desprazer da situação. Durante a entrevista buscou-se entender como os vínculos com os participantes da terceira idade se relacionam com o que ela chama de “surto”. Juliana buscou um lugar com características familiares para tentar superar suas dificuldades que remetesse à segurança outrora obtida no ambiente familiar.

Juliana entrou na UNATI aparentemente como uma forma de resgatar os vínculos formadas com os avós, assim como, foi observado ao longo de suas falas. Desse modo, ela parte do vínculo familiar para a criação de fantasias e idealizações para o novo trabalho que ela empreende com a terceira idade.

*[...] E falar e se portar na frente do grupo era algo que eu estava tentando acostumar tentando superar essas dificuldades que eu tenho. Tanto é que hoje eu consigo fazer algumas coisas por causa justamente disso, eu consigo tá aqui falando com você, eu fiz minhas entrevistas da pesquisa (iniciação científica) por causa dos atendimentos (com o grupo de mulheres) que eu tive. **E quando eu tô no grupo eu consigo falar mais por causa disso, realmente eu me sinto tão inserida naquele grupo e foi tão tranquilo para mim (fazer parte da oficina).** Nos primeiros dias foi um pouquinho complicado porque eu não conseguia falar, eu preferia só ficar escrevendo os relato, mas depois que começou e eu me senti inserida naquilo, percebi que não é um bicho de sete cabeça, dá para respirar tranquila e dá para falar, porque*

ali você tá no grupo, você não é alguém de fora só. Então você tem que participar, tem que fazer aquele grupo andar e isso me ajudou bastante (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

A docente percebeu que o grupo tomou contorno e se construiu enquanto corpo, nessa trajetória ela agrega como um membro de modo horizontal (KAËS, 1976/2017). É possível observar que ela reflete sobre o seu lugar no grupo e como este a beneficia enquanto sujeito e não apenas como profissional. O vínculo estabelecido com as participantes da oficina possibilita com que ela se sinta mais à vontade naquele ambiente.

Para Juliana, foi possível construir em grupo um ambiente seguro para que ela consiga elaborar ou lidar com seu problema de falar em público. Embora não seja o objetivo central da oficina, tem esse efeito benéfico em outros espaços da vida dela, de acordo com seus relatos.

Sobre eu ter que falar em grupo, ajudou bastante sim, quando estava na época das aulas presenciais, quando tinha apresentação de trabalho, essas coisas, para mim sempre foi uma dificuldade. Eu conseguia fazer um pouco mais fácil, quando eu treinava antes, como eu sempre fazia, só que eu ficava o mês inteiro treinando. Depois dessa experiência na oficina, eu ficava um dia antes treinando, eu lia minhas falas tranquilamente. Na hora de apresentar já não olhava para o grupo que estava ali, para turma, como se eles fossem me julgar completamente. Então eu já sabia assim o que eu estava fazendo ali, que eu podia respirar e tava tudo bem. Então não precisava surtar muito na hora de apresentar, para falar o que eu pensava durante a aula, eu ainda tenho dificuldade, eu não consigo ir lá e falar eu penso isso, isso e aquilo de tal tema. Então, para mim é mais fácil escrever, tanto é que no online agora, nas aulas, eu, sempre quando eu tinha alguma coisa para pontuar, eu escrevia no chat. Só em extrema necessidade eu ligava o microfone e falava, mas comparado o que eu era antes, tá muito melhor o jeito que eu consigo me portar com os outros. Outras coisas eu ainda tenho dificuldade, por exemplo, falar no telefone, eu não ligo para ninguém e eu não atendo o telefone, porque eu não consigo falar com quem eu não tô vendo. Então, já tenho dificuldade, mas de resto está bom para alguém que passava meia hora antes e depois da apresentação no banheiro passando mal. E ainda parecia que estava numa nuvem, porque para se portar ali na frente, não tem que ser você, tem que ser outra pessoa. O grupo da UNATI ajudou completamente e melhorou bastante isso em mim (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

Essas conquistas relatadas foram obtidas depois de um ano de participação na UNATI como mediadora do grupo. Devido à pandemia da SARS-COV 19, a oficina foi interrompida, então ela não pôde participar por mais tempo. Contudo, talvez se ela tivesse tido mais tempo com o grupo, essas características limitantes seriam mais elaboradas.

A princípio o docente entra na UNATI para prestar um serviço para a terceira idade, mas com o tempo, esse vínculo possibilita aprender e ter momentos de autorreflexão. Eles se tornam beneficiários desse espaço e passam a construir uma possibilidade de ensino horizontal, vincular e de escuta.

Os docentes demonstram o lugar que ocupam no grupo e como esse vínculo é importante para cada um. Manifestam a possibilidade que esse seja um espaço de elaboração de questões pessoais ao passo que é selado um vínculo em prol do cuidado e da escuta entre os sujeitos.

Os trechos desta seção apresentam as falas mais marcantes a respeito da elaboração de dificuldades pessoais. Destes casos, há um elemento comum que é a busca por um lugar familiar e acolhedor que remeta a vínculos passados com idosos da família.

4.3.4 Influência de vínculos anteriores com a terceira idade

Supomos que no encontro entre professores/oficineiros e seus alunos estabelecem-se algumas alianças conscientes e inconscientes que compõem o processo constitutivo do grupo. Essas alianças permitem que o sujeito realize no grupo desejos e satisfações referentes às alianças primárias dos primórdios da vida com a família imediata (os pais, e os avós), constituindo novos contratos narcísicos secundários que resgatam os elos familiares (KAËS, 2009/2014). A Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) como se demonstrará com os excertos das entrevistas selecionadas para pensar a influência dos vínculos anteriores.

Quando perguntados sobre o que os motivou a serem professores/oficineiros da UNATI, alguns colaboradores da pesquisa relataram que tinham um bom contato com os avós. Logo, diante de vários programas de extensão universitária ofertados pela Universidade Paulista, se sentiram atraídos pela UNATI no meio de vários programas de extensão universitárias ofertados pela Universidade Estadual Paulista, campus Assis. Há boas memórias com a velhice, por isso busca-se a UNATI com fantasia e idealização de reviver parte dessa satisfação com os vínculos passados (KAËS, 2009/2014). Para Elisa:

Aí, eu acho que é muito uma questão familiar, né, pela minha família ser muito velha. Na minha família, minha mãe era mais velha quando me teve. Então eu convivi muito com meus avós e bisavós, né, sem contar o Titio Avô. Então sempre tive esse contato mais próximo com a velhice, com a terceira idade e acho que a partir daí que veio meu interesse, né, porque foi uma questão de eu ter tido essa relação mais próxima no âmbito familiar. E aí acho que a oportunidade de poder expandir isso, ir além, a gente sai da casa da família e vem para outra cidade, acho que poder resgatar um pouco desse vínculo também, desse destaque intergeracional, eu acho que veio para mim muito disso, dessa questão familiar, dos interesses que eu tinha, pensando em filmes que eu via e falava da questão da velhice, eu sempre tive o interesse, achei interessante, mas acho que o principal mesmo era pela questão familiar, né, do vínculo que eu tinha. E aí foi criando esse interesse, aí quando tive oportunidade de trabalhar com isso de novo, né, com a terceira idade, poder conhecer mais me trouxe bastante interesse (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Elisa conta que tem uma família de pessoas mais velhas e conviveu a vida inteira com seus avós, bisavós e tio avô. Quando mudou para Assis para fazer faculdade, a oficina se distanciou desses vínculos familiares e passou a vê-los com menos frequência. Contudo, em Assis, ela buscou uma aproximação com programas e estágios que trabalham com idosos, talvez em busca de resgatar um pouco do vínculo familiar, é uma forma de suprir parcialmente a falta que a família faz nessa nova jornada da vida.

Maria também associa seu vínculo familiar à escolha de fazer parte da UNATI, quando fala de seu convívio com os avós. Para ela, o programa proporciona a junção entre duas áreas que ela tem apreço, os vínculos com os idosos e a profissão escolhida. Maria aproveita o programa de extensão para lecionar para a terceira idade, já que talvez ela não tenha novamente a oportunidade de trabalhar com esse público.

Eu sempre vivi com os meus avós, então eu tenho essa aproximação, tenho essa afinidade com idosos e eu amo ensinar, então, foi a oportunidade perfeita para unir as duas coisas que eu gosto muito e deu tudo certo (ENTREVISTA MARIA - grifos nossos).

Nos dois exemplos anteriores, percebe-se que há um desejo que nasce de uma fantasia, para além do sujeito real (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). O desejo mobiliza a escolha de ser professor/oficineiro da UNATI e o vínculo é selado de acordo com o investimento grupal (KAËS, 2009/2014). No caso da entrevistada, junta-se o interesse pelo ensino e pelos idosos.

De acordo com Nicolle e Kaës (2008/2011), há um “conhecimento imaginário do objeto de desejo” que instiga os professores/oficineiros a ofertarem o curso/oficina (NICOLLE, KAËS, 2008/2011, p. 182). Cada um possui uma visão da velhice com base em representações, imagens e redes de identificações de vivências passadas com essa faixa etária (KAËS, 1976/2017). Elisa ilustra sua visão de velhice ao contar os momentos afetivos vivenciados no passado com seus avós e outras pessoas da terceira idade fora do âmbito familiar.

Não, é que era mais uma questão de convivência, eu lembro por exemplo de ir com a minha avó que ia sair para algum lugar aí ela participava muito do cursinho. Não sei nem se é assim que chama, mas era tipo um encontro do pessoal da igreja que ia passar o fim de semana em tal lugar e aí era uma questão mais religiosa assim. Eu lembro que quando eu era pequena eu ia junto com meus avós para ajudar a arrumar as coisas né que meus avós iam muito lá para trabalhar na cozinha. Então, eu lembro muito de ir lá e eu acabava convivendo com outras pessoas, não era propriamente um trabalho. Mas, é mais por essa questão da convivência com outras pessoas da

terceira idade também além do âmbito familiar, apesar de ter sido a partir dos meus avós (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Elisa relata atividades da igreja que fazia com seus avós, quando ela era criança, que possibilitou o contato com a comunidade idosa da sua região, passando a se sentir bem. O convívio com os avós durante a infância instigou que ela buscasse ter mais interação com a velhice na idade adulta.

A UNATI promove um espaço de troca, de vínculos intersubjetivos, de aprendizado, do contato com a alteridade do outro. Os docentes e alunos contam histórias pessoais, compartilham experiências de vida e falam sobre seus familiares. O vínculo se torna tão próximo que em alguns momentos as famílias se encontram em apresentações, eventos ou até mesmo nas oficinas, como relata Elisa:

Teve um ano, se eu não me engano teve uma vez que a família de outraicineira foi visitar Assis aí eles foram até a oficina, foi acho que a sobrinha dela que era bebezinho aí todo mundo conheceu. Então tinha essa troca assim, eu acho que não era na mesma proporção, elas falavam bem mais e esse era o material que a gente usava mais na oficina também, mas com certeza tinha essa troca (ENTREVISTA ELISA).

No grupo de Teatro percebe-se que há uma receptividade familiar devido à dinâmica de funcionamento e ao vínculo estabelecido. Membros da família dos docentes e alunos têm participado de alguns encontros, tornando significativos esses momentos:

Foi daicineira, eu acho que era a irmã dela e a mãe. Eu não lembro muito bem agora, mas eu lembro, se eu não me engano foi a sobrinha dela que era bebezinha então lembro que teve essa troca daí ela mostrava a foto depois dessa sobrinha e as participantes perguntavam também como que estava então tinha essa troca também. As alunas também levavam a família em alguns momentos, eu lembro que tinha uma que levou a neta em alguns encontros aí essa neta assistiu os ensaios, era bem legal (ENTREVISTA ELISA).

Elisa apresenta a reciprocidade desse vínculo, quando aponta que as idosas também levavam seus familiares e apresentavam para os companheiros da oficina. Há um desejo de origem narcísica de mostrar para a família um lugar de valor, conquistas e produções artísticas. E esses encontros com pessoas da intimidade dos alunos geram sentimentos e impactam osicineiros:

Ai eu achava muito legal, podermos estar ali, para elas era muito importante poder mostrar para família, né. Eu lembro que tinha uma aluna que todas as apresentações, assim, ela levava a família inteira e os filhos. Acho que para elas era muito importante

mostrar o que elas estavam fazendo, né. Era muito, eu acho, muito legal ter uma família que tava interessada também em assistir, em estar presente e acompanhar. Não foram muitos momentos que as famílias apareceram nesses ensaios, nas oficinas. Lembro muito da neta de uma aluna, eu não lembro quantos anos ela tinha, devia ter uns 10 ou 11 mais ou menos assim e aí ela achava bem legal, porque às vezes era uma oportunidade de ela ver a avó de um jeito diferente não com aquela imagem de “ah vizinha toda fofinha” e era uma aluna que era super fofinha, mas ela era muito piadista, ela era super espontânea. Então acho que é legal ver fora desse âmbito também. Como as pessoas têm vários jeitos diferentes, acho que a oficina era um espaço para poder ver elas de uma forma diferente também. Era bem legal quando ia alguém, algum parente, alguma coisa assim (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Conforme o discente leva a sua família para o ambiente unatiano, ele apresenta outras faces enquanto sujeito detentor de alteridade, expandindo a imagem de “vizinha toda fofinha”, corroborando com a desconstrução dessa imagem idealizada. Por outro lado, o docente acompanha esse processo e também elabora as suas idealizações a respeito da velhice e do processo de envelhecer.

A entrevistadora perguntou se algum familiar de Elisa já havia participado da oficina e como foi esse momento, o intuito era saber se ela também tinha essa iniciativa de levar familiares para a oficina.

Amigo, sim, da UNESP, eu lembro que sim, familiar não, por ser em Assis. Toda vez que alguém da minha família vai me visitar, normalmente é em férias para me trazer alguma coisa, assim, mas se eu já não me engano, acho que já mostrei algum vídeo, alguma coisa, assim, foto, mas amigos da UNESP, às vezes eles iam visitar ou ouvir apresentação, acho que nos ensaios não tanto, por conta dos horários das oficinas em geral as pessoas não tinha muito tempo naquela época de poder ver, mas as apresentações da UNATI, como no geral eram festas abertas, então, o pessoal assistia (ENTREVISTA ELISA).

A oficina de teatro aparenta ter mais disponibilidade em acolher essas situações devido ao seu modo de funcionamento e acaba sendo um momento de encontro intergeracional que elencam uma perspectiva vincular familiar e social no mesmo ambiente. Em geral, os cursos/oficinas da UNATI são vistos, sentidos e vivenciados como uma família. Gabriel relatou um momento em que percebeu que o grupo de oficinairos e os idosos formavam uma família. De acordo com Gabriel,

O melhor momento que nós tivemos, eu acho que foi isso, além desse da escola pública. Foi algumas semanas antes, quando a gente fez a festa junina da UNATI, mesmo, na UNESP. E aí todo mundo já tava no clima e a gente foi e fez o mesmo esquema, ficamos em rodinha. E, cara, foi assim, não tinha som montado para nós, era tudo acústico e o buracão ou buracanã, sei lá, é o buracão, acho que é esse o nome, é o Buracanã, é o parque que tem em Assis. O Buracão é o que tem na Unesp,

nunca lembro o nome certo. O Buracanã ele tem uma acústica péssima, não tem acústica basicamente, porque passa ao ar livre. Então assim é muito difícil extrair um som de forma que tenha presença, é um só sopro que leva as ondas, vão indo e pá pum. E a gente fez um circulozinho. O lado bom da administração, que sempre foi uma administração muito preocupada, muito atenta, muito envolvida, não só na questão técnica e burocrática, mas uma questão de lidar com as relações mesmo, sabe? De relações humanas. Eles empolgaram e aí o senhor já tava vindo empolgado. E aí tocando músicas do Sertão é “que cê foi fazer no mato” cara foi assim tanto, que na outra semana eles estavam animadíssimos para fazer de novo, entendeu? E foi aquele dia que sabe, é aquele momento que você, não são tantos momentos na vida que eu consegui ter esse sentimento esclarecido, mas aquele momento que você tá no meio de um todo e você, parece que tudo fica meio assim slow motion e você se percebe. E aí você pensa, eu não queria estar em outro lugar, sabe, então, assim, é aquele momento que você gostaria de eternizar, sabe. E a gente tem eternizado em fotografias até hoje, é muito gostoso, fica bom não só pelo grupo ter apresentado, mas porque naquele momento ali a gente já tinha uma amizade muito boa, eu, os outros professores, mas naquele momento ali a gente virou uma família, sabe? (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos)

Gabriel demonstra o prazer obtido por meio do vínculo com os participantes da UNATI ao ponto de querer eternizar o momento vivenciado. O grupo preenche uma função de realização imaginária dos desejos não realizados em outros espaços, principalmente os proibidos (ANZIEU, 1984/1993).

A frase de Gabriel, “*virou uma família*”, pode representar uma forma de satisfação de desejos que não foram saciados por meio do vínculo familiar. O docente encontrou um grupo que pode chamar de família e vivenciar experiências de prazer por meio do enlace. Ele inclui nessa família os outrosicineiros responsáveis por ministrar as oficinas da Seresta.

A dinâmica entre os oficineiros e os participantes do encontro permite fluir o processo de ensino/aprendizagem e compõem o resgate daquele espaço como sendo familiar. Eles apresentam um sentimento que não está totalmente simbolizado e esclarecido em relação ao grupo de idosos, mas é visto como positivo pelo oficineiro.

Docente de uma aula do tipo didática, Jaime diz se sentir como um “neto” de suas alunas, devido ao carinho e ao afeto elas dispõem para com ele, o que demonstra a influência da satisfação familiar nesse espaço. Esse sentimento também é fomentado pela idade entre eles, ou seja, as participantes da aula possuem mais ou menos a idade dos avós do docente o que instiga o processo de identificação.

Me sentia às vezes como um neto delas, porque elas eram muito carinhosas. Acho que foi em uma das últimas aulas que a gente fez, eu e minha colega, a gente preparou uma despedida, um encerramento, elas foram super carinhosas com a gente, nos abraçaram e tudo mais. Às vezes eu me sentia até um pouco de neto delas, pela idade,

pelo carinho que elas sempre prestavam para a gente (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

O professor/oficineiro costuma permanecer com a turma por um ano ou dois, assim, é um gesto de afeto organizar uma despedida para todos participantes da aula/oficina. Essa ação demonstra a construção de um vínculo afetivo entre eles e o encerramento de um ciclo do grupo, pois posteriormente outro professor/oficineiro assumirá o posto de docente. A entrevistadora questionou como ele se sentia ouvindo os participantes idosos falando de suas famílias e obteve a seguinte resposta:

Eu gostava, porque eu conhecia, eu sabia mais sobre elas, mas por um lado também tem sempre aquele “ah, a gente precisa dar continuidade para aula e tudo mais”. Então, eu ficava meio balançado entre esses dois lados assim, mas falar da família, do contexto, também tinha um conhecimento sobre o aluno, então era válido também (ENTREVISTA JAIME).

É possível observar que se formam novos contratos narcísicos secundários que resgatam os elos familiares (KAËS, 2009/2014). Contudo, o objetivo inicial da aula/oficina que os une naquele espaço disponibilizado pela instituição é respeitado. Jaime conta seu intento de manter a programação da aula, mas demonstra aproveitar esses momentos de reflexão familiar. Foi perguntado a ele o que aprendeu trabalhando com mulheres idosas, sua resposta foi:

Elas trazem muito a questão da família, que elas sempre retornavam no quesito de filhos, dos netos, era sempre um tema muito recorrente. Eu não sei se porque já eram mulheres já idosas ou por serem mulheres. Não sei, não tive contato com homens da mesma faixa etária, mas essa família foi muito presente para esse público não sei se para um público de 20 e 22 anos no CLDP (Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores) seria assim, mas para essa turma naquele momento foi família foi algo muito forte, tanto que algumas faltaram, porque iam visitar o filho, umas sempre falavam lá de algumas coisas do neto. Então a família foi algo muito recorrente (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

Jaime desenvolveu a escuta ao passo que acompanhou as histórias familiares das participantes, contadas recorrentemente durante as aulas. É um momento de conhecer mais sobre essas mulheres com quem ele se identifica como filho também é uma possibilidade de fortalecer esse vínculo.

É possível observar que os afetos despertados no vínculo com os idosos da UNATI têm ligação com enlaces anteriores (KAËS, 2009/2014). No grupo é possível reviver satisfações obtidas nas alianças estruturantes. Os entrevistados falaram que se sentem como netos desses

idosos, resgatando os vínculos familiares nesse espaço. Contudo, há conflitos intergeracionais devido à alteridade de cada sujeito do vínculo.

4.3.5 Dificuldades no enlace: diferença na vivência do tempo e os conflitos

O encontro entre os idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) e os professores/oficineiros é atravessado pela diferença entre eles. Os idosos impactam com sua presença, apresentam a alteridade daquilo que está fora do controle dos professores/oficineiros, e a diferença entre eles é uma parte constituinte do vínculo entre esses sujeitos de gerações distintas.

Os professores/oficineiros e idosos entram em contato com o que é *ajeno* no vínculo e passam a construir uma possibilidade de enlace (BERENSTEIN, 2004). Contudo, o *ajeno* pode gerar angústias, frustrações e conflitos em alguns momentos entre sujeitos. Cabe aos docentes mediar e resolver esses conflitos, além de fazer um trabalho interno de elaboração da frustração e da angústia.

Elisa relata que no começo era mais difícil mediar os conflitos, porém, com o passar do tempo, as alianças conscientes e inconscientes foram seladas e facilitaram esse processo de mediação realizado pelo oficinairo (KAËS, 2009/2014). Em suas palavras:

*Aí também tem dificuldade que realmente eram mais difíceis, pessoas que eram às vezes um pouco mais briguentas, assim essa questão dos conflitos ou nessa questão por ser teatro que, às vezes **queriam mais atenção de alguma coisa, queria um momento só para ela e aí ter que mediar, aí fazer isso era bem desconfortável. Um incômodo, acho que exigiu muita paciência para conseguir lidar com aquilo e ao mesmo tempo não impor essa autoridade, mas conseguir mediar algumas coisas, porque se deixasse também elas iam ficar brigando dependendo do momento. Então, conseguir intervir em alguns momentos sem ser essa questão de autoridade. Eu acho que essa foi uma dificuldade bem grande, principalmente no começo, acho que como era o mesmo grupo, foi ao longo do tempo cada um foi aprendendo mais como cada um funciona. Então, no começo, quando tinha esses conflitos eu dizia “Nossa, o que a gente vai fazer agora, meu Deus do céu?”. Com o tempo não como a gente já se conhecia isso foi ficando um pouco mais tranquilo, mas ainda era muito difícil com pontos que às vezes não gostava muito, tipo na época da eleição de 2018, foi difícil, as brigas políticas, meu Deus, era muito difícil tentar, assim, não anular a nossa opinião, o que a gente achava, **mas conseguir mediar e deixar um ambiente em que todos pudessem participar. Eu acho que foi muito desafiador** (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).***

O vínculo requer que as pessoas cedam parte de seu narcisismo para estar com o outro, há um trabalho para manter o equilíbrio e o objetivo de funcionamento do grupo (KAËS,

2007/2011). No caso da oficina de teatro, a presença de um palco pode instigar o narcisismo, a vontade de aparecer mais e ser o centro das atenções. Contudo, essa questão foi se estabilizando com o tempo e com a mediação dos professores/oficineiros, de acordo com Elisa.

Elisa aparenta querer manter um ensino e aprendizagem horizontal, sem uma figura de autoridade frente ao grupo. Seu posicionamento vai ao encontro do posicionamento dos demaisicineiros, como mencionado anteriormente. Isso corrobora para que suas intervenções sejam pensadas de acordo com um vínculo de igualdade e ensino/aprendizagem mútuo entre asicineiras participantes do grupo.

Então, em geral, eu me sentia muito bem assim, lembro de alguns incômodos quando tinha esses conflitos que eu sentia ou alguns momentos, na oficina, que elas queriam muito que a gente, asicineiras, fosse essa autoridade assim, de “não vai ser assim”, a gente manda e vocês vão seguir o roteiro tal tal tal ou vou mediar o conflito para não ter mais. Eu lembro isso até de algumas alunas que já tinham feito teatro com outras pessoas e esperavam que fosse uma aula de teatro assim com essa questão da autoridade, de ter que seguir, de estar indo, mas essa nunca foi nossa proposta. Então, era o incômodo por elas às vezes querer colocar a gente nesse lugar e a gente tem que ficar retomando que não é o lugar, que a gente tava ali para ocupar que a gente não estava ali para ficar mandando, para levar uma coisa pronta e olha vai ser assim e pronto, ficar mediando essas brigas de um jeito muito autoritário. Então acho que nesse momento senti um pouco de incômodo, mas em geral acho que era um incômodo meu também, de não querer ocupar esse lugar e ter que devolver isso para elas, só que em geral eu sempre me senti muito bem e muito aberta. Eu senti essa abertura delas e me senti aberta também (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Os incômodos e conflitos fazem parte do vínculo e requerem manejo para a manutenção do enlace e para cumprir com o objetivo da oficina. Elisa e sua parceira lançaram uma proposta de ensino e aprendizagem que não era comum para as mulheres, principalmente devido a experiências anteriores em oficinas de teatro, onde o professor ocupava um lugar de juiz e dizia o que seria feito e por quem. Então, os docentes se empenham em manejar os idosos nesse período de adaptação a essa nova realidade.

Outro fator importante desencadeado nesses momentos é o cansaço proveniente da experiência de docência, desde a preparação da aula até o momento do encontro com os alunos idosos, além da frustração de se esforçar para fazer esse trabalho e não receber a reciprocidade de investimento por parte dos alunos. Elisa apresenta algumas coisas do cotidiano da oficina que a desmotiva e/ou cansa:

Primeiro, quando chegava mais perto de apresentação que aí realmente tinha que ensaiar e fazer as coisas um pouco mais rígidas, não mais rígidas, mas um pouco mais fechado que normalmente o encontro da oficina de teatro a gente poderia deixar

um pouco mais livre para fazer alguma atividade, mas aí quando chegava perto de alguma apresentação tinha aquela tensão delas e tudo mais. Então acho que esses momentos eram um pouco mais tensos. Eu penso quando tinham muitas faltas também, às vezes desmotivada. A gente pensava numa coisa e aí aparecia uma ou duas alunas, mas era muito estranho, porque às vezes desmotivada, mas às vezes esses encontros eram tão legais, eu lembro de algumas vezes, acho que uma vez que foram só duas e a gente acabou ensaiando um negócio, conversando com elas e foi super legal. Teve uma vez que acho que só duas apareceram, em vez da gente fazer a oficina, a gente ficou conversando e aí elas contaram a história de vida delas então o que em um momento desmotivou acabou sendo super legal depois aí foi um dia muito bom e outra coisa que eu acho que com certeza desgastava mais era quando tinha alguma briga entre as participantes da UNATI, algum conflito, que aí nós temos que ficar mediando isso, era muito desgastante, acho que esse era o momento que mais cansava mesmo, essa parte que era mais pesada de organizar as coisas que às vezes não era, não era desgastante, era cansativo acho que cansativo é a palavra melhor, mas essa questão dos conflitos entre elas de ter que ficar mediando acho que isso sim era mais desgastante, assim, cansava (ENTREVISTA ELISA).

Elisa conta suas dificuldades no cotidiano da instituição e mostra como esse trabalho requer energia para lidar com os imprevistos e com o grupo de participantes idosos. No entanto, nestes imprevistos e na diferença emerge um potencial criativo de novas realizações do grupo (PUGET, 2015), como ter um momento de escuta e de poder contar histórias de vida. Ela conta da dificuldade de mediar as brigas, a tensão antes das apresentações e de organizar a oficina, mas atrela a experiência cansativa com algo positivo como se observa na fala a seguir. Para Elisa, o fato de o serviço ser gratificante torna a experiência mais leve, apesar do cansaço da prática docente:

Eu me sinto muito feliz, muito realizada, em muitos momentos eu fico feliz. Eu acho que apesar dos momentos cansativos no geral, para mim era uma coisa muito leve, não sei se é por ser um interesse meu. Fico pensando que mesmo os momentos, tanto como oficinheiro, quanto da administração (equipe que administra a UNATI), mesmo os momentos que eram muito cansativos, às vezes mais pesados, aqueles momentos que você fica sem paciência, que você fica “nossa que difícil”, sempre tinha alguma coisa que incentivava. Acho que era muito espontâneo assim, sempre surgia alguma coisa nova de interessante ou alguma oportunidade diferente. Para mim, era uma coisa que apesar de todos os problemas, de às vezes ser muito cansativo, às vezes eu ficava exausta. É meio contraditório, mas ainda era uma coisa muito leve, acho que trazia muita satisfação de poder estar participando junto e poder tá criando essas coisas junto, tanto na oficina quanto na administração (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

A leveza é um indicativo que a prática de docência é uma vivência prazerosa, com advento da trama de vínculos formados com a terceira idade. O grupo proporciona pulsão de vida que emana no encontro e recarrega Elisa (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000), assim, forma um espaço contraditório que é cansativo, mas também energizante e que gera prazer.

A pulsão de vida surge em meio a um trabalho árduo de lidar com a alteridade e ministrar a aula/oficina. Jaime conta que o momento mais marcante de sua participação na UNATI foi ter que lidar com as diferenças entre cada aluno e também ter que manejar a situação para que essas diferenças não gerassem constrangimento entre os alunos idosos. Para ele:

*Um momento foi que, não lembro exatamente o conteúdo da aula, o que a gente tava vendo, mas na sala vi algumas diferenças entre as alunas no quesito de habilidades com a língua francesa. Uma delas já havia viajado, já tinha um contato maior do que o outro, isso em certo momento foi um fator de dificuldade para essa que não tinha tanto contato até então. Ela se sentia desmotivada, se comparava com a outra e com as outras colegas que já tiveram esse contato com o francês. Eu e a minha parceira que a gente dava aula em dupla, a gente ficou pensando, porque a gente percebeu isso, talvez esse constrangimento, a gente tentou conversar. **Então isso foi muito marcante, porque abriu também os olhos para esses constrangimentos, esses conflitos que têm em sala de aula, as diferenças de habilidade de cada aluno, as diferenças de conhecimento, dificuldade, de facilidade de cada sujeito singular que tem, isso também me orientou, junto com a minha colega a pensar como que a gente poderia driblar isso, resolver isso.** Então, foi um momento marcante, essa tensão de como a gente lida com isso, como que a gente lida com essas diferenças em sala de aula, respeitando as duas, a sala toda (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).*

Passar por essa dificuldade auxiliou o professor a tomar consciência de que cada sujeito é singular e plural em si mesmo (KAËS, 2007/2011). Cabe ao professor manejar essas singularidades para que o espaço da aula seja acolhedor para todos os idosos que desejam participar, a fim de possibilitar a criação de vínculos. Para tanto, Jaime decidiu conversar com a participante que estava desmotivada para entender seu ponto de vista:

A gente conversou com a aluna que tinha mais dificuldade, a gente perguntou como a gente poderia ajudá-la, a gente passou algumas dicas para treinar durante o dia, a gente perguntou o que faria ela mais contente, mais alegre ao entrar em sala, qual tema, vocabulário sobre família no francês, por exemplo, algo assim, que poderia fazê-la se sentir mais entusiasmada para as aulas, sentir mais animada também (ENTREVISTA JAIME).

Jaime demonstra um cuidado com os membros do grupo para manter a integração e acolher as dificuldades de cada um. Assim como sujeitos singulares e plurais se vinculam, a diferença pode proporcionar a desvinculação (KAËS, 2007/2011).

Contudo, há temas que precisam ser abordados com a turma que geram desconforto e estranhamento e que precisam ser manejados pelo professor/oficineiro. A entrevistadora pediu um exemplo de algum conflito, de alguma dificuldade que Jaime teve em relação ao vínculo com seus alunos idosos:

Acho que no dia que a gente foi falar para elas que não teria aula na semana, porque a Unesp, os funcionários lá da UNESP Assis iriam entrar em greve, foi no ano de

2019, que teve bastante manifestação pela educação, como algumas delas tinham e têm um posicionamento conservador, foi um pouco difícil falar disso, mas, a gente falou lá não vai ter aula nessa semana, porque os funcionários, inclusive a gente vai fazer parte da manifestação pela educação e que são importantes, justamente, também para manter a UNATI, porque a gente faz trabalho voluntário e demanda orçamento para coisas que a gente faz dentro de sala tudo mais”. Então acho que esse ponto (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

Jaime apresenta como o encontro com a alteridade de outro sujeito pode formar um embate e causar conflito. O docente identifica assuntos potentes para gerar conflito, então, toma cuidado na forma de dialogar e apresentar a situação para o grupo. A alteridade faz parte de cada sujeito e será apresentada no grupo (PUGET, 2015), sendo necessário um trabalho de manejo por parte do professor/oficineiro para lidar com a situação, ela pode gerar estranhamento entre o grupo e os docentes mesmo com os esforços para mediar esses momentos:

Algumas entenderam, outras acho que entenderam e ficaram balançadas meio receosas, mas foi isso. Eu lembro de um dia de uma ter mandado, porque a gente fez um grupo no WhatsApp e a gente recebeu correntes de WhatsApp sobre um jornalista fazendo transmitindo fake News apontando para homossexualidade do jornalista como fator de dúvida sobre o trabalho dele, sobre posicionamento político dele. Isso a gente comentou e eu e a minha colega comentamos sobre porque a gente tinha noção que algumas alunas tinham um Q conservador durante as aulas, mas foi isso algumas entenderam, apoiaram, disseram que é importante outras ficaram mais digamos que receosas (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

Outro exemplo pode-se observar com o relato de Gabriel ao apresentar como a diferença de opinião interfere no processo de ensino e aprendizagem. Ele almejava inserir nas oficinas exercícios técnicos para trabalhar a voz e desenvolver o canto, mas essas medidas não são aceitas pela turma que só quer cantar livremente, ou seja, quer que a oficina seja mais que uma possibilidade de lazer, negando aquele espaço como um lugar de desenvolvimento por meio de técnicas de canto. Assim, há uma confusão de expectativas perante a existência e o objetivo do mesmo.

E eles tinham certa resistência isso assim sabe “ah vamos fazer um exercício aquecimento” “mas para que que a gente vai aquecer?” Sabe mas isso assim desde até antes de eu entrar, sabe, eles não tinham se a compreensão por mais que a gente explicasse, oferecesse assim, eles compreendiam mas eu acho que ia até a parte disso talvez eu entendo isso como uma forma também, de por meio da aversão a gente percebe certos mecanismos. É eu imagino que muitos deles ali passavam por uma condição assim dia a dia de supressão de pessoas não querer ouvir elas de isolamento mesmo no período fora de pandemia. Então eles queriam chegar e fazer pelo menos uma vez uma coisa que eles queriam saber aí eu senti assim esse sentimento “não pelo menos aqui eu quero só cantar” sabe? Era meio que um desabafo assim não que eles tenham dito isso de alguma forma para mim, são sempre muito educados,

mas já falaram “ah Gabriel porque a gente não só canta?” (ENTREVISTA GABRIEL - grifos nossos).

O oficinairo demonstra compreender os motivos por trás dessa resistência dos idosos da oficina de Seresta. Entretanto, permanece nele o desejo de dar andamento com o processo de ensino e aprendizagem e introduzir novos elementos à oficina. O desejo é uma moção psíquica que quando não é realizada gera frustração (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000).

Gabriel deseja ministrar a oficina de um modo, mas os idosos possuem outro desejo o que gera um impasse e frustração. Em sua fala ele expressa como esse embate se estabelece em um espaço de respeito, pois Gabriel aponta que são sempre educados em suas colocações.

Então, tem o meu lado de preocupação com desenvolver um canto que não seja só cantar por cantar o que já é ótimo, mas cantar também pensando que é um exercício, é algo bom para saúde também, é uma coisa boa para a memória. Então assim existe o meu lado, mas também existe o deles que eu tentava entender que nós sobre tudo nós em conjunto, nós tentávamos entender, quando chegava nas reuniões no fim da Seresta (ENTREVISTA GABRIEL).

O grupo de professores/oficineiros que compartilhavam a tarefa de ministrar a oficina com o Gabriel investem um tempo refletindo sobre os desejos dos alunos idosos. Há um conflito de interesses, mas também existe um movimento de escuta e reflexão sobre o que está acontecendo e sobre como o grupo de docentes pode lidar com essa situação.

O ritmo assim como a vida é experienciado de modo diferente entre essas gerações o que causa um estranhamento inicial no vínculo. Os colaboradores da pesquisa mostraram que aprenderam a ter paciência ao longo do percurso como docentes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Quando perguntado sobre o que aprendeu trabalhando com essa faixa etária, Gabriel respondeu:

Paciência acho que é padrão né, tem que ter paciência para tudo, entender que são ritmos de vida diferentes né enquanto eu tô lá com 500 coisas para fazer e que minha vida, para mim, é aquele jeito. Para eles a vida talvez não tenha a mesma noção de velocidade, mas não significa que ela vale menos (ENTREVISTA GABRIEL).

Gabriel aprendeu a conviver e a ter paciência com essa diferença apresentada no vínculo e entendeu que não há uma forma errada, mas sim há maneiras distintas de vivenciar o tempo e isso faz parte da alteridade de cada sujeito. Jaime aponta de igual maneira que ter paciência foi o que ele, também, mais aprendeu trabalhando com essa faixa etária. Para ele:

Ter paciência, cuidado, porque eu particularmente sou bem elétrico. Acho que eu falo rápido durante a aula. Às vezes a gente tinha que parar e voltar um pouco, falar de outro modo, tinha que ter mais calma com elas, se aproximar mais, fazer uma letra mais bonita. Tem dia que eu tenho que escrever de forma mais clara, de forma maior do quadro, essas pequenas coisas de saber escrever no quadro é ter paciência com a estudante, com o estudante (ENTREVISTA JAIME - grifos nossos).

Das falas de Jaime e Gabriel destaca-se três pontos importantes: a) É um trabalho constante de olhar para as dificuldades das alunas e se dispor a se adaptar para conseguir ajudá-las; b) É um processo de levar em consideração as dificuldades e diferenças do idoso e construir uma possibilidade de manter a oficina; c) é possibilitar que o oficinairo também aprenda na prática por meio da reflexão constante em sua ação. Essas dificuldades são um choque intergeracional que os professores/oficineiros trabalham no vínculo com seus alunos. Para Jaime:

Cuidado de justamente entender esses percalços que tem, de uma ter que faltar na aula para fazer uma coisa de família, de faltar porque esteve doente, de saber explicar, de ter paciência de retornar, de ele falar de outro modo, de ter cuidado ao elaborar o conteúdo, de elaborar aula (ENTREVISTA JAIME).

Jaime apresenta um cuidado vincular para conseguir manter o objetivo de ensino/aprendizagem da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), importando-se em mediar as dificuldades no contato com o sujeito do vínculo e construir uma possibilidade de união a partir disso (KAËS, 2007/2011).

Constrói-se uma possibilidade de vinculação e de ensino/aprendizagem a partir das diferenças intergeracionais (FERRIGNO, 2010). O professor/oficineiro se mobiliza em prol da construção de um ambiente que acolhe e se enlaça com o sujeito singular. Maria apresenta o que mais aprendeu trabalhando com essa faixa etária:

*Eu aprendi, ah é complicado fazer essas reflexões assim, **mas eu aprendi a realmente pensar sobre o que é a pessoa, a entender as diferenças realmente, tipo, cada pessoa é uma pessoa única ali, tem um tempo de aprendizagem único e a gente tem que aprender a lidar com essas diferenças também.** A gente tem que saber não só seguir o nosso ritmo de “ah, hoje eu quero passar esse conteúdo, também eu quero passar aquele e aquele”, mas de conversar tipo, se apareceu uma dúvida, eu vou mudar e reestruturar a forma que eu penso, eu vou tentar fazer com que aquela pessoa sintasse satisfeita, vou resolver aquela dúvida, tirar aquela dúvida, uma mais ou menos isso (ENTREVISTA MARIA- grifos nossos).*

Maria fala de entender o ritmo de trabalho com idosos, de permanecer flexível e disponível a adaptações para cumprir o objetivo da aula. Essas práticas são decorrentes do

entendimento da alteridade de cada sujeito da aula e de como cada um é único na dinâmica do grupo. Enquanto professora, Maria se esforça para mediar essas dificuldades e alteridades em prol do ensino/aprendizagem e do vínculo do grupo.

Sobre as dificuldades, não digo de dificuldades específicas da UNATI, é que em todos os lugares, todo mundo, todo nível, desde criança, todo mundo tem um nível de aprendizagem diferente. A gente tem que aprender a lidar com isso, é o que eu falo da UNATI, porque foi minha primeira e única experiência até o momento, mas com certeza me ajudou a evoluir como pessoa e como professora, porque eu já tinha experiência prévia também de viver com meus avós (ENTREVISTA MARIA - grifos nossos).

Essa é a primeira experiência da Maria dando aula e, certamente, deixou marcas intrapsíquicas que vão influenciar nas suas próximas turmas de docência. Ela relata que na sua participação na UNATI aprendeu a levar muitas coisas em consideração e a lidar com as diferenças. São questões que ela já imaginava ter que lidar durante sua carreira e a UNATI auxiliou no início da jornada como professora.

Os entrevistados estão iniciando na vida profissional e a participação na UNATI proporciona alguns aprendizados que serão levados para os próximos vínculos. Parte deles é lidar com a alteridade do outro, entender o tempo e o ritmo do idoso, suas vontades, sua necessidade de ter voz e ser escutado no grupo. São questões aprendidas a partir do contato vincular e de ensino/aprendizagem proporcionado pelo programa.

4.3.6 Olhar-se no espelho

Até aqui apresentou-se os vínculos criados pelos professores/oficineiros com a administração e com os alunos idosos. Além disso, discutiu-se também o comprometimento com o trabalho e a necessidade de mediação de conflitos. Nesta seção, a questão da identificação dos docentes com a terceira idade será abordada.

A oficina Encontros Com a Terceira Idade é formada por um grupo de cinco a oito mulheres idosas e três estagiárias da graduação em psicologia da UNESP de Assis. A oficina acontece semanalmente e são realizadas conversas, dinâmicas grupais e reflexões sobre o processo de envelhecimento. Esse é um grupo composto totalmente por mulheres com faixa etária diversa.

Juliana ministrou essa oficina e relatou uma dinâmica realizada com esse grupo, que consistia em dar um espelho para cada participante se olhar e dizer como se sente quando se vê. Esse momento proporcionou reflexões sobre as marcas no corpo provenientes do processo de envelhecimento e como o social se relaciona com essas percepções e sensações. O grupo aproveitou para compartilhar e trocar experiências sobre as pressões estéticas e sociais que impõem um ideal de beleza, do corpo jovem, sem rugas e cabelos brancos.

Percebe-se no ato de olhar-se no espelho e nas discussões propostas pela oficina um movimento do oficinairo de refletir sobre o seu próprio processo de envelhecimento e também sobre a construção de um enlace íntimo e afetivo de acolhimento das angústias entre as mulheres que compõem o grupo da oficina.

As estagiárias que ministraram a oficina também participaram da dinâmica e se olharam no espelho. É uma ação que gera uma horizontalidade relacional entre as idosas participantes e as oficinairas, auxiliando no processo de construção de um vínculo. Ademais, corrobora no desenvolvimento da sensação de segurança entre as participantes para contar suas dificuldades. Juliana explicou a dinâmica assim:

A gente passou por todo mundo, porque na maioria das atividades, a gente também fazia justamente isso, para elas verem que nós também passamos por algumas dificuldades, assim como elas, que essas dificuldade talvez sejam as mesmas e trazer um outro olhar para elas (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

Olhar-se no espelho também é uma experiência que pode ser desconfortável, porque é um momento de entrar em contato com algumas inseguranças. Quando as oficinairas participam da dinâmica, corroboram com o desenvolvimento da empatia, da necessidade de se colocar no lugar do outro em determinada situação. Juliana relata como essa experiência serviu para aproximar mais o grupo:

*Então, quando a gente passou os espelhos, primeiro foi para elas, para mim, assim, eu parei pensei, eu olhei e já ia passar para o lado o espelho. Aí pensei, não, vou parar e olhar, eu olhei no espelho, vi o que eu gostava em mim e vi o que eu não gostava. E era para a gente falar depois o que a gente gostava em nós mesmos, falar algo positivo e foi um momento que eu parei e olhei realmente. **Eu via o incômodo e o desconforto que elas tinham de pegar o espelho e olhar, eu senti esse desconforto. Só que eu parei e me forcei um pouquinho a olhar.** Era bem interessante isso da gente fazer também as atividades, porque tanto é que elas tinham um olhar sobre nós diferente, a gente percebia que elas estavam também ali sofrendo com alguma coisa, às vezes era o mesmo que a gente. **Então, isso acaba aproximando ainda mais todo mundo** (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).*

As oficinas se identificaram com as reflexões propostas pelas idosas e foi um momento de olhar para suas próprias inseguranças com a aparência, apesar da diferença de idade. A identificação é um “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000, p. 226).

O sujeito se constitui e se diferencia dos outros por meio de várias identificações formadas no vínculo (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). Percebe-se que são gerações diferentes de mulheres vivenciando situações semelhantes, de pressões estéticas e sociais sobre como os corpos femininos devem ser. O vínculo existente entre elas proporciona um espaço intersubjetivo de diálogo e aprendizagem mútua de como lidar com essas questões.

O espaço intersubjetivo possibilita o compartilhamento de conteúdos pré-conscientes e conscientes para os outros membros do grupo (KAËS, 2007/2011). A oficina instiga a reflexão e a elaboração dos assuntos relacionados às pressões estéticas do feminino e ao processo de envelhecimento que emanam do olhar-se no espelho.

Os conteúdos latentes do pré-consciente de um membro do grupo são passados por meio do espaço intersubjetivo para que os outros possam elaborar e simbolizar (KAËS, 2007/2011). Assim, as oficinas podem aproveitar desse espaço para elaboração de suas próprias angústias e questões pessoais. Elas estão presentes com o objetivo principal de mediar as discussões, mas também fazem parte do grupo e do espaço intersubjetivo, então, se beneficiam desse lugar.

Juliana traz seus questionamentos pessoais que aparecem por meio do contato com o grupo de mulheres. Ela fala da concepção social de que não se pode ter marcas no corpo do processo de envelhecimento. Essa ideia agrega mais uma pressão social sobre o corpo feminino, que é a busca por barrar as marcas da idade avançada. A oficina pode refletir como a pressão estética permanece ao longo das gerações e atinge sua própria identidade e a maneira de ver o corpo.

Elas eram muito abertas e você ouvindo a história delas, algumas coisas você se identifica, como a maneira que elas olham para si mesmas. Naquelas vezes não se sentiam bonitas, elas não se sentiam naquele padrão e sentia muita pressão por está envelhecendo e hoje, né, no mundo, você não pode envelhecer, o que é ridículo. Então você vendo aquilo e você olha para si mesmo e percebe “nossa também tenho a mesma dificuldade eu me identifico com isso que elas tão falando”. Quando a gente fez a atividade com o espelho, o jeito que elas falavam que elas se viam no espelho e que elas não se viam, que, elas passavam rápido o espelho, isso foi muito identificatório (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

O contato com as mulheres idosas da oficina compõe a rede de identificações da oficinaira. Esse é um grupo interno formado ao longo da vida por meio do estabelecimento de vínculos com sujeitos distintos, compondo uma “pluralidade de pessoas psíquicas” (KAËS, 2007/2011). As participantes da UNATI se tornam parte do psiquismo da oficinaira, deixando sua marca na vida dela e vice versa.

Das identificações surgem as emoções despertadas por meio do contato com as mulheres idosas e o vínculo entre elas junto da proposta da oficina são receptivos para que essas sensações e sentimentos sejam expressados. Faz parte da dinâmica do grupo falar sobre o que está sentindo.

*Então, eu sabia que eu poderia ser eu mesma ali naquele grupo, falar sobre mim, porque teria uma aceitação delas também. Então, isso facilitou bastante para eu estar ali e não criar um personagem na aula, uma pessoa que está se sentindo confortável para falar e ninguém vai perceber. Não, eu era eu mesma e estava confortável para estar naquele lugar. Não precisava ficar com uma cara, sabe? Plastificada e tranquila, não! Se eu quisesse rir, eu ria, se eu não quisesse, eu não ria, quando eu queria comentar alguma coisa, eu comentava e **foi um espaço bastante assim, de aceitação entre todos, assim** (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).*

Juliana se sente livre para expressar sua pluralidade e não manter uma postura "plastificada" durante os encontros. Faz parte do objetivo do grupo que haja segurança em expressar sentimentos e reflexões para participar das dinâmicas propostas pelas oficinairas, como olhar-se no espelho.

A ação de olhar-se no espelho também contribuiu para as oficinairas refletirem sobre seu próprio processo de envelhecimento e o que almejam quando alcançarem a terceira idade. É um momento de olhar para si e poder dialogar com outras mulheres sobre o que vê e as sensações presentes naquele momento. Desta maneira, “o projeto é a construção de uma imagem ideal que o eu se propõe a si mesmo, imagem que poderá aparecer em um espelho futuro, como o reflexo de aquele que olha” (AULAGNIER, 1979, p. 154).

O espelho funciona como uma metáfora para orientar as pessoas a olharem para si e para seu processo de envelhecimento. Ele é um mediador que auxilia o sujeito a colocar em palavras as suas experiências e sentimentos perante essa fase da vida. E o contato intersubjetivo possibilita que as oficinairas tirem um tempo para pensarem sobre esses temas. Juliana comentou sobre suas reflexões a respeito do processo de envelhecimento:

Mas uma outra coisa que eu aprendi bastante com elas foi isso, a maneira que eu olho o envelhecer e o meu próprio envelhecimento. Foi uma coisa muito positiva, porque a gente olha aqueles casos bem negativos que sempre divulgam que as pessoas estão chegando em um asilo, como se não tivesse nenhuma possibilidade ou uma pessoa asilada já. E você tem contato com esse tipo de velhice, porque são várias velhices. Você vê mais possibilidades, aí você vai escutar um pouquinho sobre os idosos asilados, você vê a possibilidade que tem ali. Você percebe que eles também estão sofrendo com algumas coisas, mas eles também podem construir muitas outras coisas e que não é um fim de uma linha, só uma continuidade (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

Na sua prática comoicineira, ela aprendeu que a velhice é diversificada e carrega em si a pluralidade humana. Há diferença entre a imagem social apresentada e as experiências pessoais que aicineira possui sobre como é a velhice. A entrevistada reconhece que até mesmo os asilados que são vistos de modo negativo, possuem potência de vida e novas realizações. Ver os outros sujeitos gera a reflexão sobre sua própria velhice, que terá partes difíceis, potências de vida e talvez uma imagem social negativa. De acordo com Juliana:

[...] E de outras que eram mulheres assim sabe vinham todas arrumadas com cachecol, chegavam falando de viagens e tinha aquela identificação de “nossa eu quero ser isso quando eu crescer”, porque o jeito que elas se portam no mundo, o jeito que elas falam com a gente que é do jeito que elas falam com os outros, são mulheres que você parava e pensava “que mulheres maravilhosos”. Então era um exemplo de mulheres que um dia eu queria ser, que eu quero ser, eram assim as identificações (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

A entrevistada fala de mulheres as quais ela deseja se espelhar e que compõem a maneira como ela se imagina nessa faixa etária. Juliana se identifica com elas, logo, as torna modelos a serem seguidos pelo ego e compõe a conjectura do que quer para seu futuro. É possível inferir que no espaço grupal emergem identificações de características que o sujeito deseja para si, mas ainda não possui (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000). Sobre suas identificações, Juliana comentou:

Acho assim, o jeito que elas falavam, o que elas traziam. Teve essa mulher assim que eu já falei que ela fica quietinha ali na cadeira dela, pegava o caderninho abria e todo dia de grupo era assim: ela sentava, abria o caderninho, pegava a caneta e ficava olhando, aí quando ela ouvia alguma coisa que era interessante, ela escrevia, sabe? Às vezes ela não comentava muito, mas ela escrevia tudo num caderninho, o que ela ouvia, aí quando ela comentava, era uma coisa assim, muito pensada, assim, que ela tava vendo, o que as outras tava falando o que a gente comentou, ela pega e solta aquilo que ela tava sentindo realmente no momento. Ela não dispara a falar, ela pensava muito antes no que ia falar ou não, do que trazer ou não, ela trazia quando se sentia confortável essa também, assim, foi alguém que eu tinha bastante identificação (ENTREVISTA JULIANA- grifos nossos).

A oficinaira descreve o jeito de uma participante que mais se assemelha com seu jeito de ser e agir. É possível observar o valor que a entrevistada atribui a esse comportamento de ter falas mais pontuais e pensadas no ambiente grupal em contrapartida de alguém que é mais verborrágico. A semelhança entre elas contribui para a oficinaira ter maior proximidade com essa mulher do que com as outras participantes, para Juliana:

*[...] eu me identificava mais com umas, menos com outra, assim, eu acho que isso acaba sendo normal. Igual dessa mulher que eu comentei, eu me identifiquei muito com ela, era a que eu mais ficava conversando depois do grupo em si, porque ela era uma mulher negra, **ela era minha mulher mais velha** (ENTREVISTA JULIANA-grifos nossos).*

A identificação com essa participante também é proveniente de vivências parecidas em relação a ser uma mulher negra²⁵. A oficinaira aponta que tem mais proximidade com essa mulher, porque ela é negra assim como a entrevistada, assim, as histórias e experiências dessa mulher têm um impacto diferente em comparação com as outras mulheres da oficina. Em suas palavras:

*Então, eu gostava do que ela falava, eu me identificava bastante e tinha outras que tem uma linha de pensamento um pouquinho mais, como posso dizer? Que fala de umas coisas um pouquinho mais místicas, mais doidinhos, que era um tipo de terapia, que eu até hoje não entendi a terapia que ela fazia, quando ela falava eu me dedicava para ouvir, mas pensava assim “como ela tá falando isso?” Eu entendia o que ela tava falando, mas só que eu ficava pensando, “mas como? Como ela gosta disso? Como ela se identifica com isso?” **Então o que ela trazia não tinha o mesmo peso que uma outra pessoa trazia, mesmo eu entendendo a dor dela, mas em mim o que eu sentia era diferente, eu não sentia tanto peso quanto eu sentia na fala de outra pessoa** (ENTREVISTA JULIANA - grifos nossos).*

Nesse trecho Juliana, comenta como se sente quando as participantes da UNATI trazem suas histórias durante os encontros. Demonstra que o grupo é heterogêneo e estabelece vínculos diferentes com cada membro, o que influencia na sua forma de escutar as participantes. Sua escuta está atrelada ao modo como ela se identifica, com suas formações intrapsíquicas e vinculares estabelecidas antes da oficina.

Os outros cursos/oficinas não possuem essa dinâmica do espelho, mas é possível perceber que passaram pelo mesmo movimento de olhar para si e refletir sobre o próprio

²⁵ Observa-se que o termo em questão, faz parte de um campo de disputa. Enquanto defende-se que foi criada uma semântica de positividade em volta do termo negra. Entende-se que em virtude das políticas de branqueamento racial presentes no século XX, o termo mais apropriado para a valorização social-racial seria preta. Devido às controvérsias, na dissertação usa-se o termo utilizado pela entrevistada.

processo de envelhecimento. Ou seja, o processo de identificação também se apresenta, ainda que com mediadores e ambientes diferentes. Elisa contou sobre o que se identificava:

Eu acho que me identifico quando são histórias que me remetem à minha família, histórias que eu ouvia da minha bisavó, da minha avó. Então, poder ouvir isso do lugar que elas ocupavam tem uma identificação ou tem uma identificação com a personalidade delas. Alguém que tem uma personalidade mais parecida com a minha, ou às vezes não, alguém que é muito diferente de mim, assim, como que você vai lidar com isso no encontro. Acho que identificação um pouco nesse sentido de, personalidade, mesmo também (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Elisa apresenta a identificação com as histórias e com as singularidades dos participantes da oficina de Teatro. Conta sobre um momento que olhou para o outro e identificou características que ela quer para si mesma.

Eu acho que eram bem variados também, eu penso que algumas, por exemplo, uma aluna que ela era muito agitada e ela tinha uma energia que eu assim tenho muita inveja, porque é uma energia que era absurda, porque ela pulava, ela ia de um lado para o outro e ela tava sempre alegre e sempre disposta e com muita energia. Eu ficava “meu Deus, eu com 20 poucos anos não tenho metade da energia dela”. Então eu não identificava em nada com isso mas era uma coisa que eu admirava muito né, porque ela tava sempre muito aberta, muito disposta mesmo que às vezes ela tivesse as dificuldades dela de conseguir acompanhar alguma coisa, ela tava sempre com muita energia (ENTREVISTA ELISA - grifos nossos).

Elisa se admira com a disposição da mulher, mas não possui essa disposição enérgica para as atividades da oficina. O idoso, na sociedade atual, carrega o estigma de não ter disposição para a realização de atividades físicas, contudo, nessa fala observa-se a inversão dos papéis. A oficinaira, que faz parte da idade adulta jovem, não possui a energia estimada para sua faixa etária para a realização de dinâmicas da oficina (FERRIGNO, 2010). Esse momento também proporciona uma mudança de paradigma sobre o que é ser velho e/ou o que é ser jovem.

Alunas e oficinaira juntas refletem sobre os papéis sociais do jovem e do velho, sobre o modo de agir, de se comportar, de se vestir e de parecer fisicamente. O grupo permite a elaboração das angústias e questões relacionadas a esse tema diante das percepções distintas de seus membros. A singularidade de cada sujeito tem potencial criativo para o grupo lidar com os temas que emergem durante as atividades mediadoras.

Os professores/oficineiros têm a oportunidade de aproveitar esses espaços enquanto membros do grupo para elaboração e construção da percepção sobre o mundo. E também recebem o que é transmitido intergeracionalmente, de pessoas que veem muita bagagem quando se olham no espelho. É a transmissão de assuntos valorosos para agregar à rede de

identificações, ao imago e às instâncias do aparelho psíquico. Então, o vínculo com os idosos deixa marcas intrapsíquicas que permanecerão no sujeito, quando ele fizer a reflexão de olhar-se no espelho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise das entrevistas foi possível comprovar a hipótese que deu origem a essa pesquisa, de que a UNATI é um espaço de estabelecimento de vínculos ímpares na vida dos docentes. Os vínculos estabelecidos com os alunos vão além do espaço da sala de aula e constituem enlaces que desejam levar para a vida. O ambiente do programa corrobora para que haja essa proximidade entre professores/oficineiros e alunos da terceira idade.

A proposta de funcionamento do programa tem como objetivo a prestação de serviço para a terceira idade e como complemento proporciona um tecido vincular formado entre os docentes, os alunos da terceira idade e os membros da administração.

A fundadora da UNATI, campus Assis, esperava que o projeto tivesse um caráter de socialização e inserção social do idoso para além do ensino e aprendizagem, como um espaço de encontro e aprendizado intergeracional. Pode-se observar que esse desejo foi alcançado e que é formado um espaço de co-pensar e co-aprender entre os envolvidos do programa.

É estabelecido um vínculo entre docentes e a terceira idade carregado de nuances e cercado pela instituição. A UNATI estabelece uma dinâmica de funcionamento que influencia no co-pensar e no co-aprender, por meio dos desejos que mobilizam a formação desse espaço.

A UNATI de Assis carrega em sua essência contribuições da França, país que deu origem ao programa, instiga reflexões sobre a prestação de serviço para a comunidade da terceira idade. A UNATI de Assis foi criada na década de 90, com o passar do tempo, muitas pessoas trabalharam em prol do programa e fizeram parte da construção de seus ideais de funcionamento.

Os professores/oficineiros carregam em sua prática a herança da história que deu origem às Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI) no mundo e no Brasil. Fazem parte de uma instituição cercada de discussões e contribuições acadêmicas para a área do envelhecimento humano.

Nesse espaço, o docente constrói sua prática com o auxílio da UNATI e dos participantes da terceira idade, visto que para os entrevistados e para a maioria dos colaboradores do programa essa é a primeira experiência dando aula. O professor/oficineiro é herdeiro dos ideais do programa e beneficiário desse espaço, podendo contribuir com seu

potencial criativo para a história do programa que o acolhe, sendo um elo entre o passado e o futuro da instituição.

Os docentes propiciam um espaço aberto para as contribuições dos alunos da terceira idade, que carregam uma bagagem existencial frutífera para eles e para as novas gerações. Juntos, formam uma proposta que comporta o que Kaës, Puget e Berenstein destacam como vínculo e a valorização da alteridade do Outro como sujeito que interpela e permite um crescimento pessoal e profissional. É nesse vínculo intersubjetivo que se dão as tramas de reconhecimento do valor do aprendizado intergeracional.

Percebe-se a formação de um vínculo estreito, afetuoso e acolhedor entre os docentes e os participantes da terceira idade e a construção de um ambiente seguro para expressão da singularidade de cada sujeito do grupo, com respeito e consideração ao próximo.

É um vínculo em que as partes possuem liberdade de falar de seus sentimentos e problemas existenciais que os mobilizam naquele momento do encontro. Esses assuntos são abordados em sala de aula, são acolhidos e inspiram um co-pensar, formando uma dinâmica grupal de escuta e cuidado com o outro.

Os docentes e seus alunos da terceira idade possuem uma rede de escoramento (*anlehnung* em alemão), em que um escora (apoiar) o outro e dá sustentação para as questões que são levadas ao grupo. Essa dinâmica não homogeniza, mas mantém a pluralidade dos diversos sujeitos que compõem a trama do tecido vincular.

Esse vínculo acolhe, muitas vezes, professores/oficineiros com dificuldades de falar em público que possuem medo ou receio dessa atividade. Há duas entrevistadas com essa característica que encontraram na UNATI um lugar seguro para enfrentar suas questões graças à rede de escoramento produzida nesse espaço. Essas pessoas conseguiram elaborar essa adversidade com o passar do tempo exercendo a função de docência.

Na decisão dos docentes de escolher a UNATI em meio a tantos outros programas de extensão da UNESP, campus Assis, encontra-se o desejo de contribuir com a velhice por conta dos vínculos anteriores estabelecidos com essa faixa etária. Assim, buscam essa iniciativa em parte para resgatar esses enlaces e alianças conscientes e inconscientes.

Trabalhar com a velhice traz as lembranças e os afetos vinculados com essa faixa etária no ambiente familiar, como nas seguintes falas: "*Então eu convivi muito com meus avós e bisavós*"(Elisa) e "*Eu sempre vivi com os meus avós, então eu tenho essa aproximação, tenho essa*

afinidade com idosos" (Maria). Destaca-se que os docentes entrevistados vêm de outras cidades para cursar o ensino superior em Assis, passam a ver a família com menos frequência e buscam estabelecer novos contratos narcísicos secundários que resgatem os elos familiares.

Observa-se um movimento de identificação com os alunos da terceira idade, com o modo como são ativos, participativos, cheio de sonhos, sendo uma época potente para a construção de novas experiências, características que os docentes almejam para si, em suas próprias velhices. E também de identificação com questões relacionadas ao feminino na sociedade contemporânea, como as pressões sociais perante o corpo da mulher e as marcas da velhice, visto que a maioria das participantes são mulheres. Assim, os alunos instigam os docentes a olhar-se para si e a refletirem sobre os seus desejos para o futuro.

Entretanto, os docentes também enfrentam dificuldades no convívio com a terceira idade, com as quais eles precisam lidar para dar continuidade à aula/oficina. Em geral, são questões que emanam do encontro com o *ajeno* do outro, no caso, a diferença entre gerações e a forma diferente de lidar com o tempo.

Durante as aulas/oficinas há conflitos (desavenças, opiniões diferentes e desentendimentos) entre os alunos que precisam da intervenção dos docentes. Observa-se um movimento dos docentes em manter a calma e trabalhar a escuta na busca de soluções para os conflitos apresentados.

Atualmente, os docentes lidam com as adversidades causadas pela pandemia que impediu o funcionamento presencial das aulas/oficinas. Há tentativas de manter o trabalho por meio de plataformas digitais, mas há impedimentos para essa prática que fazem com que ele funcione de maneira restrita. Os docentes também demonstram saudades por esse laço que agora está se desprendendo e falam com nostalgia sobre as aprendizagens proporcionadas pelo vínculo com a terceira idade.

Entre as falas dos docentes constata-se ainda a presença de transmissões intergeracionais, resultado dos encontros com o outro, o *ajeno*. Entretanto, essa pesquisa não teve pretensão e instrumentos metodológicos para a abordagem e análise desse importante tema. Entende-se que é uma temática a ser pesquisada em trabalhos futuros.

Essa pesquisa tem o objetivo de contribuir para o entendimento do tecido vincular formado na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) pelo viés da psicanálise vincular e reconhece que o processo ensino/aprendizagem é enriquecido pelo contato entre duas gerações

tão distintas. Os achados na pesquisa mostram que o ideário presente no ato da fundação se mantém, pois o valor do contato afetivo, emocional e social das pessoas envolvidas com o projeto permanece para além das matérias ensinadas.

REFERÊNCIAS

ALVES JED. **A transição demográfica e a janela de oportunidade**. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 2008.

ANZIEU, Didier. **O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993. p. 227.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Edições 70, 1977/2011.

BARROS, Marcelo Alves, LABURÚ, Carlos Eduardo, ROCHA, Zenaide. Análise do vínculo entre grupo e professora numa aula de ciências do Ensino Fundamental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 13, n. 2, p. 235-251, 2007.

BATISTA PINTO, Elizabeth. A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 71-80, 2004.

BERENSTEIN, Isidoro. **Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade**. São Paulo: Via Lettera, 2011. p. 158.

BERENSTEIN, Isidoro. **Devenir otro con otro: ajenidad, presencia, interferencia**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2004.

BERNARD, Marcos. **El trabajo psicoanalítico con pequeños grupos**. Buenos Aires: Lugar editorial. 2006.

BION, R. Wilfred. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

BLEGER, José. **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2003.

BRAGA, Roana; CORREA, Mariele. Experiências de envelhecimento masculino. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**: Londrina, v. 12, n.1, p. 133-157, 2021.

BRAGA, Roana; CORREA, Mariele. Envelhecimento feminino e subjetividade. In: Diamantino, Rui (Org). **As ciências humanas e a produção criativa humana II**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

CACHIONI, Meire. Gerontologia educacional/ educação gerontológica. In: Neri, Anita.L. (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 3. ed. Campinas (SP): Alínea. 2008.

COELHO, Nelson. **A noção de objeto na obra freudiana**. Ágora: São Paulo. v. IV n. 2. 37-49. 2001.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999

DEL-MASSO, Maria Candida, S.; ANDRIATTO, Anderson, A. **UNATI: espaço aberto ao ensino e à criatividade**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2012.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações**. São Paulo: SESC. 2010.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Vol.18. Brasil: Imago. 1920-1922.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM editores. 2010. p. 90.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Vol. 13. Brasil: Imago. 1913-1914.

FREITAS, Elizabete. PY, Lúcia. **O tratado de geriatria e gerontologia** (4ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan LTDA.

GOMES, Isabel, C; LEVY, Lidia. A psicanálise vincular e a preparação de crianças para a adoção: uma proposta terapêutica e interdisciplinar. **Contextos Clínic**: São Leopoldo , v. 9, n. 1, p. 109-117, 2016.

GOMES, Lucy et. al. Universidades abertas da terceira idade. **Revista História da Educação**: Rio Grande do Sul, Capa, v. 9, n. 17, 2005.

IBGE. **Projeção da população** (2019). Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm Acesso no dia 18 de fevereiro de 2021.

JAROSLAVSKY, Ezequiel A. Entrevista a René Kaës. **Intercambios, papeles de psicoanálisis / Intercanvis, papers de psicoanàlisi**, [en línia], n. 35, p. 63-73, 2015.

KAËS, René. Apuntalamiento y estructuración del psiquismo. Buenos Aires: **Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo**. v.15, n.2, 3-4, 1984/1999.

KAËS, René. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009/2014. p. 240.

KAËS, René. **As teorias psicanalíticas do grupo**. 1ª ed. Lisboa- Portugal: CLIMEPSI Editores, 1999/2003.

KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 1976/2017. p. 360.

KAËS, René. **O complexo fraterno**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2008/2011. p. 320.

KAES, René. A realidade psíquica do vínculo. **Rev. bras. psicanál.** São Paulo , v. 45, n. 4, p. 155-166, dez. 2008/2011.

KAËS, René. **Um singular plural:** a psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Edições Loyola, 2007/2011. p. 248.

LAPLANCHE, Jean, P. T; PONTALIS, Jean. B. **Vocabulário da psicanálise.** 4ª Ed. 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEVISKY, Ruth. DIAS, Maria Luiza. LEVISKY, David Léo (Org). **Dicionário de psicanálise de casal e família.** São Paulo: Blücher. 2021

MARTINS, Edna Júlia Scombatti. **De volta à escola:** investindo em uma proposta de universidade aberta à terceira idade. Tese Doutorado, UNESP Assis, 1997.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev Bras Geriatr Gerontol.** v. 19, n. 3, 2016, 507-19.

NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira. **Cartilha:** Direitos humanos das pessoas idosas. Lorena: Gov. 2013.

NICOLLE, Olivier; KAËS, René. **A instituição como herança:** mitos de fundação, transmissão, transformações. São Paulo: Editora Idéias & Letras. 2008/2011, p. 223.

OLIVEIRA, Rui Aragão. Do vínculo às relações sociais: Aspectos psicodinâmicos. **Aná. Psicológica,** Lisboa , v. 18, n. 2, p. 157-170, jun. 2000.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Silva, SCORTEGAGNA, Paola Andressa, OLIVEIRA, Flávia da Silva. (2015). Extensão universitária: Perspectivas e ações para a terceira idade. In: Oliveira, R. C. S., & Scortegagna, P. A. (Orgs.), **Universidade Aberta para a Terceira Idade:** O idoso como protagonista da extensão universitária (pp. 21-38). Ponta Grossa, PR: Editora UEPG.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Envelhecimento ativo:** Uma política de saúde (S. Gontijo, Trad.). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PICHON-RIVIÈRE. **Teoría del vínculo.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1979

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista Saúde Pública.** São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995.

PIVA, Angela. **Vincularidade:** teoria e clínica. São Paulo: Zagodoni editora. 2020.

PUGET, Janine. Del entre dos subjetivante al entre dos expulsivo: diversas vicisitudes vinculares. **Revista do Nesme**. São Paulo, v.12, n. 1, p. 1-6, 2015.

PUGET, Janine. **Subjetivación discontinua y psicoanálisis**. Buenos Aires: Lugar editorial. 2015.

PUGET, Janine. Intersubjetividad: crisis de la representación / Intersubjectivity: crisis of the representation. **Psicoanálisis**: Buenos Aires, 25(1): 175-189. 2003.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329 - 348. 2004.

ROZENDO Adriano Silva. Entrevista com o professor François Vellas, Ph.D. **Rev Bras Gerontol**, São Paulo. v. 18, n. 1, 213-217, 2015.

SEGOVIANO, Mirta. Transmisión psíquica: escuela francesa. **Psicoanálisis & Intersubjetividad**, 3, Buenos Aires: Argentina 2008.

SCHLACHTER, Lina; BEIVIDAS, Waldir. Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 207-227, 2010.

TRACHTENBERG, Ana Rosa; Et al. Transgeracionalidade, de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. 1ª ed. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 2005.

TRACHTENBERG, Ana Rosa; et. al. Vir a ser outro com outro-s: tributo a Isidoro Berenstein. **Psicanálise**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, 181-189, 2013.

ZIMERMAN, David. **Bion da teoria à prática**: uma leitura dinâmica. Porto Alegre: Artemed. 2004/2008.

ANEXO 1

Roteiro norteador das entrevistas

1. Qual a sua idade?
2. Há quanto tempo faz parte da UNATI?
3. Faz parte da UNESP de Assis? Qual curso?
4. Qual oficina ou aula você ministra?
5. O que te motivou a ser professor da UNATI? Me conta o que te trouxe até a UNATI.
6. Como você se sente fazendo parte da UNATI?
7. Como você se sente quando está com seus alunos? O que eles te suscitam? O que eles te fazem pensar? Conta algum momento com seus alunos que te marcou, que foi importante com seus alunos.
8. O que você aprendeu trabalhando com essa faixa etária?